

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALINE PELEGATI

**VALORES HUMANOS NO
ESPORTE DE COMPETIÇÃO:
Reflexões a partir da pedagogia
do treinamento e do método de
análise de conteúdo aplicado a
declarações midiáticas**

Campinas
2007

ALINE PELEGATI

**VALORES HUMANOS NO
ESPORTE DE COMPETIÇÃO:
Reflexões a partir da pedagogia
do treinamento e do método de
análise de conteúdo aplicado a
declarações midiáticas**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Montagner

Campinas
2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

P362v

Pelegati, Aline.

Valores humanos no esporte de competição: reflexões a partir da pedagogia do treinamento e do método de análise de conteúdo aplicado a declarações midiáticas / Aline Pelegati. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador(a): Paulo César Montagner.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Pedagogia. 2. Treinamento. 3. Competição. 4. Valores I. Montagner, Paulo Cesar. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

ALINE PELEGATI

**VALORES HUMANOS NO ESPORTE DE
COMPETIÇÃO:**

**Reflexões a partir da pedagogia do
treinamento e do método de análise de
conteúdo aplicado a declarações
midiáticas**

Este exemplar corresponde à redação
final do Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) defendido por Aline Pelegati
e aprovado pela Comissão julgadora em:
___/___/___.

Prof. Dr. Paulo César Montagner
Orientador

Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino

Campinas
2007

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, que me concedeu a oportunidade de estudar e crescer profissional e pessoalmente.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a meu querido pai, Mauro Pelegati, que sempre foi exemplo, orgulho e fonte de inspiração ao longo destes anos.

À minha querida mãe, Maria Margarida Trombetta Pelegati, que sempre esteve ao meu lado no decorrer deste processo de formação, me apoiando e aconselhando incansavelmente.

A todos os professores que foram verdadeiros mestres e educadores durante a minha formação, em especial Jocimar Daólio, Elaine Prodócimo, Edison Duarte, Mara Patrícia Traina Chacon-Mikahil e Roberto Rodrigues Paes. Vocês serão eternamente lembrados pela dedicação e amor à docência que fazem a diferença em nossa formação.

Ao professor Hermes Ferreira Balbino, cuja brilhante mente contribuiu em grande parte para as idéias deste trabalho, obrigada pela força!

Às colegas de Faculdade, que fizeram parte desta caminhada como verdadeiras irmãs de coração: Tais, Cris, Liane e Julia. Sem vocês este curso não teria a mesma importância!

Ao meu namorado, amigo, confidente e grande amor, Bruno Eduardo Gobbi Dias, por todo o apoio, ajuda e compreensão durante estes últimos meses. Te amo.

A todos aqueles que contribuíram para a minha formação como profissional-educadora e me ensinaram na prática que o treinamento esportivo é, acima de tudo, um processo educativo, incitando em mim a vontade de estudar sobre este tema. Em especial Cássia, Léo e Átila. Vocês são profissionais que fazem o diferencial da nossa profissão. Obrigada pelo aprendizado.

Por fim, meus agradecimentos ao meu orientador, Paulo César Montagner, por toda a instrução, incentivo, disposição e confiança neste trabalho. Obrigada por tudo!

"O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos."

Rubem Alves

PELEGATI, Aline. **Valores Humanos no Esporte de Competição**: reflexões a partir da pedagogia do treinamento e do método da análise de conteúdo aplicado a declarações midiáticas. 2007. 168f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

A relação entre o esporte de competição e a educação vem se constituindo como um tema extremamente controverso dentro da Educação Física. Na perspectiva da pedagogia do treinamento, enfatizamos a importância de tornar o esporte de competição um ambiente propício ao desenvolvimento moral e aberto à temática dos valores humanos. Em nossa revisão bibliográfica, discutimos temas como a relação esporte-educação, a competição esportiva e as dicotomias entre educação e competição e entre cooperação e competição, além de abordarmos a temática dos valores humanos, ética e moralidade dentro do esporte. A partir deste referencial, o objetivo deste trabalho configurou-se em discutir temáticas referentes aos valores humanos que, conforme sua literatura, encontram-se presentes no cotidiano das práticas esportivas de alto-rendimento. Fizemos isso através do método de análise de conteúdo, aplicado a declarações midiáticas de atletas, dirigentes, comentaristas e demais pessoas envolvidas com o esporte, buscando encontrar um diagnóstico que nos permitiu contribuir para uma melhor compreensão desta relação e do tema como um todo. As análises nos permitiram fazer algumas afirmações a respeito dos valores humanos no esporte de competição: 1. Possuem natureza imprevisível; 2. Valores aceitos em grande escala não são necessariamente bons ou imutáveis; 3. A subjetividade na expressão de valores é muito presente e deve ser levada em conta. Por fim, podemos afirmar que as análises apresentadas não deixam dúvidas quanto à grande abertura que o esporte competitivo traz à discussão sobre ética e valores humanos, pois concluímos que a presença dos mesmos é constante nas declarações apresentadas. Propomos então que a educação moral e suas finalidades sejam parte integrante do âmbito do esporte competitivo, a fim de humanizá-lo e creditar seu potencial como instrumento de formação integral do ser humano.

Palavras-Chaves: Competição; Pedagogia do Treinamento; Valores Humanos.

PELEGATI, Aline. **Valores Humanos no Esporte de Competição**: reflexões a partir da pedagogia do treinamento e do método da análise de conteúdo aplicado a declarações midiáticas. 2007. 168f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

The relation between sport's competition and education has been constituted as an extremely controversial subject inside the Physical Education's studies. On the perspective of training pedagogy, we stress the importance of turning the sport's competition into a propitious environment to the moral development and opened to the thematic of the human values inside the sport's competition scope. In our literature review, we have discussed themes like the sport-education relation, the sport's competition and the antagonism between education and competition and between cooperation and competition, and also approached the thematic of human values, ethics and morality inside sports. Through this reference, the objective of this study has been configured as to discuss the thematics related to human values that, according to it's literature, are found inside the routine of the practices of highly-performance sports. We have done that through the content analysis method, applied to mediathic declarations of athletes, directors, commentarists and other people involved with sports, expecting to find a diagnosis that allows us to contribute with a better understanding of this relation and of the subject on the whole. The analyses have allowed us to make affirmatives about the human values inside the sport's competition: 1. They have unforeseeable nature; 2. Values that are accepted in large scale are not necessarily good or immutable; 3. The subjectivity in the expression of values is very often and must be considered. At last, we can affirm that the presented analysis have left no doubt about the large opening that sport's competition brings to the discussion about ethics and human values, because we have concluded that it's presence is constant at the presented declarations. We propose than that the moral education and its finalities become part of the scope of sport's competition, to humanize it and give credit to it's potential as an instrument to the human integral formation.

Keywords: Competition; training pedagogy; human values.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Situações da competição	34
Quadro 2 -	Principais valores encontrados na prática esportiva	44
Quadro 3 -	Caso Jesse Owens e Luz Long – Análise da declaração 1	49
Quadro 4 -	Caso Jesse Owens e Luz Long – Análise da declaração 2	49
Quadro 5 -	Caso Jesse Owens e Luz Long – Análise da declaração 3	50
Quadro 6 -	Caso Jesse Owens e Luz Long – Análise da declaração 4	50
Quadro 7 -	Caso Jesse Owens e Luz Long – Análise da declaração 5	50
Quadro 8 -	Caso Jesse Owens e Luz Long – Análise da declaração 6	51
Quadro 9 -	Caso Jesse Owens e Luz Long – Análise da declaração 7	51
Quadro 10 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 1	56
Quadro 11 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 2	57
Quadro 12 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 3	57
Quadro 13 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 4	57
Quadro 14 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 5	58
Quadro 15 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 6	58
Quadro 16 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 7	58
Quadro 17 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 8	59
Quadro 18 -	Caso Vanderlei Cordeiro – Análise da declaração 9	59
Quadro 19 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 1	63
Quadro 20 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 2	64
Quadro 21 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 3	64
Quadro 22 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 4 e 5	64
Quadro 23 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 6	65
Quadro 24 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 7	65
Quadro 25 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 8	65
Quadro 26 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 9	66
Quadro 27 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 10	66
Quadro 28 -	Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 11	66

Quadro 29 - Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 12	67
Quadro 30 - Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 13	67
Quadro 31 - Caso Barrichello e Schumacher – Análise da declaração 14	68
Quadro 32 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 1	73
Quadro 33 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 2	73
Quadro 34 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 3	74
Quadro 35 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 4, 5, 6 e 7	74
Quadro 36 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 8	75
Quadro 37 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 9	75
Quadro 38 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 10	75
Quadro 39 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 11	76
Quadro 40 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 12	76
Quadro 41 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 13	76
Quadro 42 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 14	77
Quadro 43 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 15	77
Quadro 44 - Caso Drible do Kerlon – Análise da declaração 16	77
Quadro 45 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 1	84
Quadro 46 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 2 e 3	84
Quadro 47 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 4	85
Quadro 48 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 5	85
Quadro 49 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 6	86
Quadro 50 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 7	86
Quadro 51 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 8	87
Quadro 52 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 9	87
Quadro 53 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 10	88
Quadro 54 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 11	88
Quadro 55 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 12	89
Quadro 56 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 13 e 14	89
Quadro 57 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 15 e 16	90
Quadro 58 - Caso Ricardinho e Bernardinho – Análise da declaração 17	90
Quadro 59 - Caso Zidane – Análise da declaração 1, 2, 3 e 4	95
Quadro 60 - Caso Zidane – Análise da declaração 5	95

Quadro 61 - Caso Zidane – Análise da declaração 6	96
Quadro 62 - Caso Zidane – Análise da declaração 7	96
Quadro 63 - Caso Zidane – Análise da declaração 8	96
Quadro 64 - Caso Zidane – Análise da declaração 9 e 10	97
Quadro 65 - Caso Zidane – Análise da declaração 11 e 12	97
Quadro 66 - Finalidades da Educação Moral	102

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Reportagens do Caso 1 - Jesse Owens e Luz Long	109
Anexo 1.1	- Owens Pierced a Mith	109
Anexo 1.2	- Gods, Games and Glory: The Mithopoetics od Sports	112
Anexo 1.3	- Great Olympians: Jesse Owens	116
Anexo 2	Reportagens do Caso 2 - Vanderlei Cordeiro	120
Anexo 2.1	- Vanderlei Cordeiro de Lima	120
Anexo 2.2	- Atleta Italiano Irrita Vanderlei Cordeiro de Lima	123
Anexo 2.3	- Emanuel Surpreende e Oferece Seu Ouro Para Vanderlei	124
Anexo 2.4	- Maratonista Brasileiro Diz Que Alegria é Maior Que a Raiva de Irlandês	125
Anexo 2.5	- Agosto Dourado	126
Anexo 2.6	- Vanderlei Cordeiro de Lima Teve Ótima Reação, Dizem Especialistas	128
Anexo 2.7	- Após Olimpíada, Vanderlei Cordeiro de Lima Quer Folga Para Pescar	129
Anexo 3	Reportagens do Caso 3 – Barrichello e Schumacher	131
Anexo 3.1	- Barrichello Afirma Que Ferrari Quebrou Acordo na Áustria	131
Anexo 3.2	- Ferrari, Rubinho e Schumacher Levam Multa de U\$ 1 mi	132
Anexo 3.3	- Formula One: Barrichello Ushers Schumacher to Victory	134
Anexo 3.4	- Marmelada ou Não	136
Anexo 4	Reportagens do Caso 4 – Drible do Kerlon	139
Anexo 4.1	- Apoiado Pela Diretoria, Kerlon Promete Manter Drible da Foca	139
Anexo 4.2	- Celso Roth Critica o Drible de Kerlon	140
Anexo 4.3	- Coelho Admite Entrada “Forte” em Kerlon, Mas Nega Agressão	141
Anexo 4.4	- Dorival Descarta Proibir Kerlon de Usar “Drible da Foca”	142
Anexo 4.5	- Dunga Pede a Kerlon Que Faça Drible da Foca nas Derrotas	143
Anexo 4.6	- Empresário de Kerlon Ataca e Chama Leão de Burro	144
Anexo 4.7	- Joel Santana Desaprova “Drible da Foca” de Kerlon	145
Anexo 4.8	- Zagueiro Luiz Alberto Defende Coelho e Diz Que “Arregaçaria” Kerlon	146
Anexo 4.9	- Luiz Alberto Se Arrepende do Termo “Arregaçar”	147

Anexo 5 -	Reportagens do Caso 5 – Ricardinho e Bernardinho	148
Anexo 5.1 -	Bernardinho Assume Responsabilidade Por Corte de Ricardinho do Pan	148
Anexo 5.2 -	Bernardinho Defende Corte de ricardinho e Diz Que o Grupo Apóia	149
Anexo 5.3 -	Bernardinho Desabafa e Diz Que País Precisa de Exemplo	151
Anexo 5.4 -	Vôlei: Giba e Gustavo Apóiam Bernardinho no Episódio do Corte de Ricardinho	152
Anexo 5.5 -	Jogadores Admitem Que Corte de Ricardinho Dividiu o Grupo	153
Anexo 5.6 -	Magoados Com Ricardinho, Jogadores da Seleção Ficam do Lado de Bernardinho	155
Anexo 5.7 -	Ricardinho do Vôlei Fora do Pan-Americano	157
Anexo 5.8 -	Ricardinho se Vê Fora da Seleção de Vôlei	159
Anexo 5.9 -	Em Nota, Bernardinho Pedre “Próximo Passo” a Ricardinho	160
Anexo 6 -	Reportagens do Caso 6 – Zidane	161
Anexo 6.1 -	Após a Copa, Zidane se Torna um Herói Imigrante	161
Anexo 6.2 -	Blatter Diz Que Zidane Pode Perder Bola de Ouro	163
Anexo 6.3 -	Cabeçadas	164
Anexo 6.4 -	FIFA Suspende Zidane e Materazzi Por Cabeçada	165
Anexo 6.5 -	Papo Cabeça – Zidane e a Condição Humana	166
Anexo 6.6 -	Zidane Pedre Desculpas por Cabeçada em Materazzi	167

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
FIA	Federação Internacional de Automobilismo
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associação

SUMÁRIO

1 Introdução	16
2 A relação esporte-educação	19
2.1 A provável gênese do esporte moderno e seus ideais	19
2.2 Sobre a dicotomia Educação x Competição	23
2.3 A relação esporte-educação e a pedagogia do esporte	26
2.4 A relação esporte-educação e a pedagogia do treinamento	29
2.5 O papel do técnico-educador	31
3 Esporte de Competição e Valores Humanos	33
3.1 Competição e Cooperação	35
3.2 Os valores humanos	37
3.3 Ética, moralidade, valores humanos e sua relação com o esporte de competição ...	40
4 Metodologia e Pesquisa	45
4.1 Procedimentos	46
4.2 Contextualização, apresentação e análise inferencial dos dados	47
4.2.1 Caso Jesse Owens e Luz Long – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 1	47
4.2.1.1 Análise do Caso	49
4.2.1.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações	51
4.2.2 Caso Vanderlei Cordeiro – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 2	54
4.2.2.1 Análise do Caso	56
4.2.2.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações	59
4.2.3 Caso Barrichello e Schumacher – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 3	61
4.2.3.1 Análise do Caso	63
4.2.3.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações	68
4.2.4 Caso Drible do Kerlon – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 4	70
4.2.4.1 Análise do Caso	73
4.2.4.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações	78
4.2.5 Caso Ricardinho e Bernardinho – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 5	80
4.2.5.1 Análise do Caso	84

4.2.5.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações	90
4.2.6 Caso Zidane – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 6	92
4.2.6.1 Análise do Caso	95
4.2.5.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações	98
4.3 Análise Quantitativa – Resultados	99
5 Considerações Finais	100
Referências Bibliográficas	104
Anexos	108

1 Introdução

O fenômeno da competição nos Esportes vem se mostrando como assunto extremamente polêmico no ramo da Educação Física, especialmente quando relacionado à pedagogia e à educação como um todo. Existe, em nosso meio, o que acreditamos ser uma visão equivocadamente dicotômica entre os termos competição e educação. Rose Junior (2002, p.67) aponta para esta tendência de pensamento que existe por parte de alguns profissionais com relação à competição, especialmente durante a infância e adolescência. Segundo ele, “a simples menção do termo competição leva, imediatamente, a imaginar uma situação muito prejudicial e que tem como objetivo principal destacar poucos privilegiados [...]”. A afirmação, ainda segundo o autor, não deixa de ter certa coerência quando a competição é vista apenas como via para que os organizadores da mesma obtenham alguma vantagem. Entretanto, afirma que “a competição esportiva não deve ser encarada como algo tão radical. Ela é natural, necessária e muito importante quando compreendida como um meio dentro de um processo progressivo de desenvolvimento humano.” (ROSE JUNIOR, 2002, p.68).

De acordo com Bento (1987, p.23),

O desporto corporiza tanto o esforço permanente do homem em alargar as fronteiras das suas possibilidades – nomeadamente de suas forças, capacidades e habilidades – como também o mundo imenso de emoções inerentes a situações de prova, de experimentação, de exercitação, de superação, de risco e desafio. É por isso que constitui um *factor* eficaz de educação corporal [...]. Paralelamente é também um meio importante de educação estética e moral, de satisfação e necessidades espirituais, de consolidação e alargamento de relações inter-humanas.

Diante de um ambiente tão propício a influências e fatores diversos, a competição esportiva se torna um fenômeno extremamente aberto à formação integral do indivíduo, podendo proporcionar experiências únicas e muito ricas que, quando bem trabalhadas, poderão ser levadas pelo resto da vida. Podemos citar como fatores favoráveis ao aprendizado, aquisição e discussão de valores: a presença da equipe, que traz a necessidade de cooperação e compreensão; a presença do técnico como líder, trazendo a tona os valores de respeito; e da equipe adversária (a competição em si), além dos fatores citados por Balbino (2005, p.9):

a utilização do corpo para resolver problemas motores, as relações lógicas e racionais que se estabelecem neste ambiente, a expressão de idéias através da comunicação verbal e não verbal, a localização espacial com referência às movimentações dos outros elementos do grupo durante treinamentos e jogos, o despertar de líderes e aceitação dos liderados, até os problemas que são resolvidos nos relacionamentos interpessoais, dentro da prática esportiva.

Ainda defendendo esta idéia, Montagner (1993, p.28) mostra a competição esportiva como instrumento educacional:

No momento de participar da competição esportiva e da convivência do clube, ali se passa a construir uma escola. É a comunidade esportiva (professores, técnicos, dirigentes, árbitros, pais, etc.) transmitindo e recebendo saber, experiências e valores. É um local momentaneamente provisório, onde ocorrem as trocas e a possível formação do instrumento esporte em um instrumento educacional.

É ainda importante deixar claro, a princípio, que a competição por si só não é inerentemente boa nem ruim, é simplesmente um processo, que depende de inúmeros fatores para que seja efetivamente considerada como formadora, dentre eles, a qualidade do líder (treinador) (WEINBERG, GOULD, 2001).

Partindo do princípio de que o esporte de competição, desde que bem trabalhado, possa ser um campo realmente aberto aos valores e a experiências transferíveis para a vida, tivemos como objetivo geral deste estudo evidenciar a importância do direcionamento da ação pedagógica do profissional para um processo de treinamento e de competição voltado para além dos aspectos tático, técnico e físico convencionais, com foco no “desenvolvimento do atleta dentro de uma abordagem que caminha para a evolução e formação do Ser Integral, através do Esporte [...]” (BALBINO, 2005, p.8).

Dentro desta perspectiva, consideramos para nossa pesquisa a presença e a expressividade dos chamados “valores humanos” na participação formal em esportes de competição. Em nossa investigação, realizamos uma análise de conteúdo¹ a partir de declarações veiculadas pela mídia, de atletas e demais pessoas envolvidas com o esporte, e contextualizadas dentro de alguns importantes e conhecidos casos e acontecimentos do esporte competitivo mundial. A partir dessas amostras e análises, nosso objetivo específico configurou-se em discutir

¹ A análise de conteúdo, aplicada em nosso estudo, é um método que tem por objetivo analisar as comunicações humanas e elucidar seus conteúdos. A análise, bem como nossa metodologia, serão esclarecidas posteriormente, no Capítulo 4.

temáticas referentes aos valores humanos que, conforme sua literatura, encontram-se presentes no cotidiano das práticas esportivas de alto-rendimento.

Na busca de um referencial teórico que sustentasse nosso estudo, elaboramos uma revisão bibliográfica voltada, em um primeiro momento, para a compreensão da relação existente entre Esporte e educação, buscando inicialmente as possíveis origens desta relação e do esporte moderno. A partir delas, nossa discussão voltou-se para a dicotomia que se formou a partir das diversas transformações pelas quais o esporte passou e vem passando desde sua gênese: esporte de competição *versus* educação. Discutimos então de que forma a pedagogia do Esporte e do treinamento podem suavizar esta dicotomia e qual a importância do técnico dentro processo de humanização do Esporte de competição, voltado para o desenvolvimento moral e íntegro do atleta.

No capítulo posterior, nos ativemos aos conceitos e temas ao redor dos termos competição e cooperação e às suas relações com a ética, a moralidade e especialmente com os valores humanos, objetos de nosso estudo, buscando um referencial teórico que nos aportasse durante nossa pesquisa.

2 A Relação Esporte-Educação

Antes de colocarmos em pauta o entendimento dos valores humanos dentro do Esporte competitivo, faz-se necessário analisar de que maneira se deu a construção da relação entre Esporte e educação, bem como sua configuração atual. Começamos então, apresentando a definição de Esporte que Betti (1991, p.24) organiza. Para o autor, o Esporte é

[...] ação social institucionalizada, convencionadamente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente.

Percebemos que a definição em questão faz referência ao Esporte moderno, em sua forma institucionalizada, como conhecemos hoje: a presença de regras, da competição e da comparação de desempenhos são características do Esporte moderno. Mas como foi que ele adquiriu tais características? De onde surgiu essa configuração atual?

2.1 A “Provável” Gênese Do Esporte Moderno e Seus Ideais

No século XVIII, países como Alemanha, Dinamarca, Suécia e França elaboravam e institucionalizavam os chamados “sistemas ginásticos”, métodos criados para o desenvolvimento corporal com base no nacionalismo e incluindo processos de preparação para a guerra. A Inglaterra, por sua vez, contribuía para o desenvolvimento da Educação Física de uma maneira diferente: não influenciada pela filosofia nacionalista, esta contribuição se deu muito mais no campo do Esporte, e não da ginástica (BETTI, 1991). Parece ter sido ali, portanto, que o Esporte começou a tomar sua forma atual.

Segundo Bourdieu (1983), a gênese do Esporte moderno ocorre nas *public schools* inglesas, onde filhos de famílias burguesas e aristocratas atribuíam a alguns jogos, que

antes eram populares e de caráter lúdico, um novo significado e função. Foi através deste cenário e, portanto, dos ideais aristocráticos do Esporte, que a relação entre educação e Esporte mostrou suas caras pela primeira vez. As Escolas Públicas inglesas enfatizaram em grande parte “a influência socializante dos jogos e seu uso para promover liderança, lealdade, cooperação, auto-disciplina, iniciativa, tenacidade e espírito esportivo [...]” (VAN DALEN, BENNET, 1971 apud BETTI, 1991, p.46), produzindo líderes em diversas esferas, tão importantes para a administração do crescente império industrial inglês.

Até o século XVIII, portanto, a prática do Esporte direcionava-se exclusivamente à aristocracia. Com o advento da Revolução Industrial, este cenário mudou, com o Esporte proliferando-se em outras camadas sociais e em órgãos diretivos, e o surgimento de muitas novas escolas públicas trouxe consigo o Esporte. A partir daí, com o modelo esportivo passando a ser predominantemente da classe média, o Esporte começou a se institucionalizar com “organizações, regras, técnicas e padrões de conduta para os praticantes” (BETTI, 1991, p.45), formando-se o modelo de Esporte como o temos hoje.

A partir do final do século XIX, portanto, o modelo esportivo inglês começou a ser difundido também por todo o mundo. O Esporte, então, institucionalizou-se e passou a fazer parte também dos programas de Educação Física, levando consigo os ideais aristocráticos e burgueses.

Outro grande e significativo fator, que contribuiu para a configuração do Esporte moderno e de sua imagem formativa foi, sem dúvida, o ressurgimento dos Jogos Olímpicos em 1896. O Barão de Coubertin, aristocrata francês idealizador dos jogos modernos, percebeu nas *Public Schools* o modelo perfeito, para ele, de educação com ênfase no Esporte, e atribuía a este modelo a grandeza do Império Britânico, associando-o a uma retomada da educação corporal dos gregos. Foi a partir destas duas “fontes de inspiração” - as *Public Schools* e a Grécia antiga – que Coubertin elaborou então seu projeto de reestruturação dos Jogos Olímpicos e apoio ao Esporte, tendo como base a idéia do internacionalismo e da promoção da paz mundial, além do que talvez seja o mais marcante ideal do olimpismo: o amadorismo (BETTI, 1991).

A palavra amadorismo, na Inglaterra do século XIX, era usada para reforçar a palavra *gentleman*, do inglês “cavalheiro”, e está intimamente ligada a uma distinção social e de classe (MCINSTOSH, 1975, apud BETTI, 1991). “Apenas os ricos poderiam dispor de tempo

livre para dedicar-se à atividade esportiva” (BETTI, 1991, p.48).

Durante a fase do amadorismo estrito, a prática esportiva era compreendida como uma atividade de lazer, não profissional.

Para Bourdieu (1983, p.138),

A teoria do amadorismo faz do esporte uma prática [...] para a formação das virtudes viris dos futuros líderes: o Esporte é concebido como uma escola de coragem e virilidade, capaz de “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer (will to win), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras – é o *fair play* [...].

A afirmação acima nos mostra outro conceito muito ligado ao olimpismo e aos ideais aristocratas, e que vale a pena ser apresentado: o *fair play*, expressão criada para “definir as qualidades de honradez e integridade dentro da competição” (COMITÊ INTERNACIONAL PARA O FAIR PLAY, 1981, p.77), a partir do espírito de lealdade implicitamente contido na origem do Esporte moderno. O termo *fair play* é definido como:

A adesão voluntária às regras esportivas, princípios e códigos de conduta, obedecendo o princípio da justiça e renunciando a vantagens injustificadas. A “Educação Olímpica” seria como uma “escola de cavalheirismo prático”, ensejando a oportunidade de aprender que o sucesso é obtido não apenas através do desejo e da perseverança, mas também que é consagrado unicamente através da honestidade e da justiça. (GRUPE, 1992, apud RUBIO, CARVALHO, 2005, p.352)

Podemos perceber que a definição de Grupe traz o conceito de *fair play* naturalmente evocando alguns valores humanos (perseverança, honestidade e justiça), objetos do presente estudo. Rubio e Carvalho (2005), afirmam que no princípio do *fair play*, o respeito ao oponente e a si próprio é primordial e envolve valores como honestidade, lealdade, reconhecimento quanto ao adversário vitorioso e respeito ao adversário vencido; respeito e colaboração com o árbitro, entre outros. A presença destes valores traz a idéia de que o *fair play* implica uma oposição ao “vencer a qualquer custo”, presumindo uma formação ética e moral não só dos competidores, mas de todas as pessoas envolvidas com a competição. O *fair play* seria então o conjunto de princípios éticos que envolvem e norteiam os participantes da competição, sendo muitas vezes trazido à tona com as expressões “ética esportiva”, “espírito esportivo” e “jogo limpo”.

Portanto, no contexto deste estudo, o *fair play* seria ao mesmo tempo origem e

pré-requisito para a relação Esporte-educação, bem como para a presença dos valores humanos tidos como aceitáveis nas competições esportivas. Afinal, segundo Bourdieu (1983), até hoje a idéia de Esporte moderno, associada ao olimpismo e aos ideais aristocráticos, é parte de uma “idéia moral” e de uma ética, as quais presumimos estar intimamente ligadas à presença dos valores humanos. Para o Comitê Internacional para o *Fair Play* (1981, p.69), “o esporte de competição pode responder a numerosas exigências fisiológicas, psicológicas e sociais do homem. Pode, especialmente, dar a cada um [...], possibilidades de expansão e um enriquecimento das relações individuais e coletivas”, porém, para os autores, sem *fair play*, esta afirmação perde seu poder e sentido.

Toda essa ideologia, defendida desde aquela época até os tempos atuais (em menor escala), principalmente pelo COI – Comitê Olímpico Internacional, acabou sofrendo diversos tipos de interferências, especialmente políticas e sociais. Os ideais do amadorismo caem por terra devido aos interesses capitalistas e à necessidade de dedicação assídua dos atletas ao treinamento desportivo, e o *fair play* é constantemente ameaçado pelo *doping*, pela corrupção, violência e por outros meios na busca da vitória a qualquer preço. O Esporte tornou-se meio de consumo e adquiriu um caráter de espetáculo voltado à obtenção de capital, e, segundo o Comitê Internacional para o *Fair Play* (1981), passou a enfrentar uma crise a partir da importância excessiva que foi concedida à vitória. Tais mudanças e adventos contribuíram para a distorção da visão de Esporte competitivo, e por causa desses excessos que a competição causa, alguns educadores acabam optando por um ensino do Esporte sem a presença da competição, acreditando que um Esporte cooperativo seja uma escolha muito mais viável para a educação. Outros acreditam que não há, no Esporte competitivo, a possibilidade de se educar para uma formação integral. Mais a frente, mostraremos que esta é uma visão equivocada, e que diversos autores conceituados do treinamento esportivo apresentam uma visão contrária. Buscaremos também conceituar melhor os termos competição e cooperação.

Por ora, procuraremos nos ater um pouco mais a esta questão da dicotomia que ao longo dos anos se formou entre competição e educação.

2.2 Sobre A Dicotomia Educação x Competição

Em um período de tempo relativamente curto, o Esporte se popularizou e se estendeu por todo o mundo, e a partir destas novas características do Esporte e de sua tomada por interesses políticos e capitalistas, surgiram diversas críticas sociais ao Esporte competitivo, que certamente contribuíram para o afastamento dos termos Esporte e educação. As associações entre o Esporte e a sociedade capitalista se tornaram constantes. “Para os críticos sociais o atleta é apenas uma engrenagem da ‘máquina esportiva’”, (BETTI, 1991, p.51), na qual os gestos são alienados e automatizados, e o Esporte tornou-se um simples meio de consumo tal qual aqueles produzidos em fábricas. As críticas sociais acabaram, a partir destas idéias, fazendo do Esporte competitivo um vilão, e neste contexto, não há espaço para a educação. Tais críticas foram posteriormente contrapostas por diversos autores (LENK, 1979; HARGREAVES, 1982, apud BETTI, 1991, p.52), que entendem que “a semelhança entre rendimento esportivo e trabalho industrial não é suficiente para apoiar a tese de que no esporte se dá uma réplica do mundo do trabalho”, e que as pessoas podem, ao mesmo tempo, estar cientes desta industrialização do Esporte e conscientemente o valorizarem como aspecto significativo de suas vidas.

As críticas ao Esporte competitivo realmente não são escassas. Bento (1991, p.64) cita algumas das mais encontradas:

- Faz o homem igual à máquina;
- Fornece condição física para o trabalho;
- É apenas compensação de frustrações e de insuficiência motora no trabalho industrial;
- Favorece a adaptação do homem aos ditames do mundo técnico, acentuando assim o império da ausência da liberdade;
- Amplia o espírito de eficiência técnica, de funcionalização e instrumentalização do movimento e do corpo;
- Constitui exploração brutal do indivíduo, é fonte de permanente distanciação e manipulação do atleta;
- O treino e o rendimento desportivo apresentam um caráter de obrigação, de pressão, de ausência de ludismo e prazer;

- Reprime o movimento natural e institucionaliza a artificialidade;
- Gera massificação e totalitarismo cultural.

Segundo o autor, tais críticas refletem uma recusa da evolução social e são parte de um exclusivismo antropológico: a reflexão se limita a isso, não levando em conta o caráter sociológico e cultural. O autor afirma ainda que estas críticas “sobrepõem a figura do indivíduo (atemporal, impessoal, abstrato) à figura do sujeito concreto, sócio-histórico” (BENTO, 1991, p.65). O Esporte, ainda segundo o autor, se constitui como um elemento essencial da nossa sociedade e não deve ser criticado em tal posição de exterioridade. Concordamos com o autor e tratamos de deixar claro: encaramos o Esporte como fenômeno natural da sociedade e que, sendo assim, deve ser pensado e estudado a fim de que se torne mais humano. Os adeptos das críticas do desporto, em contraste, fomentam a distanciação entre Esporte e educação.

Ao mesmo tempo em que o Esporte perdeu muito de seus ideais originais e adquiriu formas tomadas por interesses diversos e que não contribuem para seu viés educativo, também se transformou “em um fenômeno sociocultural cuja riqueza maior é a sua pluralidade de funções e intervenções [...]” (PAES, 2002, p.97), abrindo espaço para entendimentos e significados diversos, permitindo que se adeqüe a diversos interesses, dentre os quais, o que defendemos aqui: seu caráter formativo.

Outro aspecto que parece contribuir para esta visão dicotômica surge do desenvolvimento extremamente rápido e brusco das ciências do treinamento buscando responder às novas exigências do Esporte de competição. A visão cientificista que tomou o Esporte em um curto período de tempo, fez com que ocorresse uma oposição dos pontos de vista entre profissionais da Pedagogia e da ciência. Bourdieu (1983, p.40) faz uma análise similar que acreditamos ser aplicável neste ponto, porém contrastando “pedagogia corporal” e medicina (que podemos aproximar ao cientificismo no Esporte). Segundo o autor, existem aí “duas filosofias antagônicas sobre o uso do corpo”, uma mais ascética, com ênfase na educação e na formação do indivíduo; e outra mais hedonista, que privilegia a natureza e os aspectos biológicos. As ciências do treinamento, portanto, passaram a buscar incessantemente os melhores métodos, as melhores formas de se obter as melhores respostas fisiológicas ao treinamento e os melhores esquemas de movimentos. Toda esta busca pelos “melhores” faz com que se deixe um pouco de lado a parte humana e os valores antes tão característicos do Esporte moderno em sua gênese. Está aí mais uma possível causa da visão dicotômica entre Esporte e educação.

Sanmartín (2004, p.106, tradução nossa) afirma que

o ser humano é uma entidade global, formada por três dimensões: biológica, psicológica e social, que dão lugar a manifestações biosociais, psicobiológicas e psicossociais do desenvolvimento. Como suporte entre a pessoa e o ambiente na qual ela se desenvolve, e também como coesão entre muitas outras operações humanas entre si, se encontra a motricidade (atividade física, esporte), a qual repercute em três grandes áreas: biomotriz, psicomotriz e sóciomotriz. Por tanto, a prática desportiva pode se tornar parte da formação integral do ser humano, posto que tem relação com todos estes elementos, não limitando-se unicamente às repercussões físicas, mas sim tendo também uma grande capacidade de influência sobre as funções psicológicas (emocionais) e sociais (relacionais).

Abaixo, apresentamos a figura proposta pelo autor, que sintetiza essas idéias:

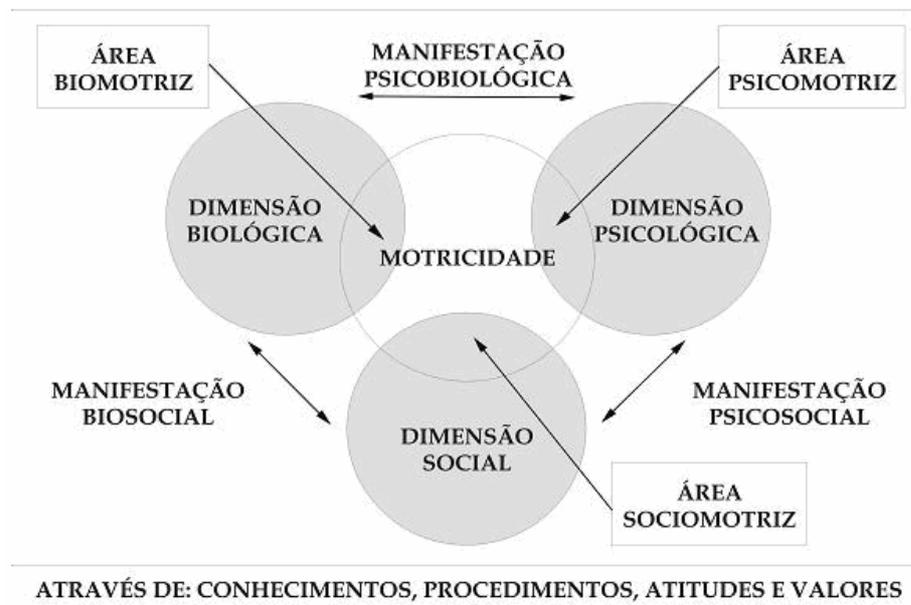


FIGURA 1 – Desenvolvimento durante o ciclo vital.
Adaptado de Sanmartín (2004).

Acreditamos que o Esporte, como elemento da motricidade, também deva levar em conta estas três dimensões.

Ainda nesta perspectiva, Hildebrandt-Stramann (2003, p.99) identifica e apresenta dois paradigmas não só no Esporte, mas no movimento humano como um todo: o das ciências naturais e o da reflexão fenomenológica. O primeiro paradigma, visão científica natural do movimento, define o movimento meramente como “deslocamento de um corpo físico no espaço e no tempo [...], passível de descrição analítica”. O movimento humano é então reduzido a

um contexto indiscutível, desvinculado de qualquer ligação com o ambiente social. Para o autor, essa visão reducionista traz conseqüências para a prática pedagógica: não há espaço para o diálogo e o aluno (no nosso caso, o atleta) fica completamente alheio ao movimento e até mesmo ao seu próprio corpo. Já o segundo paradigma, a visão fenomenológica do movimento, para o autor, é uma visão bem mais pedagógica, pois o movimento ali se relaciona a uma determinada situação, ao sujeito que o produz e aos demais sujeitos do contexto. Aqui sim, o movimento ganha simbolismo e significado, e o horizonte esportivo se abre para além do desempenho físico, dando espaço ao aprendizado e à formação integral, englobando os valores humanos.

É importante deixar claro que reconhecemos que as ciências biológicas e sua contribuição para o treinamento desportivo são indispensáveis e de enorme valor. Não queremos, de maneira alguma, desmerecê-las em detrimento da Pedagogia do Esporte, e sim aproximá-las. Bento (1987) afirma que o homem é um ser essencialmente bio-social, e que estes dois aspectos são indissociáveis (soma-se aqui o aspecto psicológico citado por Sanmartín). Assim também acreditamos ser o Esporte e o treinamento desportivo. Para o autor, “toda a tentativa de reduzir o efeito do desporto a qualidades e funções biológicas e psíquicas não se ajusta à plenitude de seu significado para o desenvolvimento multilateral” (BENTO, 1987, p.25). Da mesma forma, não seria viável reduzi-lo à pedagogia e ao social, afinal, estaríamos aí descaracterizando o Esporte em si.

Até hoje, no campo da Educação Física como um todo, muitas vezes nos deparamos com esta dicotomia: Esporte competitivo de um lado, pedagogia de outro, até mesmo entre licenciados e bacharéis da profissão, mas não é nosso objetivo aqui discutir este ponto. A questão é: por que não aproximar os dois campos de estudo? Por que não encarar o Esporte competitivo como fenômeno aberto em grande escala à discussão de valores humanos e à educação?

Provavelmente, foram estas as questões que levaram a uma nova preocupação com o ensino dos Esportes dentro do campo da Pedagogia do Esporte.

2.3 A Relação Esporte-Educação e a Pedagogia Do Esporte

Antes de caracterizar a Pedagogia do Esporte, faz-se necessário entender um pouco mais sobre os termos pedagogia e educação.

Libâneo (2002, p.30) define Pedagogia como:

O campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. Nesse sentido, educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

Para Barros (1978, apud BETTI, 1991), a educação resume-se ao esforço, envolvido de sentido, que se dirige à formação do homem, e que certamente varia em seu caráter de acordo com a época em que está contextualizado. Libâneo (2002) afirma ainda que as transformações contemporâneas contribuíram para que o entendimento da educação se tornasse mais amplo, tornando-se um fenômeno plurifacetado que ocorre muito além das escolas e demais locais institucionalizados. Para Balbino (2005), dentro desta perspectiva, o ambiente de treinamento esportivo (e até mesmo a competição) adquire também um contexto de caráter educativo e formativo, e é desta forma que se dá a relação entre Esporte e Pedagogia que buscamos discutir aqui. Temos, então, na síntese entre as idéias de Esporte e educação apresentadas, o viés pedagógico do Esporte como ação social institucionalizada dirigida à formação do homem.

Dentro desta perspectiva, aparecem os valores humanos, que certamente devem ser levados em conta quando se pretende delimitar os objetivos educacionais, pois isto implica em escolher o que é ou não válido ou correto para se ensinar. Para Betti (1991, p.25, grifo do autor), “Os valores indicam as expectativas e as aspirações do homem, indicam o que **deve ser**, em contraposição ao que **é**”.

De acordo com Santana (2003), para a educação de atitudes, é importantíssimo vivenciar e experimentar. Segundo ele, de nada adianta investir simplesmente no ensinamento verbal. Está aí uma abertura dos Esportes para a educação, pois eles permitem vivenciar com grande envolvimento corporal as situações de aprendizagem.

Temos, então, constituída a partir das idéias dos autores, a relação entre educação, valores e Esporte. Passemos ao conceito e entendimento da Pedagogia do Esporte.

Para Balbino (2005), no início, o termo Pedagogia do Esporte era usado simplesmente para delimitar os conhecimentos metodológicos referentes ao processo de aprendizagem dos gestos técnicos dos Esportes. Com a crescente preocupação com a educação no

processo de iniciação e treinamento apresentados anteriormente, esta visão começou a mudar, e a definição do termo estendeu-se.

Paes (2002, p.89), afirma que o sentido do termo indica a busca por uma “pedagogia que dê conta de lidar com o esporte respeitando seus diferentes significados e funções”. Portanto, ela deve tornar possível a utilização do Esporte como meio de educação, à medida que tenta, segundo o autor, desestruturar a limitação da prática do Esporte a questões de metodologia, buscando enfatizar também sua função educacional, através da utilização de um referencial sócio-educativo para a prática pedagógica, remetendo-nos ao objetivo mais geral deste trabalho.

Sendo assim, a contribuição da Pedagogia do Esporte para o trabalho em questão se dá a partir da idéia de que

Na escola ou fora dela, o esporte para crianças e para jovens deve ser proposto no contexto educacional. [...] o esporte na vida de crianças e jovens deve ter como objetivo contribuir para a sua educação e para a sua formação como cidadãos que, no exercício pleno de sua cidadania, podem ou não ser atletas. (PAES, 2002, p.96)

A partir dessa perspectiva, os trabalhos acerca da Pedagogia do Esporte voltam-se especialmente ao âmbito da educação física escolar e da iniciação esportiva, transformando a relação de “aprender para jogar” a “jogar para aprender” (PAES, 2002). As principais preocupações deste estudo centram-se especialmente no combate à especialização precoce e à criação de um modelo de ensino, treinamento esportivo e competição próprios para crianças e jovens, pois entende-se que a cópia do sistema do Esporte de alto-nível aplicado a crianças e jovens pode ser extremamente prejudicial.

Para Seurin (1984, p.47), é nas fases da infância e adolescência que “se deve formar o verdadeiro espírito esportivo, feito de generosidade, de respeito pela regra e pelo adversário, de compromisso total de ação”, atribuindo à atividade esportiva uma qualidade moral, preocupada com a educação.

Concordamos com o autor. Porém, a Pedagogia do Esporte não se restringe a estas idades. Segundo Barbanti (2003, p.450),

nas últimas décadas (o termo foi introduzido em 1970), o foco da pedagogia do esporte se expandiu das crianças para todas as idades e capacidades (pré-escola até a velhice, incapacitadas até a elite), e do ambiente escolar para outras instituições nas

comunidades que oferecem esportes e movimentos.

Esta afirmação está diretamente ligada ao conceito da educação permanente, que, segundo Brandão (1984, apud MONTAGNER, 1993, p.30), define-se por

[...] uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa de existência que esteja vivendo [...]

A Pedagogia do Esporte é, então, é o campo da Educação física que busca entender o relacionamento entre o Esporte e a educação (BARBANTI, 2003).

2.4 A Relação Esporte-Educação e a Pedagogia Do Treinamento

Apesar de a Pedagogia do Esporte estender-se por todos estes domínios, percebemos que, como dito anteriormente, a literatura a respeito da Pedagogia do Esporte nos mostra que seu principal foco está na educação física escolar e na iniciação esportiva. Na busca de uma abordagem que se adeqüe ainda mais ao treinamento esportivo, a partir das idéias da Pedagogia do Esporte, surge então a **Pedagogia do Treinamento**.

Para Balbino (2005), é preciso encarar o treinamento esportivo como um processo complexo, portanto, muitos são os fatores que o determinam. Além do domínio e conhecimento da parte metodológica do treinamento, é importante que o treinador consiga realizar intervenções tanto imediatas quanto levando em conta o processo de treinamento a longo prazo. Este processo deve ter como objetivo o desenvolvimento integral do ser humano, e, desta forma, o Esporte e o treinamento tomam forma com tratamento pedagógico e enfoque educativo. Portanto, o processo de treinamento deve ter espaço a procedimentos pedagógicos, e aí se faz o conceito de Pedagogia do treinamento.

Ao contrário do que se pensa, autores conceituados do treinamento como Matveev e Bompa, cuja contribuição é incontestável com relação à metodologia da preparação física em Esportes de competição, também discutem esta relação.

Matveev (1997, p.11), ao definir o treinamento desportivo, também inclui seu caráter pedagógico:

O treino desportivo, como fenômeno pedagógico, é o processo especializado da educação física orientado diretamente para a obtenção de elevados resultados desportivos. Trata-se do processo de educação física “através do desporto”, por meio do desporto [...]. O treino dos desportistas é um dos componentes do sistema geral de educação, incluído nos ideais do desenvolvimento integral do homem. Nisto consiste, em definitivo, a essência social e pedagógica do treino desportivo.

Bompa (2002, p.5) inclui na lista de funções do treinador, além das clássicas liderar, organizar e planejar o treinamento, a função de educar o atleta, e afirma ainda que alcançar os resultados mais expressivos da competição só é possível através da “excelência física, que combina, harmoniosamente, três fatores: o refinamento espiritual, a pureza moral e a perfeição física”.

A visão pedagógica dentro do processo de treinamento esportivo parece ser, então, crucial, não só para uma prática mais ética, mas também para o desempenho do atleta. Percebemos aí que os próprios autores do treinamento, apesar de preocuparem-se ao máximo com o rendimento esportivo, não deixam de lado a formação integral do atleta, nem tampouco enfatizam o ganhar a qualquer custo. Levando-se em conta os diversos fatores discutidos, é de se esperar que o processo de treinamento influencie positivamente na educação e na vida do atleta como um todo.

O sistema de preparação esportiva, aliado à dimensão social do esporte, reflete sistemas sociais e os influencia. Em sua meta-estrutura, o treinamento esportivo se transforma em um braço da Pedagogia do Esporte, que tem a incumbência de organizar todo o processo e seus componentes, pela relevância de informações que cada área específica pode fornecer, e tornar sua integração otimizada a fim de obter resultados desejados não só com placares favoráveis, mas também com a perspectiva de que o indivíduo transfira os aprendizados no campo esportivo para sua vida em sociedade [...] (BALBINO, 2005, p.94)

Com relação a Esporte de competição e educação, parece haver um consenso: o Esporte por si só não se constitui, sem que haja intervenções favoráveis, como elemento para a educação. Desde o início do capítulo, vimos aqui defendendo a idéia da utilização do Esporte para a formação integral do indivíduo, porém, bem como qualquer outra atividade humana, sabemos que o Esporte, quando não adequado às necessidades e potencialidades de quem o

prática, pode também ser uma fonte de estresse (ROSE JUNIOR, 2002). Segundo Parlebás (apud BETTI, 1991, p.55),

O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante nem anti-socializante. É um conforme: ele é aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou do rúgbi pode formar tanto patifes como homens perfeitos, preocupados com o *fair play*.

Bockrath e Franke (1995) concordam com esta afirmação ao mostrarem que do mesmo modo em que pode existir lealdade e justiça no Esporte, o oposto também pode ocorrer. Para eles, o Esporte é restrito sempre ao valor que a ele é atribuído, e o real significado destes valores depende em larga escala da forma com que são interpretados e como são aplicados.

Estas idéias chamam a atenção para a importância da atuação do educador/técnico no processo de formação. De nada adianta afirmar que o Esporte é propício à educação se nada fizermos para que isso efetivamente aconteça. Para isso, discutiremos o papel do técnico como educador.

2.5 O Papel do Técnico-Educador

No contexto do treinamento esportivo, o técnico exerce considerável influência sobre diversos aspectos e características do atleta. No desempenho esportivo, essa influência é mais clara: um bom técnico, com bons conhecimentos metodológicos e científicos, provavelmente estará mais apto a levar seu atleta ao pico de desempenho esperado na competição. Já quanto à formação e ao seu papel enquanto mediador dos valores humanos presentes no Esporte competitivo, esta influência parece um pouco menos clara.

Segundo o Comitê Internacional para o *Fair Play* (1981), o caráter do competidor, em especial o mais jovem, é em larga escala influenciado pelo técnico, e é por esta razão que ele deve zelar pela integridade e dignidade no Esporte.

Para Montagner (1993, p.95), o treinador esportivo “deve ser sobretudo um educador esportivo”. Ser educador implica, sem dúvida, preocupar-se com a formação integral do indivíduo, e não simplesmente com seu desempenho físico. Infelizmente, na prática, ainda nos deparamos com alguns profissionais que não se dão conta dessa necessidade, e optam por um

modo de treinamento mais rígido, deixando de lado o *fair play* e a preocupação com a formação do caráter do atleta.

Montagner (1993, p.95), afirma ainda que

O técnico-educador deve ensinar e transmitir os conceitos do esporte de competição não apenas ao atleta presente, mas para o homem futuro, aquele que vai interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isso, o esporte não deve ser um fazer simplesmente mecânico, mas ser um incorporador de atitudes, um formador integral da personalidade.

Talvez, se os profissionais levassem em conta esta formação moral, a competição e a educação não seriam vistas como antagônicas como discutido anteriormente, e mais atletas seriam seres humanos integrais e mais socialmente responsáveis.

Santana (2003, p.4), em seu trabalho sobre moralidade no Esporte, aponta para o fato da construção da moralidade. Para o autor, esta construção “implica em considerar a atividade interna do indivíduo e o que se encontra fora dele. A qualidade do encontro (os tipos de relações) entre as pessoas sinalizará, por conseguinte, para a moral de cada um”. Está aí mais uma evidência de que o técnico como agente educador, deve preocupar-se com suas atitudes e com a forma com que passa suas idéias adiante. Além disso, é preciso incitar a reflexão crítica e educar para atitudes, dentre as quais: respeitar os companheiros, ouvi-los, se fazer ouvir, colocar-se no lugar deles, tomar decisões, se reunir em grupo, cooperar, dividir espaços, se expressar, se responsabilizar por algumas coisas, selar acordos e respeitá-los e exercitar a reflexão (SANTANA, 2003). É desta forma, e somente através da atitude do técnico em assumir um papel de educador, que se dá a efetiva abertura para a discussão dos valores humanos no Esporte, propícia a um desenvolvimento moral.

3 Esporte de Competição e Valores Humanos

Tendo em mente os aspectos da educação dentro do Esporte como um todo, buscaremos, neste capítulo, entender o conceito de competição e suas relações com a cooperação e com os valores humanos dentro do Esporte.

Rose Junior (2002, p.69) define competição como:

A situação na qual é feita uma comparação do desempenho de uma pessoa com algum padrão já existente, com outra pessoa ou com um grupo de pessoas na presença de pelo menos um indivíduo que conheça os critérios para essa comparação e possa avaliar o processo [...]

Dentro deste processo, Martens et. al. (1990, apud ROSE JUNIOR, 2002; WEINBERG, GOULD, 2001) apontam alguns fatores a fim de considerar a complexidade do fenômeno competição. Elaboramos um quadro com o objetivo de compreender melhor estes quatro fatores:

QUADRO 1- SITUAÇÕES DA COMPETIÇÃO

Situação Competitiva Objetiva	Compreende os estímulos do meio-ambiente, tais como o treinamento, recursos materiais, adversários, técnico, jogo, etc. O desempenho aqui é comparado com algum padrão-limite, e deve haver a presença de outra pessoa que avalia e compara os resultados, a fim de manter a existência e validade dos parâmetros da competição.
Situação Competitiva Subjetiva	Tem a ver com o modo com que cada indivíduo interpreta, percebe, aceita e avalia a situação competitiva objetiva. A partir dessa percepção, o indivíduo passa para o próximo estágio.
Respostas	Maneira com que cada indivíduo expressa a interpretação advinda da situação competitiva subjetiva e a atitude que ele toma em relação a ela. Após avaliar as situações, a pessoa pode decidir entre enfrentá-la ou evitá-la. As respostas podem acontecer nos planos fisiológico, psicológico, psicomotor e social, ou em vários deles.
Conseqüências	É neste estágio que ocorre o <i>feedback</i> da resposta para a orientação de novos comportamentos, que, segundo De Rose (2002, p. 69), “podem incluir a satisfação, o retorno à atividade, o enfrentamento, a fuga ou o abandono”.

Adaptado de Martens et. al. (1990, apud ROSE JUNIOR, 2002; WEINBERG, GOULD, 2001)

As quatro situações descritas contribuem para um melhor entendimento do processo pelo qual passa o indivíduo inserido na competição. É a partir delas que podemos afirmar que cada pessoa terá uma diferente resposta à situação competitiva. Segundo Rose Junior (2002), características pessoais, traços de personalidade, nível de habilidade, motivos e atitudes, dentre outros, influenciam diretamente estes quatro componentes e, conseqüentemente, a maneira que o indivíduo encontra para agir e se mostrar dentro da competição, envolvendo o relacionamento com os demais. A partir delas, também, podemos encontrar os valores humanos: a situação objetiva, por exemplo, pode demandar superação e dedicação; da situação subjetiva podem surgir compreensão e autonomia; a resposta, para ser elaborada, leva em conta, por exemplo, os outros elementos da equipe, demandando cooperação, união e integração, enquanto que as conseqüências podem envolver auto-realização, empatia, respeito aos adversários, entre tantos outros valores.

3.1 Competição e Cooperação

Algumas pessoas acreditam que os termos cooperação e competição são antagônicos e que não podem caminhar juntos.

A fim de discutir os dois termos, apresentamos as definições de Coakley (1994, apud WEINBERG, GOULD, 2001, p.120) para competição e cooperação:

Competição: “um processo social que ocorre quando recompensas são dadas a pessoas com base em seu desempenho comparado com os desempenhos de outros indivíduos que estejam realizando a mesma tarefa ou participando do mesmo evento”.

Cooperação: “um processo social por meio do qual o desempenho é avaliado e recompensado em termos da realização coletiva de um grupo de pessoas trabalhando juntas para alcançar um determinado objetivo”.

Para o autor, a diferenciação entre os dois se dá na recompensa: na primeira, elas são limitadas àqueles que superarem os outros. Já na segunda, as recompensas são compartilhadas por todos os integrantes do grupo. Mas será mesmo que competição e cooperação não podem caminhar juntas?

Fischer (2002) afirma que o Esporte competitivo muitas vezes é relacionado a metáforas bélicas: palavras como conquista, batalha, morte, destruição, vitória, virilidade, honra e prestígio são muito utilizadas e colaboram para esta relação. Ainda segundo o autor, tais metáforas não devem ser promovidas. A competição esportiva não deve ser encarada como uma guerra, e sim como um fenômeno socialmente construído que deve ser estudado e compreendido a fim de que se torne um ambiente benéfico.

Existe aí uma visão extremista que relaciona a competição não só a guerras, mas também a comportamentos indesejáveis e crimes. Acreditamos aqui que a competição, desde que bem conduzida pelo técnico, como salientamos no capítulo anterior, não precisa necessariamente ter a ver com ódio ao adversário, nem como motivação a humilhação ou “esmagamento” do oponente. O que os técnicos devem incitar nos atletas é o desejo de superar-se, de ir além, de sentir-se vitorioso e realizado, o que não significa esquecer-se do fato de que para isso, precisa haver um perdedor, mas sim respeitá-lo em todas as circunstâncias.

Diversos autores, dentre os quais Weinberg e Gould (2001), Orlick (1989) e Rubio (2006), identificam um problema crucial no que tange à competição: o excesso de importância que se dá à vitória, que leva à busca da mesma a qualquer preço. Segundo Orlick (1989, p.12), é um problema que se estende para além dos domínios do Esporte: “a corrupção e a distorção dos valores humanos existe em todos os níveis, em todos os domínios. [...] A ética competitiva de vencer tornou-se tão intensa que está ameaçando destruir nossa sociedade”. Weinberg e Gould (2001, p.131) afirmam que “a preocupação com a vitória às vezes leva à desonestidade [...]”, e este é o caminho completamente inverso ao que buscamos no decorrer deste estudo.

Em seu livro intitulado “Vencendo a Competição”, Orlick (1989) relata suas experiências em visitas aos povos do ártico canadense (esquimós) e da China, e os descreve como povos “cooperativos”. As culturas destes dois povos nos mostram um modo de vida tranquilo e sem excessos e agressividades. Orlick (1989) os descreve como povos extremamente cooperativos que realizam todas as funções sociais em busca do bem-estar do grupo e da sociedade como um todo, o que parece estar longe e oposto ao modo de vida que conhecemos em nossa sociedade. Quando compara o modo de vida destes povos com o modo de vida ocidental e principalmente norte-americano, o autor afirma que aqueles são “aptos para cooperar” enquanto que estes são “aptos para destruir” em função da forte competição.

O pensamento do autor, junto com a forte busca desenfreada pela vitória que a competição esportiva parece trazer – e com ela, infelizmente traz também a desonestidade –, faz com que muitas pessoas optam por defender a cooperação em completo detrimento da competição, não só no mundo esportivo, afinal, na cooperação não existe a possibilidade de se rebaixar alguém para levar vantagem. Mas, surge aqui uma inquietação: num mundo tão competitivo quanto o nosso, será justo (e eficiente) descartar qualquer forma de competição e simplesmente trocá-las pela cooperação? Será que não é ilusão?

Orlick (1989, p.13) afirma que “talvez não devêssemos mais perguntar que tipo de ambiente está produzindo um senso de valores tão distorcido, mas, em vez disso, perguntar que tipo de ambiente poderia corrigi-los antes que fiquem definitivamente pervertidos”, defendendo aí a cooperação em contraponto à competição. Proponho aqui um caminho diferente: porque não levar os verdadeiros valores humanos e a educação para o foco do problema? E já que a cooperação pode ser um elemento a resolver este problema, porque não incluí-la no próprio ambiente competitivo?

Weinberg e Gould (2001, p.134) afirmam que muitas situações do Esporte demandam a utilização equilibrada de orientações competitivas e cooperativas, e encontrar esta mistura é que constitui o verdadeiro desafio ao técnico. Ao mesmo tempo, é essa mistura que dá às pessoas “a oportunidade de realizar seu potencial único na atividade física e esportiva”. Para os autores, é importante dar crédito à cooperação, pois ela proporciona prazer na atividade, além de uma maior comunicação e troca de informações. “Focalizar-se na cooperação e encorajar a competição saudável no Esporte e na atividade física parecem gerar muitos resultados positivos possíveis” (WEINBERG, GOULD, 2001, p.135). Para os autores,

[...] a cooperação não precisa substituir a competição. Estamos defendendo uma combinação de competição e cooperação em nossa atividade esportiva e física. O foco em “vencer a qualquer preço” é um desequilíbrio que reflete os valores de um grande segmento de nossa sociedade. As experiências esportivas deveriam, em vez disso, enfatizar uma combinação entre competição e cooperação.

Para concluir, apresentamos um parágrafo de Orlick (1989, p.83) que resume bem o que devemos levar em conta para o tratamento dos termos competição e cooperação dentro do Esporte:

É preciso lembrar que a cooperação nem sempre é humanizadora e nem a competição é sempre desumanizadora. Por exemplo, a cooperação focalizada na destruição de outras pessoas não pode ser considerada desejável, assim como a competição que resulta na melhoria das partes envolvidas não pode ser considerada indesejável. Da mesma forma, a cooperação e a competição não são sempre diametralmente opostas e nem ocorrem independentes uma da outra. Existem graduações de competição e de cooperação, e, às vezes, a interação entre as duas coisas. Por exemplo, membros de uma mesma equipe podem cooperar para atingir um objetivo comum, como vencer o jogo, mas também competir para formar a linha de partida, como no início do jogo de futebol americano, ou ser o melhor artilheiro. Podem cooperar para ser os melhores competidores ou competir para ser o melhor cooperador [...].

3.2 Os Valores Humanos

Há muito tempo, muitos autores vêm insistindo na necessidade de se educar a partir de valores. Para Llamas e Suárez (2004), se não se educa em valores, não se está educando realmente. Segundo os autores, o Esporte tradicionalmente tem sido considerado um meio para

conseguir valores de desenvolvimento pessoal e social. Vontade de superação, integração, respeito, tolerância, acatamento de regras, perseverança, trabalho em equipe, superação de limites, autodisciplina, responsabilidade, cooperação, honestidade, lealdade, etc. são valores desejados por todos e que podem ser conseguidos através do Esporte e levados por toda a vida, desde que, como discutido anteriormente, professores, treinadores e demais envolvidos no Esporte de competição façam seus esforços para que isso seja possível, considerando a complexidade deste fenômeno.

Vanzan (2000) atribui à falta de uma concepção de valores na qual sustentar-se na prática pedagógica, a chamada “crise educativa”. Segundo ele, não há como pensar qualquer prática pedagógica sem ter claros os valores que nela queremos priorizar. Os termos valores e pedagogia são, inclusive, etimologicamente ligados:

Recordemos que a palavra pedagogia está conformada etimologicamente por dois vocábulos gregos: “paidós”, que significa “da criança”, e pelo verbo “ágo”, que significa “conduzir”, “empurrar”. Do mesmo verbo deriva a palavra grega “axios”, que significa “o valioso, digno”, e desta, por sua vez, “axiologia”, ou teoria dos valores. “Pedagogia” e “valor” se encontram unidas em sua gênese etimológica, daí que não se pode interpretar a educação sem uma axiologia que a sustente. (VANZAN, 2000, p.1. Tradução nossa.)

Sendo assim, como nos propomos a utilizar a perspectiva da Pedagogia do treinamento, também não podemos deixar de lado os valores dentro do Esporte.

As concepções e definições de “valores” são diversas, e, por ser um termo polissêmico, algumas vezes pode ser descontextualizado. Considerando a Educação Física e os Esportes como campos de estudo epistemológicos, apresentamos aqui algumas definições de valores dentro de algumas das áreas que estes campos abrangem, para que possamos nos aprofundar na discussão.

O Dicionário Aurélio Eletrônico (FERREIRA, 1999) define o verbete “valores” como: “as normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduo, classe, sociedade, etc.”

Na Pedagogia, encontramos as seguintes definições:

Latim valor, derivado de valere (estar em boa saúde, ser forte, poderoso).

Aplicado ao homem: o que um homem vale como homem (quer dizer, do ponto de vista da inteligência e da competência profissional, da força de vontade, da *rectidão* moral...), merecendo por isso ser tido em conta. (FOULQUIÉ, 1991, p.391)

Os valores são os critérios, os pensamentos, as decisões que permitem clarear e aceitar que é o que se deve potencializar em uma cultura como educativa [...], para que o ser humano se desenvolva e se aperfeiçoe, isto é, se eduque. (FLORES, GUTIÉRREZ, 1990, p.1787, apud LLAMAS, SUÁREZ, 2004, p.14. Tradução nossa)

Na filosofia, temos:

[...] toda a moral está fundada (explicitamente ou não) num conjunto de valores que são também abstrações representando o que se tem por desejável. Todo homem é portador de **uma escala de valores**, a maioria das vezes inconsciente que comanda intuitivamente a sua *acção* na medida em que esta se prolonga para além da necessidade. (DUROZOI, ROUSSEL, 1993, p.381. Grifo dos autores)

Na sociologia:

No sentido sociocultural e de um ponto de vista sociológico, fins e orientações fundamentais, gerais e centrais das ações humanas e da convivência social dentro de uma subcultura, uma cultura ou incluso no conjunto da humanidade. [...] Os valores, portando, estão determinados pela história, são culturalmente relativos e mutáveis, em consequência, podem ser mutáveis conscientemente. (HILLMANN, 2001, apud LLAMAS, SUÁREZ, 2004, p.14. Tradução nossa)

E, por último, trazendo a discussão para mais perto da nossa área, as definições da Educação Física:

Concepções de estados desejáveis de assuntos que são utilizados na conduta seletiva como critérios para a preferência ou como justificativas para o comportamento atual ou proposto. Os valores referem-se àquelas idéias que indicam as condições ou situações concretas que são valiosas e significantes [...] (BARBANTI, 2003, p.608)

Valores morais são aqueles que enunciam normas, que delimitam o dever-se de nossos sentimentos, nossos atos, nossos comportamentos. Estabelecem obrigações e avaliam intenções e ações segundo o critério do correto e do incorreto. [...] Os valores morais determinam o que é o bem, o mal e a felicidade, ou seja, são aqueles que estabelecem quais atos, sentimentos, intenções e comportamentos devemos ter ou fazer para alcançarmos o bem e a felicidade e aqueles considerados condenáveis ou incorretos do ponto de vista moral. (GONZÁLEZ, FENSTERSEIFER, 2005, p.420)

A partir das definições apresentadas, concluímos que o conjunto de valores tidos como aceitáveis é culturalmente construído. Do mesmo modo que a concepção de Esporte

muda de tempos em tempos, também é importante ressaltar que também os valores, sua hierarquia e interpretação também não são fixas: ressaltam-se uns sobre os outros e por vezes consideram-se positivos valores que outrora foram considerados negativos. Esta é uma das razões pelas quais se faz necessário estudá-los e interpretá-los sempre dentro de um tempo e espaço sociocultural concreto (LLAMAS, SUÁRES, 2004).

Segundo Llamas e Suárez (2004), devemos analisar e decidir quais são os valores que merecem ser prioritariamente potencializados. Além disso, a intervenção deve seguir em dois sentidos: um levando em conta a individualidade da pessoa e outro se relacionando ao social geral. Para os autores, a integração que existe em alguns ambientes sociais, incluindo o Esporte, é essencialmente educativa porque reúne pessoas com capacidades, interesses e atitudes muito diferentes e peculiares. A partir dessas diferenças, as pessoas envolvidas

[...] têm que conviver, trabalhar e construir um caminho todos juntos. Quando se relacionam e se comunicam, mostram suas potencialidades e também suas limitações e debilidades; o fato de aceitar umas e outras permite a convivência e a tolerância, mas também ajuda a reconhecer os próprios méritos e admitir as próprias ausências. (LLAMAS, SUÁRES, 2004, p.12, tradução nossa)

É esta integração que permite a presença dos valores. Segundo Vanzan (2000), a dimensão valorativa, a capacidade de ver, julgar e atuar em função de valores é característica típica de uma pessoa, bem como fundamento de sua condição de ser livre e responsável. A busca da verdade, do bem, da dignidade das pessoas, o amor, a paz, a convivência, a justiça, a liberdade e a tolerância são valores reconhecidos universalmente. Estes valores devem estar contidos não só na competição, mas em toda prática que se pretenda ser educativa.

3.3 Ética, Moralidade, Valores humanos e Sua Relação Com o Esporte de Competição

Como vimos, os valores humanos têm uma relação bem formada, inclusive etimológica, com a pedagogia e, portanto, com a Pedagogia do treinamento. Mas esta relação vai além disso.

Bockrath e Franke (1995) denominam esta relação entre Esporte de competição e valores de “Princípio *Agonal*”: existe a busca de ser melhor do que todos os outros, mas ao mesmo tempo é preciso tratá-los de maneira justa. Segundo os autores, este princípio faz com que se constitua o “caráter moral do mundo independente do esporte competitivo” (BOCKRATH, FRANKE, 1995, p.292, tradução nossa), e se configura entre os princípios da justiça e da competição. Abaixo, apresentamos a figura que explica e caracteriza as condições deste princípio:

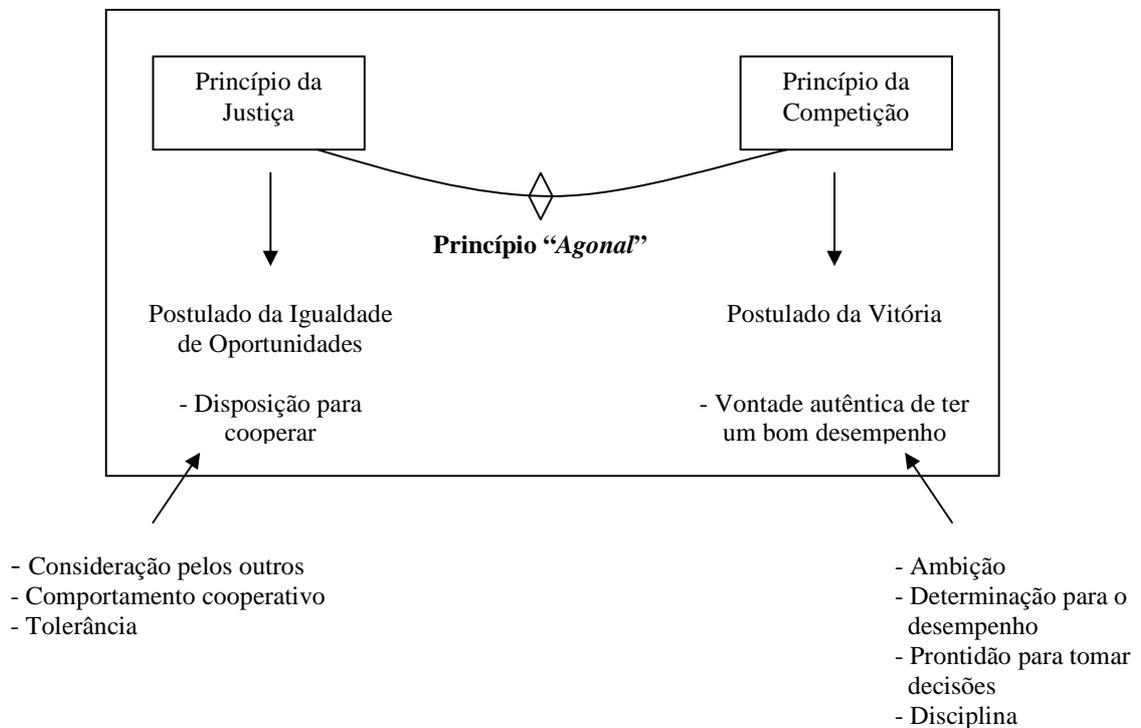


FIGURA 2 - Condições do mundo independente do Esporte competitivo. Adaptado de Bockrath e Franke (1995).

De acordo com os autores, então, para que haja um equilíbrio ideal dentro do Esporte competitivo, é necessário que haja esta ponderação: de um lado, o princípio da justiça, de outro, o princípio da competição. É preciso levar em conta o postulado de igualdade de oportunidades, que inclui disposição para cooperar, sem perder de vista o postulado da vitória, que implica vontade autêntica de ter um bom desempenho. O princípio da justiça envolve consideração pelos outros, comportamento cooperativo e tolerância, enquanto que o princípio da

competição envolve ambição, determinação para o desempenho, prontidão para tomar decisões e disciplina. Este equilíbrio é o que faz do Esporte uma situação única e complexa.

A participação nos Esportes de competição exige esta ética que, para Balbino (2005, p.65) é entendida como “a realização de conjuntos de comportamentos, aceitos e determinados para determinado sistema social [...], o eixo central que sustenta a natureza do esporte, ou seja, os valores do jogo [...]”. Infelizmente nem sempre esta ética é totalmente seguida, mas entendemos que ao menos deveria ser. A prática pedagógica do técnico é o que determinará em grande parte se esta ética estará ou não presente, e se serão desenvolvidos nos atletas os valores humanos desejáveis. As simples análises da situação do jogo e da competição em que se manifestem valores e a discussão racional sobre princípios que antecedem as ações e seu valor ético servirá para exercitar o discernimento moral (Vanzan, 2000) e para, conseqüentemente, tornar a prática do Esporte de competição mais humanizada.

Um conceito muito relacionado com os valores humanos é a moralidade, definida por Legrand (1983, p.270, grifo do autor) como “arte ou uma ciência de **se comportar na vida** de acordo com determinados princípios”, que envolvem os valores e as normas. Para Weinberg e Gould (2001), a moralidade no Esporte engloba três conceitos relacionados: jogo limpo (ou *fair play*), espírito esportivo e caráter. Para os autores, o jogo limpo requer fidelidade às regras formais e não formais para que a competição seja justa; e o espírito esportivo, por sua vez, requer que padrões éticos predominem sobre a possibilidade de vitória quando houver conflito entre os dois. Já o caráter, talvez componente mais importante da moralidade no Esporte, engloba quatro virtudes relacionadas: compaixão (que se relaciona com a empatia), imparcialidade, espírito esportivo e integridade (satisfação sempre das intenções morais).

A moral envolve ainda, segundo os autores, três vertentes: o raciocínio moral, processo de decisão que escolhe entre o certo e o errado durante uma ação; o desenvolvimento moral, que é o processo pelo qual a pessoa desenvolve capacidades para o raciocínio moral; e o comportamento moral, que é a execução efetiva do que foi concluído pelo raciocínio moral. A delimitação destas três vertentes da moral se dá exatamente pela presença e importância que cada pessoa dá aos valores, bem como quais deles são considerados ou não importantes pelo raciocínio moral.

Weinberg e Gould (2001) afirmam ainda que para que exista a transferência efetiva destes valores presentes no Esporte, é necessário que se prolongue ou estenda a lição: é preciso discutir como os valores se transferem para o ambiente não esportivo, pois eles não serão simples e automaticamente transferidos.

É preciso também tomar cuidado com que tipo de valores buscaremos passar e com a ênfase que a eles daremos. Rubio (2006, p.5) afirma que os valores que hoje em dia são promovidos “estão baseados na excelência e na motivação individual e social voltadas para a produção”. Segundo a autora, os valores que são constantemente passados através do Esporte neste contexto, tais como perseverança, sacrifício, trabalho árduo e autodisciplina, apesar de notavelmente desejáveis, podem também ser responsáveis por muitos problemas éticos que existem no Esporte, como por exemplo, a glorificação exacerbada dos vencedores e o esquecimento e às vezes até a humilhação dos derrotados. É mais um dos fatores que evidencia a importância do diálogo do técnico, propondo discussões favoráveis.

Para Rubio (2006), a derrota não deve ser sinônimo de fracasso. O fracasso acontece, na verdade, quando existe diferença negativa entre resultado esperado e resultado obtido, e até mesmo uma situação de vitória que, por exemplo, não seja no lugar mais alto do pódio, pode ser configurada como derrota. A derrota pode promover tanto o fortalecimento de atitude quanto provocar o abandono da vida competitiva. Se durante o processo de treinamento o técnico conseguir desenvolver nos atletas a capacidade de resiliência, definida por Weinberg e Gould (2001, p.521) como “capacidade de recuperar-se com sucesso após exposição a riscos ou sofrimentos”, e, além disso, souber dar ênfase à superação e não à vitória a qualquer custo, até mesmo a derrota pode se configurar como espaço propício aos valores humanos desejáveis.

Llamas e Suárez (2004), fazendo um apanhado de outros diversos autores (FROST, SIMS, 1974; RIJO, 2003; GUTIÉRREZ, 1995, apud LLAMAS, SUÁREZ, 2004), apresentam alguns valores que podem ser encontrados na prática esportiva. Abaixo apresentamos um quadro que condensa os principais valores citados pelos autores.

QUADRO 2 - PRINCIPAIS VALORES ENCONTRADOS NA PRÁTICA ESPORTIVA

Dimensão Geral	
Justiça e Honestidade	Comportamento ético
Auto-sacrifício	Autocontrole
Lealdade	Justiça
Respeito aos demais	Humildade
Respeito às diferenças culturais	Perfeição na execução
Jogo Limpo	Verdade
Eliminação de prejuízos	Intercambio cultural
Amistosidade internacional	Auto-realização
Dimensão Psicossocial	
Diversão, alegria	Lealdade, integridade
Auto-estima, auto-respeito	Honestidade, esportividade
Respeito a pontos de vista diferentes	Auto-realização
Respeito aos adversários	Respeito às decisões dos árbitros
Controle emocional, autodisciplina	Determinação
Tolerância, paciência, humildade	Saúde e bem-estar físico
Liderança e responsabilidade	Amizade, empatia, cooperação
Solidariedade	Expressão de sentimentos
Companheirismo	Superioridade e auto-imagem

Adaptado de Llamas e Suares (2004)

Como discutiremos através de nossa pesquisa, estes valores podem ser encontrados em diversas situações do Esporte competitivo: antes, durante e após a disputa. Tomamos os valores deste quadro como base e referencial teórico para a análise dos dados, juntamente com alguns outros que foram surgindo ao decorrer das análises.

4 Metodologia e Pesquisa

Nossa pesquisa consiste em, através de uma análise qualitativa e inferencial de depoimentos diversos, analisar a presença dos valores humanos na competição. O método escolhido para tal é a Análise de Conteúdo. Este método é bastante aplicado às pesquisas em ciências sociais, e que permite estudar com clareza diversos aspectos da comunicação humana. O método vem ganhando também crescente aplicação na área da Educação Física, na qual citamos como exemplos os trabalhos de Balbino (2005), Montagner (1999) e Scaglia (1999 e 2003).

De acordo com Bardin (1977, p.42), o método de análise de conteúdo é útil em estudos de atitudes, valores, motivações, crenças e tendências, portanto, parece adequar-se aos objetivos deste estudo. Para a autora, a análise de conteúdo configura-se como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Pela própria definição, podemos perceber que a análise inferencial é característica predominante no método de análise de conteúdo. Esta análise inferencial implica, segundo Triviños (1987, p.162), na atitude do pesquisador em ir além do conteúdo manifesto das mensagens e documentos. “Ele deve aprofundar sua análise tratando de desvendar o *conteúdo latente* que eles possuem”.

Tendo este método como ferramenta em mãos, delimitamos então os procedimentos e os objetos de nossa pesquisa.

4.1 PROCEDIMENTOS

O primeiro passo implicou em escolher o campo de mensagens a ser estudado. Entendemos que seria válido utilizar-nos de declarações escritas, a respeito de casos específicos e famosos do Esporte competitivo mundial, a fim de delimitar e manter a homogeneidade da pesquisa. Devido à fácil acessibilidade, nos utilizamos de textos, reportagens, e notícias disponíveis em sites profissionais da internet, que contivessem declarações de atletas, técnicos, colunistas e diversas outras pessoas que, de qualquer forma, encontram-se ou encontraram-se envolvidas com o Esporte, e a partir delas inferimos dados sobre os valores humanos ali contextualizados.²

O fato de termos escolhido as mensagens transmitidas pela imprensa como campo de estudo implica em sabermos e considerarmos que são estas as informações que formam o imaginário popular e, portanto, se tornam de suma importância, pois fazem com que cada pessoa, no caso, cada leitor, forme sua opinião a respeito dos acontecimentos. Durante a pesquisa, tentaremos ir além do senso comum, e a análise de conteúdo é o ferramental que nos permite fazer inferências mais profundas sobre as mensagens.

Todos os textos e reportagens foram organizados em anexos. Realizamos então o recorte das declarações e falas mais interessantes, que foram separadas por caso e devidamente contextualizadas, possibilitando a interpretação e discussão dos dados. Desta forma, configurou-se aí uma análise temática inferencial dos valores humanos, que foram os principais índices da pesquisa, sendo analisadas sua presença e relevância dentro do âmbito dos Esportes competitivos e da especificidade de cada caso. Esta etapa constituiu nossa análise qualitativa, principal análise do estudo.

² Não nos ativemos em avaliar se as declarações ou conteúdos dos textos e reportagens das fontes de pesquisa são verdadeiros e absolutos. Seguramente, as mesmas histórias ou casos, expressos por outros especialistas ou jornalistas teriam interpretações diferenciadas, podendo-se afirmar que essa subjetividade é parte integrante da pesquisa. De acordo com Schaff (1974), todo fato histórico, ao ser narrado, coloca em relação as idéias dos homens e as condições históricas, o que não deixa possibilidade para a afirmação de princípios absolutos. É o chamado relativismo: admite-se que uma idéia aparentemente verdadeira pode ser falsa em outras condições históricas e vice-versa, porém, isso não nega a validade das investigações a respeito dos fatos. Utilizamos, portanto, as fontes que identificamos como passíveis de uma interpretação teórica e que, a partir dos autores originais ou ainda dos escritores que propagaram a notícia, foram consideradas como fontes de observação e que referenciaram nossa reflexão, não nos importando legitimar sua veracidade absoluta. Nossa percepção permitiu que determinadas reportagens fossem utilizadas e que a partir delas, nossa inferência sobre os valores humanos fosse estruturada.

Posteriormente, apresentamos uma análise quantitativa com os principais valores encontrados no decorrer do estudo, a fim de observar o comportamento das variáveis (valores humanos) nas análises.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE INFERENCIAL DOS DADOS

4.2.1 CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 1

Este é um caso clássico e bastante conhecido na história dos Esportes. Ocorreu durante os Jogos Olímpicos de 1936, que aconteceram em Berlim, na Alemanha nazista, às margens da Segunda Guerra Mundial. Os jogos eram parte do plano grandioso de Hitler para mostrar ao mundo a superioridade da raça ariana, mas foi nesse contexto que, contrariando os planos de Hitler, Jesse Owens, um norte-americano negro, neto de escravos, apareceu como um grande atleta: nas quatro provas que disputou, 100 metros, 200 metros, revezamento 4 x 100 e salto em distância, Owens venceu. Mas a história é ainda mais significativa quando procuramos saber como foi que ele ganhou a medalha no salto em distância.

Owens era favorito à vitória, pois detinha o recorde mundial da prova em 8 metros e 13 centímetros e precisava de meros 7 metros e 15 centímetros para se qualificar, mas, como o escritor esportivo Ron Fimrite reportou, “Sob o olhar maligno de Hitler, ele cometeu faltas nos dois primeiros saltos e tinha apenas uma chance restante para se qualificar para as finais” (Anexo 1.2 – tradução nossa). Quando Owens estava agonizando antes de sua última tentativa, seu rival alemão, Lutz Long, aproximou-se, apresentou-se a Owens e disse “você poderia se qualificar de olhos fechados!” (Anexo 1.2 – tradução nossa) E então, levando em conta que Owens não precisava saltar seu melhor para se qualificar, sugeriu que ele fizesse uma marca antes da tábua de impulsão e atrasasse seu ponto de arranque.

“Eu decidi que não iria cair. Eu iria voar. Eu iria permanecer no ar pra sempre” (anexo 1.3, tradução nossa), disse Owens.

O norte-americano ergueu a cabeça, e seguindo o conselho de Lutz, conseguiu se qualificar com exatos 7 metros e 15 centímetros. Nas finais, a disputa entre os dois foi dura e os dois permaneciam empatados. Owens conseguiu, em seu último salto, 8 metros e 06 centímetros, vencendo a prova e fazendo com que Hitler se retirasse do estádio.

Lutz Long foi o primeiro a cumprimentá-lo ao final da disputa e a erguer seu braço de frente para a multidão. A partir de então, os dois se tornaram grandes amigos, e a única razão pela qual a amizade não durou tantos anos foi que Lutz morreu em combate na Segunda Guerra Mundial.

“Foi necessária muita coragem da parte dele para me amparar na frente de Hitler” (Anexo 1.1 – tradução nossa), disse Owens. “De uma maneira muito mais importante... ele foi o vencedor. Ele fez seu melhor – e sem ele eu nunca teria conseguido fazer o meu melhor. Lutz mostrou verdadeiramente o espírito das Olimpíadas... Você pode derreter todas as minhas medalhas e taças, e elas não chegariam nem perto da amizade 24 quilates que senti por Long naquele momento.” (Anexo 1.2 – tradução nossa)

Owens afirma que nada teve que comemorar além de sua vitória:

“Eu não quis participar da política. Eu não estava em Berlin para competir contra nenhum atleta. O propósito das Olimpíadas, de qualquer forma, era fazer o seu melhor. Como aprendi há muito tempo com Charles Riley, a única vitória que conta é aquela sobre você mesmo” (Anexo 1.3 - tradução nossa), afirma Owens, citando seu primeiro técnico

Apesar das grandes conquistas de Owens (e ele se tornou o primeiro homem a conquistar quatro medalhas olímpicas em uma mesma edição dos jogos), ele não foi, na época, reconhecido pela maioria dos americanos. Na época, os Estados Unidos passavam por um período de extremo racismo.

“Quando voltei ao meu país de origem, depois de todas as histórias sobre Hitler, eu não podia andar na frente de um ônibus”, disse Owens. “Eu tinha que ir para porta de trás. Eu não podia viver onde queria. Eu não fui convidado para apertar a mão de Hitler, mas tampouco fui convidado à Casa Branca para apertar a mão do Presidente.” (Anexo 1.1 - tradução nossa)

Hoje em dia, contudo, ao observarmos os textos sobre Jesse Owens, observamos uma atitude contrária à daqueles dias.

“O atleta mestre humilhou a raça mestre” (Larry Schwartz, colunista da ESPN

internacional – anexo 1.1 – tradução nossa).

“Ele teve quatro performances vitoriosas, ganhando medalhas em quatro provas. Contabilize: Owens 4, Hitler 0.” (Larry Schwartz, colunista da ESPN internacional – anexo 1.1 – tradução nossa).

4.2.1.1 Análise do Caso

QUADRO 3 - CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 1

Mensagem	“Sob o olhar maligno de Hitler, ele cometeu faltas nos dois primeiros saltos e tinha apenas uma chance restante para se qualificar para as finais” (Ron Fimrite, comentarista esportivo - Anexo 1.2 – tradução nossa)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A impressão do comentarista transpassa todos os valores de eugenismo que a sociedade Alemã, sob a liderança de Hitler, vivia.

QUADRO 4 - CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 2

Mensagem	“Você poderia se qualificar de olhos fechados!” (Lutz Long - Anexo 1.2 – Tradução nossa)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Lutz Long demonstrou, com esta fala e com sua atitude, valores de justiça, cooperação, respeito, solidariedade e igualdade de oportunidades , permitindo que seu oponente continuasse na competição

QUADRO 5 - CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 3

Mensagem	“Eu decidi que não iria cair. Eu iria voar. Eu iria permanecer no ar pra sempre” (Jesse Owens - Anexo 1.3 - Tradução nossa)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A mensagem de Jesse Owens expressa valores de superação, determinação, controle emocional e auto-disciplina.

QUADRO 6 - CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 4

Mensagem	“Foi necessária muita coragem da parte dele para me amparar na frente de Hitler” (Anexo 1 – tradução nossa), disse Owens. “De uma maneira muito mais importante... ele foi o vencedor. Ele fez seu melhor – e sem ele eu nunca teria conseguido fazer o meu melhor. Lutz mostrou verdadeiramente o espírito das Olimpíadas... Você pode derreter todas as minhas medalhas e taças, e elas não chegariam nem perto da amizade 24 quilates que senti por Long naquele momento.” (Jesse Owens - Anexo 1.2 – tradução nossa)
Valores manifestos	Amizade
Valores latentes (análise inferencial)	Jesse Owens demonstrou, ao pronunciar tais palavras, gratidão, reconhecimento e companheirismo

QUADRO 7 - CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 5

Mensagem	“Eu não quis participar da política. Eu não estava em Berlin para competir contra nenhum atleta. O propósito das Olimpíadas, de qualquer forma, era fazer o seu melhor. Como aprendi há muito tempo com Charles Riley, a única vitória que conta é aquela sobre você mesmo” (Jesse Owens - Anexo 1.3 - tradução nossa),
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Mais uma vez, podemos inferir o valor de superação.

QUADRO 8 - CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 6

Mensagem	<p>“Eu tinha que ir para porta de trás. Eu não podia viver onde queria. Eu não fui convidado para apertar a mão de Hitler, mas tampouco fui convidado à Casa Branca para apertar a mão do Presidente.” (Jessé Owens - Anexo 1.1 – tradução nossa)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Aqui inferimos o valor do racismo , por parte não do atleta, mas da sociedade norte-americana da época.

QUADRO 9 - CASO JESSE OWENS E LUTZ LONG - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 7

Mensagem	<p>“O atleta mestre humilhou a raça mestre” “Ele teve quatro performances vitoriosas, ganhando medalhas em quatro provas. Contabilize: Owens 4, Hitler 0.” (Larry Schwartz, Colunista da ESPN internacional – Anexo 1.1 – Tradução nossa)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A relação anterior inverteu-se, e hoje Jesse Owens é considerado um grande herói. Nesta frase, o colunista expressa valores de nacionalismo, idolatria e superioridade . De certa forma, é uma atitude controversa, pois os norte-americanos acabam ostentando sua superioridade do mesmo jeito que Hitler fez anteriormente.

4.2.1.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações

O caso em questão possui um simbolismo e um contexto muito característicos por nos remeter a um fator importante: o eugenismo da Alemanha Nazista durante os Jogos Olímpicos de 1936. O valor do eugenismo aparece fortemente e transpassa todas as situações ocorridas no caso. Este é o primeiro valor que destacamos aqui. Esta ênfase no eugenismo nos remete à afirmação de Legrand (1983) de que nem sempre os valores aceitos por uma grande

parte da população, ou no caso de uma grande parte de um país, são necessariamente bons. Muitas vezes a percepção de que este determinado valor é prejudicial emerge, e a partir daí ocorre a procura de “novos valores”.

A atitude de Lutz Long, todavia, vai contra o fluxo de eugenismo que tomava o contexto dos Jogos. Ele apóia o adversário, norte-americano negro, e o ajuda a se classificar, demonstrando valores diversos cujo eixo central parece ser a busca pela justiça, que se fez através da solidariedade explicitada pelo atleta. Desta forma, observamos que valores “desejáveis” transpõem todo um contexto que, de certa forma, não era propício à presença deles: a natureza dos valores a partir de uma determinada situação parece ser imprevisível.

Jesse Owens, por sua vez, transpassa valores de superação e determinação ao não desistir de seu objetivo. De acordo com os autores Weinberg e Gould (2001), Orlick (1989) e Rubio (2006), a idéia da superação ao invés da rivalidade parece ser a solução para o conflito entre competição e educação, tema deste estudo. A prática competitiva se torna muito mais saudável quando a ênfase se dá no desempenho próprio, e não na rivalidade e na busca pela vitória e superação do adversário a qualquer preço.

Esta superação demonstrada por Owens talvez seja a origem de outro valor que emerge da situação. Jesse Owens se tornou um herói para a sociedade norte-americana. Quando nos remetemos à busca de material para a pesquisa, nos deparamos com grande quantidade de sites que fazem da figura de Owens uma figura heróica e transpassam idolatria e nacionalismo norte-americano.

Segundo Rubio (2001), a mídia por vezes narra os eventos esportivos como verdadeiros romances, incluindo em suas narrações personagens, vilões e heróis, na busca desenfreada pela audiência. Jesse Owens se tornou então um herói, com o qual muitos se identificaram, e que efetivamente inverteu a relação de superioridade da época: agora, quem tenta se mostrar superior utilizando o exemplo de Owens são os Estados Unidos.

Mas o reconhecimento de Owens não foi tão facilmente conseguido. Isso só ocorreu anos depois, pois na época das vitórias de Owens, os Estados Unidos eram um país extremamente racista. Percebemos que o valor do racismo transpassa as afirmações de Owens. Ele afirma que passou por situações envolvidas de preconceito e que não foi efetivamente reconhecido quando retornou ao seu país após as conquistas durante os Jogos. Somente após algum tempo este reconhecimento pôde ser percebido e o fenômeno da idolatria se apresentou

fortemente. É mais uma evidência de que valores apresentados por uma grande parte da população não necessariamente são “bons valores”, nem tampouco são imutáveis.

4.2.2 CASO VANDERLEI CORDEIRO – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 2

Este caso aconteceu durante os Jogos Olímpicos de 2004. O brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima liderava a prova de maratona já próxima do final, na altura do quilômetro 32, quando um indivíduo inesperadamente surge da torcida e o ataca, jogando-o no chão. Depois de aproximados 8 segundos de “luta” para se desvencilhar do torcedor, Vanderlei retoma a corrida, mas é ultrapassado por dois competidores e a termina em terceiro lugar, ficando com o bronze.

Alguns especialistas afirmaram que a atitude de Vanderlei em retomar o ritmo foi uma grande demonstração de superação.

"Numa situação normal, a pessoa fica com mais força, mas no fim da maratona você não tem mais força, está no limite" (Jorge Agostinis, preparador físico da maratonista Márcia Narloch - Anexo 2.6) e completou: "Aquilo era para sentar na calçada e chorar". "Ele retomou muito próximo do ritmo anterior, isso valorizou a medalha de bronze", disse Viana, que acompanha em sua equipe o maratonista Frank Caldeira, último vencedor da modalidade em São Paulo e na Pampulha. (Viana, técnico desportivo - Anexo 2.6)

Ao comentar o fato, Vanderlei explica:

“Foi um momento de superação. Estava muito determinado. Claro que não voltei com as mesmas condições físicas e psicológicas, mas o mais importante para mim era conseguir chegar ao pódio. Para quem acompanhou minha preparação final para a Olimpíada, sabia que eu estava preparado. Era um sonho que eu consegui realizar” completou o maratonista. (Anexo 2.3)

"Foi uma superação para mim. Não esperava e por isso não tive reação. Quem já correu sabe o que é ter um ritmo, parar e ser obrigado a retomá-lo. Isso me atrapalhou bastante. Mas, independentemente do que aconteceu, foi importante para mim e para o meu país esta medalha.

Não sei se venceria, mas o final seria diferente. Contudo, prevaleceu o espírito olímpico, de garra e determinação. Pude demonstrar isso através dos Jogos Olímpicos [...]". (Anexo 2.1)

Quando perguntado se estava raiva do que havia acontecido, Vanderlei

respondeu: “Minha felicidade é maior que o meu ódio.” (Anexo 2.4)

E quando soube que o COB (Comitê Olímpico Brasileiro) iria recorrer sobre o resultado, o maratonista afirmou:

“Independentemente do que acontecer, o importante é esse momento. Não estou aqui por acaso, treinei muito para chegar a isso. A imprensa brasileira não acreditava em mim, mas entrei para a história. Estou feliz com o bronze [...]” (Anexo 2.4)

Infelizmente, o COI (Comitê Olímpico Internacional) não pôde intervir nas questões técnicas das Federações Internacionais para atender ao pedido do COB, mas concedeu a Vanderlei Cordeiro a medalha “Barão Pierre de Coubertin” pelo *fairplay*. Nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, esta medalha havia sido entregue a um velejador, que abandonou a prova a fim de salvar uma pessoa que havia caído no mar.

Vanderlei também não culpa a segurança do evento pelo que aconteceu: "Nem eu nem o pessoal da segurança esperava por isso. A pessoa partiu para cima de mim, me abraçou, me jogou na calçada e só depois o segurança me livrou. Não culpo a organização pelo ocorrido. Foi um fato isolado dentro dos Jogos Olímpicos. Acho que poderia acontecer em qualquer outro lugar" (Anexo 2.1)

Durante a cerimônia de premiação, o italiano Stefano Baldini, que ostentava a medalha de ouro, ignorou o brasileiro.

"Ele [o italiano Stefano Baldini] nem falou comigo. Depois, disse que seria campeão de qualquer jeito" (Anexo 2.2), reclamou.

"Ele foi muito infeliz. Mas isso só valorizou a minha medalha. Daqui há 20, 30, 40, 50 anos, quando pensarem na maratona de Atenas, todos lembrarão do brasileiro que foi impedido de vencer, e não do campeão." (Anexo 2.2)

Em contraste, muitos valorizaram a atitude do maratonista. Um exemplo foi Emanuel, do vôlei de praia, que em um programa de TV ofereceu publicamente sua medalha a Vanderlei.

“Essa é uma homenagem de todo o povo brasileiro, que sabe que ele [Vanderlei] merecia ter ficado com o ouro. O espírito olímpico estava com ele. Fico muito emocionado, pois sei como é difícil para um atleta chegar a uma Olimpíada. Quero muito que ele seja um vitorioso”, disse Emanuel, após colocar a medalha no pescoço de Vanderlei. (Anexo 2.3)

Vanderlei emocionou-se e agradeceu, mas não aceitou a medalha: "Não

poderia ficar com a medalha do Emanuel. Estou feliz com a minha, que é de bronze mas vale ouro" (Anexo 2.3)

Percebemos que em nenhum momento Vanderlei irritou-se com o ocorrido, muito menos insultou o agressor, porém, alguns colunistas pensaram diferente, como percebemos no caso: “O brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima foi nitidamente prejudicado por aquele debiloide (um ex- padre irlandês) que invadiu a pista e o segurou.” (Rui Guilherme, colunista do site delrecinoticias.com.br – Anexo 2.5). É um exemplo de falta de compreensão.

O ex-padre irlandês que atacou Vanderlei foi condenado, mas pagou uma multa e foi solto, e afirmou à imprensa: "Deus dará a Vanderlei o que eu tirei dele" (Anexo 2.7). Quando o maratonista soube desta afirmação, não se conteve e chorou.

4.2.2.1 Análise do Caso

QUADRO 10 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 1

Mensagem	“Foi um momento de superação. Estava muito determinado. Claro que não voltei com as mesmas condições físicas e psicológicas, mas o mais importante para mim era conseguir chegar ao pódio. Para quem acompanhou minha preparação final para a Olimpíada, sabia que eu estava preparado. Era um sonho que eu consegui realizar” (Vanderlei Cordeiro - Anexo 2.3)
Valores manifestos	Superação e determinação
Valores latentes (análise inferencial)	A fala de Vanderlei deixa margem para a inferência de valores de auto-sacrifício, autocontrole e autodisciplina.

QUADRO 11 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 2

Mensagem	<p>“Não sei se venceria, mas o final seria diferente. Contudo, prevaleceu o espírito olímpico, de garra e determinação. Pude demonstrar isso através dos Jogos Olímpicos [...]” (Vanderlei Cordeiro - Anexo 2.1)</p>
Valores manifestos	Espírito olímpico, garra e determinação
Valores latentes (análise inferencial)	-

QUADRO 12 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 3

Mensagem	<p>“Minha felicidade é maior que o meu ódio.” (Vanderlei Cordeiro - Anexo 2.4)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A atitude de Vanderlei de em nenhum momento insultar o agressor, bem como a frase acima, demonstra valores de comportamento ético, tolerância e integridade .

QUADRO 13 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 4

Mensagem	<p>“Independentemente do que acontecer, o importante é esse momento. Não estou aqui por acaso, treinei muito para chegar a isso. A imprensa brasileira não acreditava em mim, mas entrei para a história. Estou feliz com o bronze [...]” (Vanderlei Cordeiro - Anexo 2.4)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Inferimos aqui valores de auto-estima e auto-realização , pois Vanderlei se mostra feliz com o resultado obtido, apesar das adversidades.

QUADRO 14 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 5

Mensagem	"Nem eu nem o pessoal da segurança esperava por isso. A pessoa partiu para cima de mim, me abraçou, me jogou na calçada e só depois o segurança me livrou. Não culpo a organização pelo ocorrido. Foi um fato isolado dentro dos Jogos Olímpicos. Acho que poderia acontecer em qualquer outro lugar" (Vanderlei Cordeiro - Anexo 2.1)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A frase demonstra a compreensão de Vanderlei.

QUADRO 15 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 6

Mensagem	"Ele [o italiano Stefano Baldini] nem falou comigo. Depois, disse que seria campeão de qualquer jeito [...]. Ele foi muito infeliz. Mas isso só valorizou a minha medalha. Daqui há 20, 30, 40, 50 anos, quando pensarem na maratona de Atenas, todos lembrarão do brasileiro que foi impedido de vencer, e não do campeão." (Vanderlei Cordeiro - Anexo 2.2)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Mais uma vez Vanderlei expressou grande compreensão e autocontrole e demonstrou um senso de auto-imagem muito bem formada, pois não se deixou levar pelas opiniões do adversário.

QUADRO 16 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 7

Mensagem	"Essa é uma homenagem de todo o povo brasileiro, que sabe que ele [Vanderlei] merecia ter ficado com o ouro. O espírito olímpico estava com ele. Fico muito emocionado, pois sei como é difícil para um atleta chegar a uma Olimpíada. Quero muito que ele seja um vitorioso" (Emanuel, atleta de voleibol de areia - Anexo 2.3)
Valores manifestos	Espírito olímpico
Valores latentes (análise inferencial)	Ao oferecer sua medalha a Vanderlei e proferir tais palavras, Emanuel demonstrou companheirismo, amizade e empatia .

QUADRO 17 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 8

Mensagem	“O brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima foi nitidamente prejudicado por aquele debiloide (um ex- padre irlandês) que invadiu a pista e o segurou.” (Rui Guilherme, colunista do site delrecinoticias.com.br – Anexo 2.5)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Com esta frase, o colunista menospreza e insulta o agressor, ao contrário do próprio Vanderlei que em nenhum momento o fez. Trata-se de uma manifestação de agressividade verbal.

QUADRO 18 - CASO VANDERLEI CORDEIRO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 9

Mensagem	"Deus dará a Vanderlei o que eu tirei dele" (Cornelius Horan, ex-padre irlandês que agrediu Vanderlei - Anexo 2.7).
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	O ex-padre demonstrou valores de religiosidade e arrependimento

4.2.2.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações

O caso de Vanderlei Cordeiro foi marcado por uma adversidade que ocorreu em uma das provas mais importantes do evento esportivo mais significativo do mundo, e por isso dá margem a uma análise interessante.

Apesar de o incidente ter tirado de Vanderlei Cordeiro a chance de ganhar o ouro olímpico, todas as suas afirmações analisadas transpassaram valores que têm como eixo central a compreensão, a tolerância e a auto-estima. São valores que, em uma situação como a em questão, demonstram um juízo moral muito bem construído. Segundo Puig (1998), a naturalidade com a qual a pessoa defronta situações difíceis vem da educação moral, em contraste com as reações agressivas. É uma forma muito mais saudável de se viver em sociedade.

Em contraponto, as reações da mídia podem ser totalmente antagônicas a este pensamento. A emoção que o Esporte transpassa a tais personagens do âmbito esportivo faz com que as expressões de sentimentos e valores se voltem para a agressividade, como observamos na afirmação do comentarista Rui Guilherme.

Já as declarações do atleta de voleibol Emanuel, bem como sua atitude ao oferecer a sua própria medalha ao colega, transpassam valores desejáveis, sendo talvez o principal deles a empatia. É a dimensão social envolvendo a prática esportiva para além dos gestos técnicos, dimensão esta idealizada em conjunto com as demais e apresentada ao longo de nossa revisão bibliográfica por Sanmartín (2004), e que permite acrescentarmos ao Esporte seu caráter de formativo. As relações sociais são as bases para tudo isso.

Cornelius Horan, o agressor, por sua vez, declara-se arrependido. É evidente que não podemos aqui discutir a legitimidade de sua fala, bem como a de seu arrependimento, mas o último parece também fazer parte de um crescimento moral e pessoal em andamento.

4.2.3 CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 3

O palco do nosso terceiro caso é a Fórmula Um, e o acontecimento trata-se de um fato que gerou extrema polêmica. O piloto brasileiro Rubens Barrichello, que vinha liderando o GP (Grande Prêmio) da Áustria durante o campeonato de 2002, recebeu uma ordem de sua equipe - a Ferrari - para que deixasse seu companheiro de equipe, Michael Schumacher, ultrapassá-lo. Desta forma o piloto alemão terminaria a corrida em primeiro lugar e teria direito à melhor pontuação para o campeonato.

Barichello desacelerou, já bem próximo à linha de chegada, e Schumacher o ultrapassou e venceu a corrida e, posteriormente, também o campeonato.

O brasileiro foi criticado por alguns, compreendido por outros. De acordo com Rubinho, Jean Todt, diretor esportivo da Ferrari, teria quebrado um acordo antigo de que Barichello estava livre para vencer a corrida se fosse melhor que Schumacher, e afirma:

"Ele disse: 'Rubens, falamos sobre isso mais tarde. Faça, por favor, o que é melhor para os interesses da equipe'. 'Não podia dizer: 'Vocês falaram que eu poderia vencer quando estivesse em primeiro' - Não dá para argumentar a 250 km/h". (Anexo 3.1)

Visivelmente chateado com a atitude que teve que tomar, Barichello afirma:

"É difícil bater Michael. E quando a gente consegue tem que se submeter a essas regras". (Anexo 3.1)

"Foi uma decisão da equipe e tive que respeitá-la", disse Barichello. "Eu fiz o que foi pedido, mesmo achando que seria muito melhor que não tivessem me pedido para dar passagem. O acontecimento de hoje não afetou minha determinação. Sinto que estou passando por um bom momento na vida e pilotando melhor que nunca. Sinto que minha hora está chegando e não há porque reclamar ou discutir. (Anexo 3.3 – tradução nossa)

Após o incidente, ambos os pilotos foram multados pela Federação Internacional de Automobilismo (FIA) em US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 2,83 milhões).

Em nota, a FIA declarou que "é dever de cada equipe assegurar que seus pilotos observem os procedimentos do pódio e que, de maneira nenhuma, causem constrangimento às autoridades dos países que recebam os grandes prêmios". (Anexo 3.2)

A equipe da Ferrari se mostrou arrependida:

"Somos todos humanos, aprendemos com o que aconteceu na Áustria e nossos

juulgamentos serão diferentes daqui para frente”, declarou o diretor técnico da Ferrari, Ross Brawn, responsável pela estratégia de equipe durante as corridas. (Anexo 3.2)

“Se Michael (Schumacher) tivesse tido a mesma falta de sorte da qual Juan Pablo Montoya (piloto da Williams) foi vítima nas últimas corridas, Montoya poderia estar liderando o campeonato. Por isso, vocês devem entender o que fazemos e o que nos leva a tomar determinadas decisões”, acrescentou Brawn. (Anexo 3.2)

“A vida é um processo constante de aprendizagem e aprendemos na Áustria que tínhamos que agir de modo diferente”, explicou Brawn. (Anexo 3.2)

Montoya, principal concorrente de Schumacher na época, declarou:

“Michael, na verdade, não tem nenhum desafio no campeonato,”. “Ele estava correndo mais de 20 pontos à minha frente e eles são cerca de um segundo por volta mais rápidos que nós. Com o que eles estão tão preocupados? Sinto muito pelo Rubens.” (Anexo 3.3 – tradução nossa)

Já Schumacher demonstrou compreender a atitude de sua equipe:

“A equipe quer vencer o campeonato e eles investiram, com os patrocinadores, tanto dinheiro naquilo que se nós falharmos por talvez um ponto no final, então pareceremos estúpidos.” (Anexo 3.3 – tradução nossa)

Mas apesar disso, afirma que sua vitória não teve mérito nenhum:

“Não levo satisfação desta vitória,” disse Schumacher. “Gostei da corrida, mas não dos últimos 100 metros” (Anexo 3.3 – tradução nossa)

É interessante, também, analisarmos algumas opiniões de alguns espectadores, que são amplamente divergentes, mas dão margem a uma boa discussão:

“Nos esportes mais evoluídos prevalece o interesse do time. A assistência àquele que faz o gol valem tanto quanto o próprio gol. Grande fim de semana, Rubens! Você fez tudo certo. Parabéns!” (Marcelo Cabeda, espectador - Anexo 3.4)

“O ‘piloto’ Rubens Barrichello vendeu sua alma, seu espírito esportivo (se é que o tinha) e o orgulho competitivo de um país já representado com muita dignidade por Fittipaldi, Piquet, Senna, dentre outros. Rubinho, eu sei que mãe compreende e perdoa quase tudo, mas as mães do Brasil mereciam um almoço com mais dignidade, sem o sabor amargo e indigesto do vil metal. Apesar de tanto dinheiro, pobre Rubinho...” (Hélio Araújo, espectador Anexo 3.4)

“Estou indignado como brasileiro, como desportista, como pai, como

professor, como cidadão. O que vamos dizer aos nossos filhos diante desse belo exemplo que a equipe Ferrari nos proporcionou? Me senti um palhaço diante da televisão, assistindo a esse espetáculo de desonestidade e de desrespeito. Estou enojado. Estou indignado. Não contem mais com a minha audiência.” (Ronaldo Elie Yallou, espectador - Anexo 3.4)

“Como brasileira, estou me sentindo envergonhada com a postura de Barrichello. O que a TV Globo denominou de coragem e maturidade, podemos chamar de uma atitude coerente a ser adotada por quem está na pista não para defender o seu país, mais para abonar a sua conta bancária. Onde está o orgulho de mostrar sua competência, a garra de elevar o seu país a mais alta posição? É lamentável a decadência de um esportista que recebeu de toda uma nação a incumbência de nos trazer alegrias e orgulho como o Senna fazia. Mais do que uma vítima da Ferrari ou do Schumacher, Barrichello é um produto de suas escolhas equivocadas e medíocres. É realmente triste vermos o poder econômico derrotando qualquer ideal e princípio ético.” (Tereza Cristina Leite, espectadora - Anexo 3.4)

“Parabéns, Rubinho. Você deu um show na corrida e, principalmente, como homem. Você mostrou para todos os integrantes da Ferrari o verdadeiro significado da palavra ética. Coisa que, parece que alguns membros desta equipe, parecem desconhecer. Em minha opinião, Michael Schumacher só se tocou da estupidez que fez ao cruzar a linha de chegada, após receber as vaias merecidas da torcida, além do olhar de reprovação de seu irmão.” (Sebastião S. Silveira Filho, espectador - Anexo 3.4)

4.2.3.1 Análise do Caso

QUADRO 19 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 1

Mensagem	"Ele disse: 'Rubens, falamos sobre isso mais tarde. Faça, por favor, o que é melhor para os interesses da equipe'. "Não podia dizer: 'Vocês falaram que eu poderia vencer quando estivesse em primeiro' - Não dá para argumentar a 250 km/h". (Rubens Barrichello - Anexo 3.1)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A preocupação com o interesse da equipe , em detrimento do interesse individual do piloto, foi o que norteou este caso e a frase acima.

QUADRO 20 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 2

Mensagem	"É difícil bater Michael. E quando a gente consegue tem que se submeter a essas regras". (Rubens Barichello - Anexo 3.1)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	O piloto demonstra que se sente injustiçado , mas apesar disso não deixou de se auto-sacrificar em prol dos interesses da equipe.

QUADRO 21 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 3

Mensagem	"é dever de cada equipe assegurar que seus pilotos observem os procedimentos do pódio e que, de maneira nenhuma, causem constrangimento às autoridades dos países que recebem os grandes prêmios". (FIA - Anexo 3.2)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A FIA mostra, com a frase, que detêm a responsabilidade pela manutenção da justiça no resultado das provas.

QUADRO 22 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 4 E 5

Mensagens	"A vida é um processo constante de aprendizagem e aprendemos na Áustria que tínhamos que agir de modo diferente". (Ross Brawn, diretor técnico da Ferrari - Anexo 3.2) "Somos todos humanos, aprendemos com o que aconteceu na Áustria e nossos julgamentos serão diferentes daqui para frente" (Ross Brawn, diretor técnico da Ferrari - Anexo 3.2)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	O diretor demonstra arrependimento , e ao falar em julgamentos diferentes, implica em formação de um juízo crítico para que não cometa o mesmo erro novamente.

QUADRO 23 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 6

Mensagem	<p>“Se Michael (Schumacher) tivesse tido a mesma falta de sorte da qual Juan Pablo Montoya (piloto da Williams) foi vítima nas últimas corridas, Montoya poderia estar liderando o campeonato. Por isso, vocês devem entender o que fazemos e o que nos leva a tomar determinadas decisões”.</p> <p>(Ross Brawn, diretor técnico da Ferrari - Anexo 3.2)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	O diretor levou em conta, para a decisão, um valor de eliminação de prejuízos para a equipe.

QUADRO 24 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 7

Mensagem	<p>"Foi uma decisão da equipe e tive que respeitá-la" [...] "Eu fiz o que foi pedido, mesmo achando que seria muito melhor que não tivessem me pedido para dar passagem. O acontecimento de hoje não afetou minha determinação. Sinto que estou passando por um bom momento na vida e pilotando melhor que nunca. Sinto que minha hora está chegando e não há porque reclamar ou discutir.</p> <p>(Rubens Barrichello - Anexo 3.3 – tradução nossa)</p>
Valores manifestos	Respeito e determinação.
Valores latentes (análise inferencial)	Barichello demonstra compreensão, lealdade à equipe. Também podemos inferir seus valores de auto-estima e auto-imagem quando afirma que está pilotando melhor do que nunca: apesar de ter perdido a corrida, sabe que foi melhor que Schumacher e não se deixa levar pelo ocorrido.

QUADRO 25 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 8

Mensagem	<p>"Michael, na verdade, não tem nenhum desafio no campeonato,." "Ele estava correndo mais de 20 pontos à minha frente e eles são cerca de um segundo por volta mais rápidos que nós. Com o que eles estão tão preocupados? Sinto muito pelo Rubens."</p> <p>(Juan Pablo Montoya, piloto - Anexo 3.3 – tradução nossa)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Montoya exprime empatia pelo piloto Rubens Barichello.

QUADRO 26 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 9

Mensagem	<p>“A equipe quer vencer o campeonato e eles investiram, com os patrocinadores, tanto dinheiro naquilo que se nós falharmos por talvez um ponto no final, então pareceremos estúpidos.” (Michael Schumacher - Anexo 3.3 – tradução nossa)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Schumacher exprime compreensão quanto à atitude da equipe, mas sua fala mostra também que a principal razão pelo “medo” de que o piloto perdesse os pontos se resume a interesses capitalistas

QUADRO 27 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 10

Mensagem	<p>“Nos esportes mais evoluídos prevalece o interesse do time. A assistência àquele que faz o gol valem tanto quanto o próprio gol. Grande fim de semana, Rubens! Você fez tudo certo. Parabéns!” (Marcelo Cabeda, espectador - Anexo 3.4)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	O espectador demonstra valor de compreensão , ao perceber que a decisão da Ferrari levou em conta um interesse da equipe como um todo.

QUADRO 28 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 11

Mensagem	<p>“O ‘piloto’ Rubens Barrichello vendeu sua alma, seu espírito esportivo (se é que o tinha) e o orgulho competitivo de um país já representado com muita dignidade por Fittipaldi, Piquet, Senna, dentre outros. Rubinho, eu sei que mãe compreende e perdoa quase tudo, mas as mães do Brasil mereciam um almoço com mais dignidade, sem o sabor amargo e indigesto do vil metal. Apesar de tanto dinheiro, pobre Rubinho...” (Hélio Araújo, espectador Anexo 3.4)</p>
Valores manifestos	Espírito esportivo, dignidade, orgulho, competitividade
Valores latentes (análise inferencial)	Este espectador manifesta um grande número de valores, mas demonstra intolerância com relação ao caso.

QUADRO 29 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 12

Mensagem	<p>“Estou indignado como brasileiro, como desportista, como pai, como professor, como cidadão. O que vamos dizer aos nossos filhos diante desse belo exemplo que a equipe Ferrari nos proporcionou? Me senti um palhaço diante da televisão, assistindo a esse espetáculo de desonestidade e de desrespeito. Estou enojado. Estou indignado. Não contem mais com a minha audiência.”</p> <p>(Ronaldo Elie Yallou, espectador - Anexo 3.4)</p>
Valores manifestos	Desonestidade e desrespeito
Valores latentes (análise inferencial)	Também demonstra intolerância .

QUADRO 30 - CASO BARRICHELLO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 13

Mensagem	<p>“Como brasileira, estou me sentindo envergonhada com a postura de Barrichello. O que a TV Globo denominou de coragem e maturidade, podemos chamar de uma atitude coerente a ser adotada por quem está na pista não para defender o seu país, mais para abonar a sua conta bancária. Onde está o orgulho de mostrar sua competência, a garra de elevar o seu país a mais alta posição? É lamentável a decadência de um esportista que recebeu de toda uma nação a incumbência de nos trazer alegrias e orgulho como o Senna fazia. Mais do que uma vítima da Ferrari ou do Schumacher, Barrichello é um produto de suas escolhas equivocadas e medíocres. É realmente triste vermos o poder econômico derrotando qualquer ideal e princípio ético.”</p> <p>(Tereza Cristina Leite, espectadora - Anexo 3.4)</p>
Valores manifestos	Coragem, maturidade, orgulho, garra e ética.
Valores latentes (análise inferencial)	A intolerância da espectadora relaciona-se aos valores de interesses capitalistas que acredita nortear as decisões da equipe Ferrari.

QUADRO 31 - CASO BARRICHELO E SCHUMACHER - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 14

Mensagem	<p>“Parabéns, Rubinho. Você deu um show na corrida e, principalmente, como homem. Você mostrou para todos os integrantes da Ferrari o verdadeiro significado da palavra ética. Coisa que, parece que alguns membros desta equipe, parecem desconhecer. Em minha opinião, Michael Schumacher só se tocou da estupidez que fez ao cruzar a linha de chegada, após receber as vaias merecidas da torcida, além do olhar de reprovação de seu irmão.”</p> <p>(Sebastião S. Silveira Filho, espectador - Anexo 3.4)</p>
Valores manifestos	<p style="text-align: center;">Ética.</p> <p>É interessante observar que o espectador do quadro anterior considerou a atitude de Barrichello como anti-ética, enquanto este a considerou como ética.</p>
Valores latentes (análise inferencial)	<p>O espectador demonstra compreensão para com o piloto.</p>

4.2.3.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações

O caso em questão traz como tema central a ética no Esporte, e as afirmações e discussões que a partir dele surgiram remetem-se exatamente a este tema: A atitude de Rubens Barrichello e da Ferrari como um todo foi ética?

As justificativas para a decisão parecem ter como valor central a preocupação com os interesses da equipe como um todo. O mais importante, naquele momento, era que Schumacher ganhasse o maior número de pontos na corrida, independente do modo com que isto seria feito. Esta afirmativa parece quebrar os princípios do *fair play*, mas, ao mesmo tempo, se considerarmos a posição de Barrichello como integrante desta equipe e não como adversário de Schumacher na corrida, ele nada mais fez do que “o melhor para a equipe”, como afirmou o diretor da Ferrari, Jean Todt.

Algumas afirmativas, especialmente as de espectadores, refletem esta ambigüidade. Alguns consideram a atitude ética, outros a consideram antiética. Isto nos remete ao fato de que apesar de os valores transpassarem as relações sociais e serem coletivos, é preciso levar em conta a interpretação subjetiva dos mesmos: tanto individualmente quanto

coletivamente, os valores nos permitem selecionar quais comportamentos são desejáveis (BARBANTI, 2003). Valorar requer uma tomada de decisões que leva em conta critérios subjetivos, que são determinados por circunstâncias pessoais, pressões ou pelos sentimentos e emoções de quem toma a decisão (PUIG, 1996).

As análises das declarações de Barrichello, por sua vez, parecem mostrar que sua atitude nada teve de iniquidade. As inferências mostram compreensão, lealdade à equipe e auto-sacrifício por parte do piloto, mas tais declarações não foram o suficiente para acabar com a polêmica.

A FIA optou por punir ambos os pilotos a fim de afirmar sua responsabilidade pela justiça no campeonato e, a partir da polêmica gerada pelo caso, a equipe da Ferrari produziu declarações de arrependimento, o que mais uma vez nos remete à idéia de desenvolvimento e aprimoramento moral através de uma experiência (PUIG, 1998).

E, por último, destacamos a referência que Schumacher faz aos interesses capitalistas em sua declaração, o que também observamos na declaração de um dos espectadores. A relação do fato com os interesses capitalistas que transpassam o mundo dos Esportes de competição é a mesma que dá sustentação às críticas sociais do Esporte: conforme apresentamos em nossa reflexão teórica, uma das razões da dicotomia entre Esporte e educação é a maneira com que a chamada indústria esportiva lida com o Esporte – os críticos sociais diriam que o atleta, no caso Barrichello, é apenas uma engrenagem do sistema-máquina esportivo (BETTI, 1991).

4.2.4 CASO DRIBLE DO KERLON – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 4

O Campeonato Brasileiro de Futebol de 2007 foi marcado por um caso um tanto quanto inusitado e que acabou gerando muitas polêmicas. Kerlon, atacante do Cruzeiro, criou um drible particularmente característico, que foi posteriormente denominado “drible da foca”. Ao executá-lo, o atacante conduz a bola com cabeçadas consecutivas em direção ao gol, o que torna a jogada muito difícil de ser marcada e parada pelo time adversário. O drible tornou-se especialmente polêmico quando Kerlon, ao realizar o drible sobre o lateral direito Coelho, do Atlético MG, sofreu uma falta perigosa, o que fez com que o árbitro da partida, Evandro Rogério Roman, expulsasse Coelho.

A partir daí, inúmeras declarações foram dadas, a favor e contra o drible. Alguns dizem que é arte, outros que é provocação. Kerlon, o autor da jogada afirma:

"É a minha jogada. Não é a primeira vez que faço, não foi ontem [*domingo*] que comecei a fazer. Foi um momento que encontrei para fazer e, sempre que tiver, farei de novo", avisou o jogador, segundo o site do Cruzeiro. "De maneira nenhuma quero menosprezar alguém. Quem conhece sabe que é uma jogada sempre rumo ao gol e em que posso cavar uma falta." (Anexo 4.1)

A direção e o técnico do clube aprovam a utilização do drible e defendem o atacante:

"Kerlon usou de sua individualidade. Ele fez uma jogada aguda, em direção ao gol. Não vou pedir, de maneira nenhuma (para ele não fazer mais isso). É uma condição que ele tem. Já mostrou isso em outros momentos. Não vai perder isso nunca", comentou o técnico cruzeirense, em entrevista ao canal *SporTV*. (Dorival Junior - Anexo 4.4)

"Acho que o Kerlon usou de uma qualidade que ele tem. Não foi provocativo [...]. Se queremos ver espetáculo, isso é espetáculo. Ele não fez nada que desmerecesse o Atlético-MG. Ele faz isso em treinos também", acrescentou. (Anexo 4.4)

"Queremos que o Kerlon se sinta à vontade para fazer a sua principal jogada", avisou o gerente de futebol do clube, Valdir Barbosa. (Anexo 4.1)

Apesar das afirmações que tentam deixar claro que a jogada não tem caráter provocativo, muitos pensam o contrário.

O técnico do Vasco, Celso Roth, deu as seguintes declarações:

“O pessoal que diz que tem de deixar o Kerlon praticar a jogada livremente não é o que vive do futebol. Ficam só analisando e sua vida não depende do que ocorre no campo” (Anexo 4.2)

“Se ele fizer a jogada para buscar o gol, não há problema algum. Mas se for em outra situação, fica mais complicado” (Anexo 4.2)

Outros técnicos são da mesma opinião. O técnico do Flamengo, Joel Santana, afirma:

"Os dois jogadores erraram. Contra o Flamengo, o nosso time vencia por 3 a 1 e o Kerlon entrou. Ele não fez o drible. Naquele momento do jogo contra o Atlético-MG, ele estava errado de fazer aquilo", disse Joel. (Anexo 4.7)

"Se toda vez que o time dele estiver ganhando, ele colocar a bola na cabeça, será complicado. Ele não fez quando o time dele estava perdendo", completou o treinador. (Anexo 4.7)

"É o tipo de lance que incita a torcida. É bonito e legal para quem está ganhando. Nenhum jogador gosta de ver aquele tipo de lance quando está perdendo. Quem disser o contrário, está mentindo", afirmou o técnico. (Anexo 4.7)

Dunga, o técnico da seleção brasileira de futebol, afirma:

"Jamais vou me opor a jogadas técnicas e dribles. Só queria que fizesse quando estiver perdendo, para não soar como provocação. Cada um tem uma característica e essa é a forma dele. A única forma de pará-lo é no ombro a ombro" (Anexo 4.5).

Outro técnico a dar seu parecer foi Emerson Leão:

"Eu temo, num futuro, ele ficar fora muitos anos se um dia tomar um chute veloz e grave no rosto, para depois nunca mais jogar futebol. Torço para que isso não aconteça nunca. Mas ele está dentro do regulamento", disse após a partida. (Anexo 4.6)

Indignado com a afirmação, Mino Raiola defendeu o jogador e manifestou o interesse em entrar com uma ação judicial contra Leão:

"Esse tipo de declaração estimula uma reação contra o jogador, que está só mostrando a sua arte para o público. Ele não faz isso para humilhar. Quem tem um pouco de inteligência percebe. Temos de proteger as jóias do futebol. Esse Leão é um burro, que nunca ganhou nada", declarou. (Anexo 4.6)

A expulsão de Coelho também gerou declarações interessantes. O mesmo afirma:

"Fui expulso justamente pelo árbitro (*Evandro Rogério Roman*). Está correto. A expulsão foi merecida. Fui fazer a falta para parar a jogada, que já estava perto da área. Foi forte, foi brusca, mas parte da imprensa está falando que o Coelho é um bandido, um criminoso. Muito pelo contrário, não sou um jogador violento", afirmou Coelho. (Anexo 4.3)

Coelho garantiu que não ia pedir desculpas a Kerlon, porque não o agrediu. "Ele tem habilidade, é a maneira que ele diz que tem de ir para cima e está dentro da lei, mas não tive a intenção de agredi-lo, que fique bem claro. Não cuspi, não bati em ninguém, nem pontapé", salientou. (Anexo 4.3)

"Vi gente falar que eu tenho de ser preso, que sou um imbecil, um idiota. Todo mundo erra e eu errei. Imagina você escutar, ler e ouvir na TV com a sua filha e sua mulher. E minha filha pensando que meu pai é um criminoso por um lance faltoso", afirmou. (Anexo 4.3)

O zagueiro Luiz Alberto, ex-Santos, atualmente no Fluminense, defendeu o lateral-direito Coelho:

"Sei que o que eu vou falar pode me comprometer, inclusive com o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva). Posso ser até punido. Mas vocês [jornalistas] podem publicar aí. Se eu estivesse no lugar do Coelho eu arregaçaria o Kerlon. Aquilo desrespeita os jogadores que estão do outro lado que também são profissionais", disse o jogador do Fluminense. (Anexo 4.8)

"Eu teria que tirar a bola de alguma forma. Ele não iria passar por mim. Nem que eu tivesse que dar golpes de capoeira, pegasse cabeça, bola, tudo", afirmou. (Anexo 4.8)

Algum tempo depois, Luiz Alberto se redimiou do termo "arregçar":

"Afirmar a verdade. É o que eu penso. Gostaria de retirar o termo arregçar. Queria dizer (que daria) uma chegada mais dura", disse o zagueiro, em entrevista à *Rádio Brasil*.

(Anexo 4.9)

"Eu não aceito (essa atitude). Sou profissional e isso que ele faz é tentar humilhar o adversário. Ele não precisa daquilo", disse o zagueiro. (Anexo 4.9)

"Se Maradona e Pelé faziam o simples, o feijão com arroz, como um projeto de jogador faz isso?", disse Luiz Alberto, referindo-se ao jovem jogador em tom provocativo. (Anexo 4.9)

4.2.4.1 Análise do Caso

QUADRO 32 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 1

Mensagem	"É a minha jogada. Não é a primeira vez que faço, não foi ontem [<i>domingo</i>] que comecei a fazer. Foi um momento que encontrei para fazer e, sempre que tiver, farei de novo [...] De maneira nenhuma quero menosprezar alguém. Quem conhece sabe que é uma jogada sempre rumo ao gol e em que posso cavar uma falta." (Kerlon, jogador do Cruzeiro - Anexo 4.1)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Tenta transmitir valores de respeito ao adversário e integridade , argumentando que a intenção do drible é simplesmente cavar uma falta em direção ao objetivo (gol), e não menosprezar o adversário.

QUADRO 33 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 2

Mensagem	"Kerlon usou de sua individualidade. Ele fez uma jogada aguda, em direção ao gol. Não vou pedir, de maneira nenhuma (para ele não fazer mais isso). É uma condição que ele tem. Já mostrou isso em outros momentos. Não vai perder isso nunca" (Dorival Junior, técnico do Cruzeiro - Anexo 4.4)
Valores manifestos	individualidade
Valores latentes (análise inferencial)	Dorival demonstra liderança, determinação e responsabilidade , pois continua firme em sua decisão apesar da polêmica.

QUADRO 34 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 3

Mensagem	"Acho que o Kerlon usou de uma qualidade que ele tem. Não foi provocativo [...]. Se queremos ver espetáculo, isso é espetáculo. Ele não fez nada que desmerecesse o Atlético-MG. Ele faz isso em treinos também" (Dorival Junior, técnico do Cruzeiro - Anexo 4.4)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Assim como Kerlon, afirma que não há provocação, portanto também transmite valores de respeito ao adversário e integridade .

QUADRO 35 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 4, 5, 6 E 7

Mensagens	<p>"Se ele fizer a jogada para buscar o gol, não há problema algum. Mas se for em outra situação, fica mais complicado" (Celso Roth, técnico do Vasco - Anexo 4.2)</p> <p>"Os dois jogadores erraram. Contra o Flamengo, o nosso time vencia por 3 a 1 e o Kerlon entrou. Ele não fez o drible. Naquele momento do jogo contra o Atlético-MG, ele estava errado de fazer aquilo" (Joel Santana, técnico do Flamengo - Anexo 4.7)</p> <p>"É o tipo de lance que incita a torcida. É bonito e legal para quem está ganhando. Nenhum jogador gosta de ver aquele tipo de lance quando está perdendo. Quem disser o contrário, está mentindo" (Joel Santana, técnico do Flamengo - Anexo 4.7)</p> <p>"Jamais vou me opor a jogadas técnicas e dribles. Só queria que fizesse quando estiver perdendo, para não soar como provocação. Cada um tem uma característica e essa é a forma dele. A única forma de pará-lo é no ombro a ombro" (Dunga, técnico da Seleção Brasileira - anexo 4.7)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Está em questão o valor de superioridade exacerbada. Os técnicos afirmam que Kerlon só fez o drible quando estava ganhando, e é por este fato que parece estar menosprezando os adversários. O que causa toda a polêmica é a impressão de que o drible está ligado à ostentação da superioridade. Por isso os técnicos pedem que Kerlon o faça quando estiver perdendo. Se isso acontecer, a relação com a superioridade desaparece, bem como a imagem ruim que se formou sobre o drible.

QUADRO 36 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 8

Mensagem	"Eu temo, num futuro, ele ficar fora muitos anos se um dia tomar um chute veloz e grave no rosto, para depois nunca mais jogar futebol. Torço para que isso não aconteça nunca. Mas ele está dentro do regulamento" (Leão, técnico do Atlético-MG - Anexo 4.6)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Exprime preocupação com o jogador, apesar de não sabermos se é real ou provocativa.

QUADRO 37 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 9

Mensagem	"Esse tipo de declaração estimula uma reação contra o jogador, que está só mostrando a sua arte para o público. Ele não faz isso para humilhar. Quem tem um pouco de inteligência percebe. Temos de proteger as jóias do futebol. Esse Leão é um burro, que nunca ganhou nada". (Mino Raiola, procurador de Kerlon - Anexo 4.6)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Interpreta a afirmação de Leão como maldosa e agride verbalmente o técnico. Valor de agressividade . Com relação a Kerlon, passa valor de solidariedade .

QUADRO 38 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 10

Mensagem	"Fui expulso justamente pelo árbitro (<i>Evandro Rogério Roman</i>). Está correto. A expulsão foi merecida. Fui fazer a falta para parar a jogada, que já estava perto da área. Foi forte, foi brusca, mas parte da imprensa está falando que o Coelho é um bandido, um criminoso. Muito pelo contrário, não sou um jogador violento" (Coelho, jogador do Atlético-MG - Anexo 4.3)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Coelho demonstrou, com a mensagem, o valor de respeito à decisão do árbitro. Além disso, demonstrou possuir auto-imagem intacta, pois apesar de ter cometido uma falta desleal afirma que não é violento.

QUADRO 39 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 11

Mensagem	"Ele tem habilidade, é a maneira que ele diz que tem de ir para cima e está dentro da lei, mas não tive a intenção de agredi-lo, que fique bem claro. Não cuspi, não bati em ninguém, nem pontapé" (Coelho, jogador do Atlético-MG - Anexo 4.3)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Tenta transmitir respeito ao adversário. A partir de um comportamento ruim tenta transmitir um valor aceitável.

QUADRO 40 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 12

Mensagem	"Vi gente falar que eu tenho de ser preso, que sou um imbecil, um idiota. Todo mundo erra e eu errei. Imagina você escutar, ler e ouvir na TV com a sua filha e sua mulher. E minha filha pensando que meu pai é um criminoso por um lance faltoso", afirmou. (Coelho, jogador do Atlético-MG - Anexo 4.3)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Ao dizer que errou, Coelho expressa valor de arrependimento .

QUADRO 41 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 13

Mensagem	"Sei que o que eu vou falar pode me comprometer, inclusive com o STJD. Posso ser até punido. Mas vocês [jornalistas] podem publicar aí. Se eu estivesse no lugar do Coelho eu arregaçaria o Kerlon. Aquilo desrespeita os jogadores que estão do outro lado que também são profissionais" "Eu teria que tirar a bola de alguma forma. Ele não iria passar por mim. Nem que eu tivesse que dar golpes de capoeira, pegasse cabeça, bola, tudo" (Luis Alberto, jogador do Fluminense - Anexo 4.8)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Podemos inferir valores de intolerância e agressividade .

QUADRO 42 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 14

Mensagem	"Afirmei a verdade. É o que eu penso. Gostaria de retirar o termo arregaçar. Queria dizer (que daria) uma chegada mais dura" (Luis Alberto, jogador do Fluminense - Anexo 4.8)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	O jogador tenta exprimir valores de arrependimento .

QUADRO 43 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 15

Mensagem	"Eu não aceito (essa atitude). Sou profissional e isso que ele faz é tentar humilhar o adversário. Ele não precisa daquilo" (Luis Alberto, jogador do Fluminense - Anexo 4.9)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Expressa valor de incompreensão .

QUADRO 44 - CASO DRIBLE DO KERLON - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 16

Mensagem	"Se Maradona e Pelé faziam o simples, o feijão com arroz, como um projeto de jogador faz isso?" (Luis Alberto, jogador do Fluminense - Anexo 4.9)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Expressa valor de incompreensão .

4.2.4.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações

Este foi um dos casos em que mais declarações puderam ser encontradas e analisadas, por ser um caso mais recente. O grande tema central do caso e das declarações é a gestualidade do atleta Kerlon, que por ser não-convencional, deu margem a diversos tipos de declarações, opiniões e inferências.

Aparentemente, o gesto pode ser compreendido como válido e caracterizado como jogada de criatividade. Porém, a interpretação de diversas pessoas quanto ao gesto parece dizer que há algum tipo de provocação aos adversários em sua execução.

Kerlon, a diretoria e o técnico da equipe, em suas declarações, enfatizam a idéia do valor de respeito ao adversário e integridade na utilização do gesto e afirmam que a intenção do drible não é menosprezar ninguém. Apesar disso, o caso gerou agressividade e opiniões duras a respeito.

Analisamos as falas de alguns técnicos desportivos do futebol. Todos eles falaram sobre o fato de Kerlon ter feito o drible apenas quando seu time estava vencendo a partida. A análise nos permitiu perceber a relação deste pensamento com o valor de superioridade exacerbada – a causa da polêmica. Os técnicos afirmam que Kerlon precisa fazer o drible também em situações de derrota, para que não pareça com desprezo ao adversário, ou seja, para que não haja relação com a ostentação da superioridade.

É também interessante como um simples gesto pode causar expressões de valores de agressividade. O procurador de Kerlon, por exemplo, insulta o técnico Emerson Leão para defender o jogador. Coelho, jogador do Atlético-MG, fez uma falta desleal para poder parar a jogada, e apesar disso, em suas declarações, passa valores de arrependimento e respeito à decisão do árbitro e a Kerlon, afirmando que não é um jogador agressivo. Aqui, observamos uma tentativa de transpassar valores “aceitáveis” a partir de uma situação ruim. E, por último, mais agressividade, intolerância e incompreensão foram encontradas nas declarações de Luis Alberto, jogador do Fluminense, que para apoiar o jogador Coelho afirma que “arregaçaria” Kerlon. Algumas semanas depois, encontramos na internet uma declaração de arrependimento por parte do jogador, mas que ainda exprimiu valores de incompreensão, o que parece nos mostrar que o pedido de desculpas foi feito simplesmente para que sua imagem na mídia não fosse afetada.

Aqui, observamos a dificuldade em saber se um valor que é transmitido através de uma fala é realmente um valor introjetado ou se é apenas uma fachada.

As diferentes interpretações dadas à forma com que Kerlon realiza o drible têm a ver com a individualidade na resposta à situação que a competição pode oferecer. Weinberg e Gould (2001, p.513) afirmam que diferentes pessoas têm diferentes respostas a essas situações. Os autores afirmam ainda que “pessoas cujo raciocínio moral é menos maduro se comportam mais agressivamente”, portanto, a agressividade é um valor diretamente ligado ao nível de desenvolvimento moral da pessoa. Cabe aos técnicos trabalharem este desenvolvimento moral para que o atleta, especialmente em formação, não tome a agressividade, bem como outros valores prejudiciais, como valor aceitável.

Ainda segundo os autores, “com o desenvolvimento moral, o raciocínio progride de decisões baseadas em interesses egocêntricos para uma preocupação com interesses mútuos de todas as pessoas envolvidas [...]” (WEINBERG, GOULD, 2001, p.513)

4.2.5 CASO RICARDINHO E BERNARDINHO – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 5

Após mais uma conquista do Brasil na Liga Mundial Masculina de Voleibol, com uma atuação impecável, o técnico Bernardo Rezende surpreende a todos com a notícia do corte do levantador Ricardo Bermudez Garcia, o Ricardinho, para os Jogos Pan-Americanos que aconteceriam no Rio de Janeiro em 2007. A decisão surpreendeu especialmente porque Ricardinho havia sido eleito o melhor jogador da Liga Mundial. Houve alegações de que o jogador precisava descansar, e de que um atraso de um vôo e até questões de dinheiro estavam envolvidas, mas o real motivo, até hoje, não foi totalmente revelado. O único fato certo, pelas reportagens encontradas, é que a relação entre os dois estava realmente desgastada.

As principais declarações do técnico foram as seguintes:

"Depois de 40 dias longe da família é normal que a relação fique desgastada. Ele está estressado e este é um ano de pré-olímpico, então decidi poupá-lo" (Anexo 5.1).

"A minha posição é clara, com aval e o respeito dos jogadores, que entenderam que isso deveria acontecer [...]. Tenho a convicção de que fiz a coisa certa. Se eu tivesse feito uma coisa errada e injusta, o grupo não teria aceito. Jamais pensei em humilhar alguém, ainda mais uma pessoa tão importante como ele" disse Bernardinho. (anexo 5.2)

Sem revelar os motivos do corte, Bernardinho afirma que o levantador sabe o que o levou a tomar essa decisão.

"Ele sabe os motivos da minha decisão. Uma série de coisas que nos afastaram cada vez mais daqueles que eram nossos princípios, que são essenciais para o nosso trabalho. Uma conduta não condizente com aquilo que nós acreditamos que deve ser a nossa conduta dentro do nosso projeto" afirmou. (Anexo 5.6)

O técnico, no entanto, não descartou a possibilidade de uma reaproximação.

"Qualquer passo, qualquer sinal no sentido de uma reaproximação será sempre bem vindo. Mas é difícil você querer se reaproximar quando as pessoas te acusam de ter programado, planejado. Coisas que jamais aconteceram. Volto a dizer: Nós temos agora é que focar no trabalho" concluiu. (Anexo 5.6)

"Fui chamado de autoritário, mercenário... Disseram que cometi atos de nepotismo (por ter convocado o filho Bruno Rezende para a vaga de Ricardinho). Cabe apenas

uma pergunta. Se tivesse tomado uma atitude incorreta, os 12 jogadores teriam aceitado? Essa equipe está dando um exemplo para o País. É um País que precisa disso", disse o treinador. (anexo 5.3)

Em suas declarações, o jogador Ricardinho se mostrou nitidamente abalado e magoado com o acontecido:

“Eu me vejo fora da seleção brasileira. Fui cortado e tenho que respeitar a decisão. Não tive conversa nenhuma. Se o patrão te mandar embora, você vai procurá-lo depois? Ele é o técnico. Então, ele é quem tem que pensar se eu vou ajudar ou não e me ligar. Ele diz que as portas estão abertas, mas fica parecendo slogan. Não tem cabimento eu ligar. Foi uma facada, um rasgo que se abriu” afirma em entrevista ao jornal "O Dia". (anexo 5.8)

“Tenho muito respeito pelo Bernardinho, é um cara que eu amo e com quem aprendi muito. Foi ele quem me ensinou, foi ele quem me cortou. Mas a decisão foi dele, por isso apenas ele pode responder, dizer por que fui cortado. Estou muito triste, sofrendo sozinho dentro de um quarto de hotel, enquanto espero aquilo que mais amo, a minha família. Mas vou encarar e matar no peito, porque sou profissional. Sou o Ricardinho, o Gênio Indomável.” (anexo 5.7)

Ricardinho também trouxe a tona questões como um pacto que havia sido estabelecido

“A idéia do pacto foi criada com o Giba, em 2004, que se ganhássemos o ouro olímpico, nós iríamos até Pequim. Esse pacto foi quebrado assim que eles deixaram eu sair de dentro daquela sala. A gente poderia ter resolvido ali dentro com os jogadores e a comissão técnica. Segurado uma semana a mais para que isso tudo não estivesse acontecendo” disse Ricardinho. (anexo 5.2)

O jogador, que na época estava terminando seu livro “Levantando a vida”, o utilizou para contar o episódio, e afirmou também que não acreditava mais na chamada “família Bernardinho”. Ao saber disso, o técnico afirmou:

"Eu lamento que o lançamento do livro do Ricardo foi usado para trazer à tona mais uma vez o problema, sem nenhum fato novo, simplesmente tentando gerar um interesse ainda maior. Acho que ele está sendo mal orientado por pessoas que conhecem pouco o nosso trabalho, a nossa história", disse Bernardinho, acrescentando: "Também lamento muito o fato de ele, de certa forma, renegar esse grupo que está junto há sete anos, a chamada família, que tem os seus problemas, como tem umas série de qualidades e uma trajetória fantástica. Ele foi um dos

construtores, um dos pilares desta família. É uma grande decepção, mas ele sabe os motivos da minha decisão". (Anexo 5.4)

Alguns jogadores da equipe, em entrevista coletiva, demonstraram estar de acordo com a decisão do treinador.

"O Bernardo tem o apoio do grupo. A decisão é dele. Ele é o treinador. Fizemos no pódio uma homenagem (ao Ricardinho) porque ele ajudou a formar essa família. Mas isso não muda nada a decisão tomada pelo treinador". (Giba - anexo 5.3). Giba faz referência ao ato dos jogadores no pódio dos Jogos Pan-Americanos. Na ocasião, os jogadores exibiram bandeiras do Brasil com frases com os dizeres "Não se esqueça do pacto".

O ponteiro Giba, que assumiu o posto de capitão depois do corte de Ricardinho, defendeu a decisão de Bernardinho e afirmou ainda: "Faz três noites que eu não durmo me questionando: Era a hora certa ou não era a hora certa? Eu, como o Bernardo, achei que a hora certa era essa". Apontado como um dos grandes amigos de Ricardinho na seleção, Giba acredita que as afirmações do levantador não correspondem realmente ao que ele pensa e, por isso, aposta que o pacto de manter o grupo até as Olimpíadas de Pequim está mantido. "Conhecendo o Ricardo do fundo do coração, acho que nada esteja quebrado para ele. Ele está com a cabeça quente, chateado, magoado. É aquele negócio: o animal acuado é o pior bicho que tem." (anexo 5.4)

Giba, no entanto, demonstrou arrependimento por ter deixado Ricardinho sair da sala após a reunião com Bernardinho, na qual foi comunicado o corte do levantador. "Hoje, tomaríamos uma posição diferente", admitiu. (anexo 5.5)

Já Gustavo Endres, o meio-de-rede, afirmou: "(Depois do corte) O Bernardo perguntou se era a hora certa e ninguém soube responder. Ninguém sabia se era para ser antes do Pan, antes da Liga, antes de Pequim... Estamos com uma dúvida muito grande, mas apoiamos a decisão do Bernardo, sentindo a falta do Ricardo. O que queremos é que isso se resolva de uma vez. Ou ele aqui conosco ou ele fora. Temos é que fazer uma reunião entre todos para que isso se resolva. Acho até que deve ser com ele junto". (anexo 5.4)

"A família Bernardinho não acabou", garantiu Gustavo, num recado para Ricardinho. (anexo 5.5)

"É a opinião dele. Para nós nada acabou. A família continua. Acho que estamos magoados com as declarações dele. A conversa geral aqui é que ele falasse pelo menos

uma palavra indicando que queria voltar a fazer parte desse grupo” disse. (anexo 5.6)

O jogador ficou fora dos Jogos Pan-Americanos, da Copa América e do Campeonato Sul-Americano de 2007, e, mais recentemente, o técnico o inscreveu entre os 19 convocados para a Copa do Mundo no Japão.

Em nota, o técnico deixou claro que:

"A inscrição do levantador Ricardinho entre os 19 pré-relacionados para a Copa do Mundo indica que estamos dando um passo rumo ao entendimento". (anexo 5.9)

"Jamais questionamos sua capacidade técnica e mantemos, sim, as portas abertas para o atleta na Seleção Brasileira. Agora, o próximo passo terá de ser dele: se fizer uma retratação ao grupo e mostrar-se disposto a seguir as regras e rotinas planejadas, ele será convocado. Caso contrário, se não houver uma movimentação do Ricardinho nesse sentido, ele não será convocado", completou o treinador. (anexo 5.9)

Para finalizar, apresentamos a declaração do técnico Bernardinho que mais nos chama a atenção:

“A minha vontade é construir algo ainda mais forte no futuro, acreditando num projeto coletivo e querendo dar a mão aos que estiveram sempre conosco nesses anos todos, mantendo a nossa crença de que nossos problemas sejam resolvidos internamente, para que daqui a 10 anos possamos nos reencontrar, celebrando as relações. Não só as conquistas que tivemos, mas as relações que nós construímos.” (anexo 5.6)

4.2.5.1 Análise do Caso

QUADRO 45 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 1

Mensagem	"Depois de 40 dias longe da família é normal que a relação fique desgastada. Ele está estressado e este é um ano de pré-olímpico, então decidi poupá-lo" (Bernardo Rezende - Anexo 5.1)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Ao esclarecer o corte de Ricardinho, Bernardinho demonstrou liderança . Podemos inferir também uma tentativa de eliminação de prejuízos quando o técnico fala em "poupá-lo"

QUADRO 46 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 2 E 3

Mensagens	<p>"A minha posição é clara, com aval e o respeito dos jogadores, que entenderam que isso deveria acontecer [...]. Tenho a convicção de que fiz a coisa certa. Se eu tivesse feito uma coisa errada e injusta, o grupo não teria aceito. Jamais pensei em humilhar alguém, ainda mais uma pessoa tão importante como ele" (Bernardo Rezende - Anexo 5.2)</p> <p>"Fui chamado de autoritário, mercenário... Disseram que cometi atos de nepotismo (por ter convocado o filho Bruno Rezende para a vaga de Ricardinho). Cabe apenas uma pergunta. Se tivesse tomado uma atitude incorreta, os 12 jogadores teriam aceitado? Essa equipe está dando um exemplo para o País. É um País que precisa disso" (Bernardo Rezende - Anexo 5.3)</p>
Valores manifestos	Respeito
Valores latentes (análise inferencial)	O técnico demonstrou possuir valores de respeito ao grupo, ao incluí-los na decisão, além de determinação e responsabilidade quando demonstra a certeza de que fez a coisa certa.

QUADRO 47 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 4

Mensagem	<p>“Ele sabe os motivos da minha decisão. Uma série de coisas que nos afastaram cada vez mais daqueles que eram nossos princípios, que são essenciais para o nosso trabalho. Uma conduta não condizente com aquilo que nós acreditamos que deve ser a nossa conduta dentro do nosso projeto” (Bernardo Rezende – Anexo 5.6)</p>
Valores manifestos	Princípios
Valores latentes (análise inferencial)	<p>Ao observarmos a citação de princípios, inferimos um valor de comportamento ético por parte do técnico. Inferimos também que o técnico possui determinação em seguir seus princípios ao retirar do grupo um elemento com “conduta não condizente”</p>

QUADRO 48 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 5

Mensagem	<p>“Qualquer passo, qualquer sinal no sentido de uma reaproximação será sempre bem vindo. Mas é difícil você querer se reaproximar quando as pessoas te acusam de ter programado, planejado. Coisas que jamais aconteceram. Volto a dizer: Nós temos agora é que focar no trabalho” (Bernardo Rezende - Anexo 5.6)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	<p>A fala nos permite inferir a determinação do técnico no trabalho a ser realizado, tentando evitar que os fatos tirassem o foco do objetivo: os Jogos Panamericanos. Também demonstra tolerância e abertura ao não desconsiderar uma reaproximação entre ele e o atleta.</p>

QUADRO 49 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 6

Mensagem	<p>“Eu me vejo fora da seleção brasileira. Fui cortado e tenho que respeitar a decisão. Não tive conversa nenhuma. Se o patrão te mandar embora, você vai procurá-lo depois? Ele é o técnico. Então, ele é quem tem que pensar se eu vou ajudar ou não e me ligar. Ele diz que as portas estão abertas, mas fica parecendo slogan. Não tem cabimento eu ligar. Foi uma facada, um rasgo que se abriu” (Ricardo - Anexo 5.8)</p>
Valores manifestos	Respeito
Valores latentes (análise inferencial)	Ricardinho adota uma postura um tanto quanto defensiva e busca manter sua auto-imagem e auto-estima intactas, pois acredita que quem deve “pedir desculpas” é o técnico, e não ele.

QUADRO 50 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 7

Mensagem	<p>“Tenho muito respeito pelo Bernardinho, é um cara que eu amo e com quem aprendi muito. Foi ele quem me ensinou, foi ele quem me cortou. Mas a decisão foi dele, por isso apenas ele pode responder, dizer por que fui cortado. Estou muito triste, sofrendo sozinho dentro de um quarto de hotel, enquanto espero aquilo que mais amo, a minha família. Mas vou encarar e matar no peito, porque sou profissional. Sou o Ricardinho, o Gênio Indomável.” (Ricardo - Anexo 5.7)</p>
Valores manifestos	Respeito
Valores latentes (análise inferencial)	Percebemos na frase a expressão de sentimentos , e novamente a busca pela auto-estima e auto-imagem .

QUADRO 51 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 8

Mensagem	<p>“A idéia do pacto foi criada com o Giba, em 2004, que se ganhássemos o ouro olímpico, nós iríamos até Pequim. Esse pacto foi quebrado assim que eles deixaram eu sair de dentro daquela sala. A gente poderia ter resolvido ali dentro com os jogadores e a comissão técnica. Segurado uma semana a mais para que isso tudo não estivesse acontecendo” (Ricardinho - anexo 5.2)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	<p>A relação que se constrói aqui é com o valor humano de lealdade e companheirismo. Ricardinho sente que a relação desses dois valores, que havia contruído com o grupo, tinha se quebrado.</p>

QUADRO 52 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 9

Mensagem	<p>"O Bernardo tem o apoio do grupo. A decisão é dele. Ele é o treinador. Fizemos no pódio uma homenagem (ao Ricardinho) porque ele ajudou a formar essa família. Mas isso não muda nada a decisão tomada pelo treinador". (Giba - anexo 5.3)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	<p>Giba expressiu valor de respeito à decisão do técnico</p>

QUADRO 53 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO
10

Mensagem	"Faz três noites que eu não durmo me questionando: Era a hora certa ou não era a hora certa? Eu, como o Bernardo, achei que a hora certa era essa"[...] "Conhecendo o Ricardo do fundo do coração, acho que nada esteja quebrado para ele. Ele está com a cabeça quente, chateado, magoado. É aquele negócio: o animal acuado é o pior bicho que tem." (Giba - Anexo 5.4)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Giba demonstra pelo amigo e companheiro de equipe valores de compreensão, amizade e empatia . Não o julga por seus depoimentos sobre quebra do pacto e fim da "família Bernardinho"

QUADRO 54 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO
11

Mensagem	"Hoje, tomaríamos uma posição diferente" (Giba - Anexo 5.5)
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	A afirmação demonstra ponderação, arrependimento e humildade

QUADRO 55 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 12

Mensagem	<p>"(Depois do corte) O Bernardo perguntou se era a hora certa e ninguém soube responder. Ninguém sabia se era para ser antes do Pan, antes da Liga, antes de Pequim... Estamos com uma dúvida muito grande, mas apoiamos a decisão do Bernardo, sentindo a falta do Ricardo. O que queremos é que isso se resolva de uma vez. Ou ele aqui conosco ou ele fora. Temos é que fazer uma reunião entre todos para que isso se resolva. Acho até que deve ser com ele junto". (Gustavo Endres - Anexo 5.4)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Podemos inferir da frase de Gustavo respeito à decisão do técnico, ponderação e companheirismo (diz que sentem falta de Ricardo).

QUADRO 56 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 13 E 14

Mensagem	<p>"A família Bernardinho não acabou" (Gustavo Endres - Anexo 5.5)</p> <p>"É a opinião dele. Para nós nada acabou. A família continua. Acho que estamos magoados com as declarações dele. A conversa geral aqui é que ele falasse pelo menos uma palavra indicando que queria voltar a fazer parte desse grupo". (Gustavo Endres - Anexo 5.6)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Gustavo demonstra lealdade ao grupo.

QUADRO 57 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 15 E 16

Mensagem	<p>"A inscrição do levantador Ricardinho entre os 19 pré-relacionados para a Copa do Mundo indica que estamos dando um passo rumo ao entendimento" (Bernardo Rezende - Anexo 5.9)</p> <p>"Jamais questionamos sua capacidade técnica e mantemos, sim, as portas abertas para o atleta na Seleção Brasileira. Agora, o próximo passo terá de ser dele: se fizer uma retratação ao grupo e mostrar-se disposto a seguir as regras e rotinas planejadas, ele será convocado. Caso contrário, se não houver uma movimentação do Ricardinho nesse sentido, ele não será convocado". (Bernardo Rezende - Anexo 5.9)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Bernardo exprime ponderação e compreensão , oferecendo a Ricardinho a oportunidade de retornar ao time.

QUADRO 58 - CASO RICARDINHO E BERNARDINHO - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 17

Mensagem	<p>"A minha vontade é construir algo ainda mais forte no futuro, acreditando num projeto coletivo e querendo dar a mão aos que estiveram sempre conosco nesses anos todos, mantendo a nossa crença de que nossos problemas sejam resolvidos internamente, para que daqui a 10 anos possamos nos reencontrar, celebrando as relações. Não só as conquistas que tivemos, mas as relações que nós construímos." (Bernardo Rezende - Anexo 5.6)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	Mais uma vez o técnico demonstra liderança e determinação , ao explicar seu modo de interpretar tudo o que aconteceu. Dá importância às relações sociais: ao companheirismo e amizade .

4.2.5.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações

Uma atitude inesperada do técnico Bernardo Rezende, que, ao dispensar o

atleta Ricardo da seleção, o retirou de um grupo que há aproximadamente sete anos vinha se apresentando extremamente coeso, fez com que a imprensa e os espectadores procurassem explicações, e o número de declarações e reportagens a respeito do ocorrido não foi escasso. Apesar disso, o motivo do corte não ficou claro.

O que podemos inferir das falas do técnico é que sua atitude prezou pela eliminação de prejuízos da equipe (considerado por Llamas e Suárez, 2004, um valor presente no Esporte), afirmando que manteve seus princípios. Demonstra ainda abertura a uma possível volta do jogador, e respeito ao grupo quando afirma que todos foram incluídos na decisão.

Os atletas também parecem respeitar a decisão do técnico, o que nos leva a crer que, apesar da dúvida de todos ao se perguntarem se era a hora certa para o corte, o grupo todo ponderou a decisão e a democracia esteve presente. Segundo Puig (1998), a democracia é um índice de forte conteúdo moral, pois permite que conflitos de valores sejam resolvidos de forma conjunta.

Ricardinho, por sua vez, traz a expressão de sentimentos como forte valor, e através dela percebemos claramente uma mágoa com a equipe. A relação que podemos fazer aqui é que Ricardinho parece ter sentido que alguns dos valores da equipe, como lealdade e companheirismo, haviam se quebrado. Isto fica claro quando afirma que o grupo não deveria ter permitido que ele saísse da sala na qual foi feito o comunicado, e quando diz que o pacto foi quebrado e que a chamada “Família Bernardinho” não existe mais.

Os demais atletas demonstraram compreensão, empatia e amizade para com as falas de Ricardinho e de certa forma negam esta quebra de valores e demonstram lealdade ao grupo.

Por último, gostaríamos de salientar o último depoimento de Bernardinho, que, demonstrando um evidente valor de liderança, afirma que espera que tudo isso se torne um grande aprendizado e dá grande importância às relações sociais do grupo, muito além das conquistas. Retomamos aqui a idéia de que a importância do técnico para que a competição esportiva e as situações que dela venham a surgir sejam proveitosas para uma aprendizagem para a vida. A qualidade do encontro social que se faz e a discussão e direcionamento que o técnico dê à situação é que vai contribuir em grande parte para a formação moral dos atletas (SANTANA, 2003). Também segundo Weinberg e Goulg (2001), não só o desempenho, mas também o crescimento pessoal e desenvolvimento geral dependem do estilo de liderança do técnico.

4.2.6 CASO ZIDANE – Descrição do Caso e Síntese do Anexo 6

Copa do Mundo de Futebol, 2006 - Final do campeonato. A disputa se dava entre Itália e França. No final do segundo tempo de prorrogação, em um lance disputado, Marco Materazzi, jogador italiano, agarra Zinedine Zidane, atacante francês, pela camisa e o encara. Os dois trocam algumas palavras. Alguns segundos depois, Zidane se vira e começa a caminhar na direção oposta: ao que parecia, tudo voltava à paz, mas inesperadamente Zidane se volta e atinge o italiano com uma cabeçada bem no centro do peito. O italiano cai, e o árbitro da partida toma a decisão e expulsa Zidane do jogo. A decisão vai para os pênaltis e, sem Zidane, a França perde o campeonato.

A cabeçada de Zidane se tornou extremamente famosa. Virou marca registrada, jogo de computador, caminho para instalação de um vírus e até uma música que virou sucesso nas paradas do verão francês. Tudo isso sem contar as expressões que se ouvia, em que pessoas diversas chamavam Zidane de “cabeça dura” e “jogador cabeça”, dentre outros apelidos.

A polêmica iniciada com o ato do jogador teve alguns aspectos interessantes. Todos queriam saber o que Materazzi havia dito para deixar o jogador francês tão irritado. Alguns boatos sugeriam que o italiano o havia chamado de “terrorista sujo”. Vale lembrar que Zidane é filho de imigrantes argelinos na França – eis o motivo da confusão maior.

Diversos imigrantes já o consideravam um herói, por identificação, e depois do incidente até o apoiaram.

“Zizou³ é meu herói”, disse Jimmy, de 18 anos, morador em Saint Denis, uma área de Paris de predomínio imigrante. “Punir as ofensas dos medíocres sempre foi tarefa dos homens de honra”, afirmou. Fred, outro rapaz do mesmo bairro, disse que “a cabeçada de Zidane o coloca à frente de outras estrelas do futebol”. (Anexo 6.1)

Os dois jovens de origem árabe insistiram em dizer que os insultos devem ser castigados com violência. “É uma questão de honra”, disse Jimmy. “Ainda mais se o italiano o insultou com comentários racistas”. (Anexo 6.1)

A diretora de teatro Claire Lasne afirmou que a cabeçada de Zidane “colocou a dignidade de nosso povo e a sua própria mais acima de um prêmio que é oferecido aos que

³ Zizou é o apelido de Zidane na França.

permanecem tranquilos” diante dos insultos. “Longa vida a Zidane!”, afirmou. (Anexo 6.1)

Ayoub Argoubi, um rapaz de 17 anos de La Castellane, terra natal de seu ídolo. “A cabeçada em Materazzi mostra que, apesar de tudo o que passou desde sua juventude, continua sendo um dos nossos”. (Anexo 6.1)

Um tempo depois, ficou claro que Materazzi não havia chamado Zidane de terrorista:

“É o tipo de insulto que se ouve dúzias de vezes e que sai da boca para fora. Eu não chamei Zidane de terrorista e com certeza não mencionei sua mãe”, afirmou Materazzi. (Anexo 6.6)

"Em suas declarações, ambos os jogadores salientaram que os comentários de Materazzi foram difamatórios, mas não de natureza racista" (FIFA – Federação Internacional de Futebol Associação - Anexo 6.4)

O que se sabe é que, conforme publicado pela imprensa, Materazzi proferiu, na realidade, palavras insultantes sobre a irmã de Zidane.

A agressão de Zidane foi criticada por muitos. O zagueiro Anther Yahia, que joga no clube Nice, afirmou: “Há centenas de insultos por jogo, e nossa responsabilidade como profissional é permanecer calmo, não reagir. De outro modo, você perde e sua equipe também”, afirmou. (Anexo 6.1)

O presidente da FIFA afirmou: "Nosso comitê executivo tem o direito e o dever de intervir quando nota um comportamento contrário à ética do esporte" (Anexo 39)

Zidane se arrependeu do ato, conforme mostra nas seguintes declarações:

“Quero pedir perdão a todas as crianças que assistiram àquilo”, afirmou Zidane, em entrevista a um canal de televisão francês. “Não há desculpa para aquilo. Quero ser aberto e honesto sobre o assunto.” (anexo 6.6)

"Durante as audiências, ambos os jogadores pediram desculpas à Fifa por seus comportamentos inadequados e expressaram arrependimento pelo incidente." (FIFA - Anexo 6.4)

Entretanto, o jogador declarou que "não se arrepende da cabeçada". "Não posso lamentar meu gesto porque isso mostraria que ele teve razão ao dizer tudo aquilo. Não posso dizer isso. Não basta punir somente a reação", justificou. (Anexo 6.2)

"Se não há uma provocação, não pode haver uma reação. É necessário castigar o verdadeiro culpado e o culpado é ele, que provocou. Vocês acham que numa final de Copa do

Mundo, quando faltam dez minutos para minha aposentadoria, eu faria um gesto desses porque me causa prazer?", completou Zidane. (Anexo 6.2)

Por fim, resta-nos observar algumas declarações de colunistas sobre o caso:

“Sem saber o que antecedeu a cabeçada de Zidane, dou-lhe o benefício da dúvida, ou melhor, da convicção profunda de que Materazzi terá colhido o que, deliberadamente, plantou, e de que na noite de domingo, muito mais terá doído o peito de Zidane do que o de Materazzi. E, se o condeno, muito mais do que pela cabeçada é por ter chegado a esboçar (pouco, reconheça-se) algum protesto contra a expulsão. O que havia a fazer, numa situação como aquela, era nem esperar pelo cartão vermelho, antecipar-se ao árbitro, pedir-lhe desculpas, e ao público e aos companheiros, e sair.” (Mário Negreiros, colunista do Jornaldenegocios.pt – Anexo 6.3)

Tanto talento, tantas conquistas, tanta glória, e a imagem pela qual Zidane será lembrado pela posteridade é a da cabeçada espetacular no peito de um zagueiro tosco e ardiloso que o provocou com a mais banal e infantil das técnicas: xingar a mãe e a irmã. A cena se tornou um clássico instantâneo não só do futebol, como também da psicologia. [...] O que pensou Zidane, o maior jogador de uma Copa de futebol cinzento e medíocre, no momento em que fez a meia-volta em direção a Materazzi? A miséria humana se revelou, em sua plenitude, no gesto mesmerizante de Zidane: o primitivismo irremediável dos homens, a fragilidade patética da mente. (Marcelo Aguiar, colunista do Revistaepoca.globo.com - Anexo 6.5)

4.2.6.1 Análise do Caso

QUADRO 59 - CASO ZIDANE - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 1, 2, 3 E 4

<p>Mensagens</p>	<p>“Zizou é meu herói”. [...] “Punir as ofensas dos medíocres sempre foi tarefa dos homens de honra” “Ainda mais se o italiano o insultou com comentários racistas”. (Jimmy, morador em Saint Denis - Anexo 6.1)</p> <p>“a cabeçada de Zidane o coloca à frente de outras estrelas do futebol”. (Fred, morador em Saint Denis – Anexo 6.1)</p> <p>“(a cabeçada de Zidane) colocou a dignidade de nosso povo e a sua própria mais acima de um prêmio que é oferecido aos que permanecem tranquilos” (Claire Lasne, diretora de teatro - Anexo 6.1)</p> <p>“A cabeçada em Materazzi mostra que, apesar de tudo o que passou desde sua juventude, continua sendo um dos nossos”. (Ayoub Argoubi, morador da terra natal de Zidane – Anexo 6.1)</p>
<p>Valores manifestos</p>	<p>Racismo</p>
<p>Valores latentes (análise inferencial)</p>	<p>As frases demonstram valores de idolatria e especialmente honra pelo nacionalismo.</p>

QUADRO 60 - CASO ZIDANE - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 5

<p>Mensagem</p>	<p>“Há centenas de insultos por jogo, e nossa responsabilidade como profissional é permanecer calmo, não reagir. De outro modo, você perde e sua equipe também” (Anther Yahia, zagueiro do clube Nice, filho de argelinos - Anexo 6.1)</p>
<p>Valores manifestos</p>	<p>Responsabilidade</p>
<p>Valores latentes (análise inferencial)</p>	<p>O jogador demonstra valores de tolerância, integridade, comportamento ético, e controle emocional.</p>

QUADRO 61 - CASO ZIDANE - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 6

Mensagem	"Nosso comitê executivo tem o direito e o dever de intervir quando nota um comportamento contrário à ética do esporte" (Presidente da FIFA - Anexo 6.2)
Valores manifestos	Comportamento antiético
Valores latentes (análise inferencial)	A FIFA é entidade que possui responsabilidade , expressada na mensagem acima, em intervir em casos como estes.

QUADRO 62 - CASO ZIDANE - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 7

Mensagem	"Quero pedir perdão a todas as crianças que assistiram àquilo" [...] "Não há desculpa para aquilo. Quero ser aberto e honesto sobre o assunto." (Zidane - Anexo 6.6)
Valores manifestos	Honestidade e abertura
Valores latentes (análise inferencial)	Zidane demonstrou arrependimento e preocupação com as crianças que assistiram ao episódio.

QUADRO 63 - CASO ZIDANE - ANÁLISE DA DECLARAÇÃO 8

Mensagem	"Durante as audiências, ambos os jogadores pediram desculpas à Fifa por seus comportamentos inadequados e expressaram arrependimento pelo incidente." (FIFA - Anexo 6.4)
Valores manifestos	Comportamento antiético e arrependimento.
Valores latentes (análise inferencial)	-

QUADRO 64 - CASO ZIDANE - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 9 E 10

Mensagens	<p>"Não posso lamentar meu gesto porque isso mostraria que ele teve razão ao dizer tudo aquilo. Não posso dizer isso. Não basta punir somente a reação"</p> <p>"Se não há uma provocação, não pode haver uma reação. É necessário castigar o verdadeiro culpado e o culpado é ele, que provocou. Vocês acham que numa final de Copa do Mundo, quando faltam dez minutos para minha aposentadoria, eu faria um gesto desses porque me causa prazer?" (Zidane - Anexo 6.2)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	<p>Zidane transpassa valores de auto-imagem: apesar de ter pedido desculpas, afirma que não lamenta seu gesto. Também demonstra uma tentativa de busca pela justiça ao dizer que Materazzi também precisava ser punido.</p>

QUADRO 65 - CASO ZIDANE - ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES 11 E 12

Mensagem	<p>“Sem saber o que antecedeu a cabeçada de Zidane, dou-lhe o benefício da dúvida, ou melhor, da convicção profunda de que Materazzi terá colhido o que, deliberadamente, plantou, e de que na noite de domingo, muito mais terá doído o peito de Zidane do que o de Materazzi. E, se o condeno, muito mais do que pela cabeçada é por ter chegado a esboçar (pouco, reconheça-se) algum protesto contra a expulsão. O que havia a fazer, numa situação como aquela, era nem esperar pelo cartão vermelho, antecipar-se ao árbitro, pedir-lhe desculpas, e ao público e aos companheiros, e sair.” (Mário Negreiros, colunista do Jornaldenegocios.pt – Anexo 40)</p> <p>Tanto talento, tantas conquistas, tanta glória, e a imagem pela qual Zidane será lembrado pela posteridade é a da cabeçada espetacular no peito de um zagueiro tosco e ardiloso que o provocou com a mais banal e infantil das técnicas: xingar a mãe e a irmã. A cena se tornou um clássico instantâneo não só do futebol, como também da psicologia. [...] O que pensou Zidane, o maior jogador de uma Copa de futebol cinzento e medíocre, no momento em que fez a meia-volta em direção a Materazzi? A miséria humana se revelou, em sua plenitude, no gesto mesmerizante de Zidane: o primitivismo irremediável dos homens, a fragilidade patética da mente. (Marcelo Aguiar, colunista do Revistaepoca.globo.com - Anexo 6.5)</p>
Valores manifestos	-
Valores latentes (análise inferencial)	<p>Os colunistas demonstram indignação e intolerância para com ato de Zidane. Acreditam que a atitude foi tomada de deslealdade e comportamento antiético.</p>

4.2.6.2 Discussão e Análise Inferencial Coletiva das Declarações

A agressividade de Zidane no episódio em questão é o principal valor discutido nas declarações.

Primeiramente, é interessante observar as opiniões das pessoas de mesma origem do jogador. Enquanto outras se indignavam com a atitude de Zidane, o que estas pessoas fizeram foi apoiá-lo. A idéia de um insulto ao país de origem das mesmas fez com que a agressividade de Zidane fosse justificada em virtude de proteger sua honra e dignidade. As declarações de tais pessoas refletem valores muito fortes de nacionalismo e de idolatria a Zidane. Tais valores, inferidos nos discursos, são capazes de tornar a agressividade de Zidane – aparentemente inaceitável – um ato de honra. Como lembram Llamas e Suárez (2004), é preciso interpretar os valores em um tempo e espaço sócio-culturais sempre determinados, pois valores que para determinada população são considerados aceitáveis, para outras podem ser inaceitáveis ou até prejudiciais. Foi o que aconteceu neste caso.

Apesar disso, nem todas as pessoas de mesma origem pensam da mesma forma. O depoimento de Anther Yahia, jogador argelino, contrasta com os demais e transpassa valores de comportamento ético e controle emocional, necessários para que não haja agressividade durante um acontecimento desse teor.

O autor da atitude, Zidane, mostra-se arrependido e, como já discutimos em outros casos, o arrependimento na maioria das vezes leva a um desenvolvimento da moral. Também transpassa valores de busca pela justiça quando afirma que Materazzi também deve ser punido, afinal, seu comportamento também não foi dos melhores.

A FIFA, por sua vez, bem como demais órgãos citados em outros casos, busca se mostrar responsável com relação à necessidade de manutenção do comportamento ético durante os jogos.

4.3 ANÁLISE QUANTITATIVA – RESULTADOS

A partir das análises, elaboramos dois quadros que sintetizam os principais valores encontrados⁴ durante as análises. Estão descritos e quantificados apenas os valores encontrados pelo menos três vezes.

TABELA 1 - VALORES INDESEJÁVEIS MAIS FREQUENTEMENTE ENCONTRADOS

Valor	Valores mais encontrados - Indesejáveis					
	Frequência Total		Manifestos		Latentes	
	Nº de itens	%	Nº de itens	%	Nº de itens	%
Agressividade	3	1,9	0	0	3	100
Comportamento antiético	3	1,9	2	66,7	1	33,3
Intolerância	5	3,2	0	0	5	100
Racismo/Eugenismo	3	1,9	1	33,3	2	66,7

TABELA 2 - VALORES DESEJÁVEIS MAIS FREQUENTEMENTE ENCONTRADOS

Valor	Valores mais encontrados - Desejáveis					
	Frequência Total		Manifestos		Latentes	
	Nº de itens	%	Nº de itens	%	Nº de itens	%
Amizade	4	2,5	1	25	3	75
Auto-estima	4	2,5	0	0	4	100
Auto-imagem	7	4,5	0	0	7	100
Arrependimento	7	4,5	1	14,3	6	85,7
Companheirismo	5	3,2	0	0	5	100
Compreensão	8	5,1	0	0	8	100
Determinação	9	5,7	3	33,3	6	66,7
Empatia	3	1,9	0	0	3	100
Espírito esportivo/olímpico	3	1,9	3	100	0	0
Ética/ princípios	6	3,8	3	50	3	50
Integridade	4	2,5	0	0	4	100
Justiça	3	1,9	0	0	3	100
Lealdade	3	1,9	0	0	3	100
Liderança	3	1,9	0	0	3	100
Ponderação	3	1,9	0	0	3	100
Respeito	12	7,6	4	33,3	8	66,7
Responsabilidade	5	3,2	1	25	4	75
Superação	3	1,9	1	33,3	2	66,7
Tolerância	3	1,9	0	0	3	100

⁴ Nosso objetivo aqui é simplesmente expor os valores humanos mais frequentemente encontrados a título de curiosidade, pois esta análise quantitativa não fazia parte de nosso objetivo específico.

5 Considerações Finais

As análises nos permitiram observar e discutir a presença dos valores humanos dentro do Esporte de competição, em diferentes situações. Observamos que alguns valores, como respeito, auto-imagem, arrependimento, compreensão, determinação e ética, tiveram uma característica mais geral, ou seja, apareceram em vários casos e em maior número, porém, isso não ocorreu para a maioria deles. Alguns casos nos permitiram observar valores característicos e peculiares, como ocorreu, por exemplo, com o valor liderança no Caso Bernardinho e Ricardinho.

Este resultado nos leva a crer que uma determinada situação traz à tona determinados valores. Alguns apresentam uma característica mais determinada: é esperado que se encontre valores de liderança nas declarações de um técnico, por exemplo. Por outro lado, outros valores apareceram de forma mais inesperada: apenas uma análise mais profunda foi capaz de detectar, por exemplo, que valores como racismo e nacionalidade apareceram no Caso de Zidane. A imprevisibilidade na demonstração de valores foi uma característica encontrada em grande parte da amostra.

Outro aspecto observado foi que casos aparentemente lamentáveis, como por exemplo, os casos de Vanderlei Cordeiro e de Rubens Barrichello, revelaram valores “desejáveis”, como compreensão, integridade, lealdade e respeito, especialmente por parte dos atletas. Isto ocorreu algumas vezes em contraste com a opinião dos espectadores e colunistas, que expressaram valores como agressividade e intolerância.

Da mesma forma, casos de atitudes consideradas pela maioria como adequadas ou neutras, como as de Lutz Long no caso de Jesse Owens e a de Kerlon, trazem à tona valores “indesejáveis”, como racismo e agressividade, respectivamente.

A presença dos valores, portanto, se dá de acordo com a situação, mas independe da característica da mesma: um determinado caso mostra valores peculiares, mas não necessariamente um caso de boas atitudes revelará bons valores, e vice-versa. Isso se dá, em grande parte, porque são critérios subjetivos e emotivos que contribuem para a decisão de qual valor a pessoa vai exprimir (PUIG, 1996).

Parece certo afirmar que as análises apresentadas não deixam dúvidas quanto à grande abertura que o Esporte competitivo dá à discussão sobre ética e valores humanos, pois concluímos que a presença dos mesmos é constante nas declarações apresentadas. Humanizar e trazer os valores justos para dentro do Esporte de competição parece um grande desafio, pois implica em, além de tomarmos para ele uma nova orientação, inserirmos a educação moral como princípio.

[...] Poderíamos estabelecer uma certa ordem que começaria com a crítica como critério para abrir caminho no mundo dos valores, ou para submeter à análise a realidade, e determinar tudo aquilo que não queremos porque parece injusto. Depois, o princípio de alteridade, enquanto núcleo de outros valores, obriga-nos a afirmar a necessidade de sair de nós mesmos para estabelecer uma relação ótima com os demais, tanto no nível interindividual como no coletivo. Ou seja, uma relação baseada na justiça e na solidariedade, de modo que sejam recusados comportamentos de exploração e violência, assim como outras formas que prejudicam e aniquilam as pessoas [...] (PUIG, 1998, p.21)

A presença dos valores humanos se mostrou, pelas características encontradas, que este é um campo extremamente complexo e que necessita de novos estudos. A importância de mais estudos acerca dos valores humanos se torna clara quando observamos a seguinte afirmação:

A ausência de princípios e normas pessoais [bem como de valores] que dêem sentido e orientação à própria existência é uma importante fonte de mal-estar. Em síntese, a melhor maneira de viver parece ser aquela em que o sujeito decide voluntária e racionalmente como viver. (PUIG, 1998, p.16)

Segundo Puig (1998, p.16), as situações que revelam os principais problemas da humanidade precisam de uma “reorientação ética dos princípios que as regulam”, pois não são resolvidas simplesmente por uma solução técnico-científica. Da mesma forma, o Esporte necessita desta nova orientação, voltada para condutas e valores mais justos, para que não se perca a idéia do Esporte como fator social de desenvolvimento geral.

Apresentamos um quadro que resume as finalidades desta educação moral, não só dentro do Esporte, mas em qualquer ambiente que se comprometa com a educação.

QUADRO 66 - FINALIDADES DA EDUCAÇÃO MORAL

- Construir as disposições que configuram a consciência moral autônoma enquanto capacidade para regular ou dirigir por si mesmo a própria vida moral;

- Adquirir critérios de juízo que guiem a produção de razões e argumentos morais justos e solidários e usá-los corretamente e habitualmente nas controvérsias que implicam um conflito de valores;

- Desenvolver as capacidades de compreensão crítica da realidade pessoal e social, de modo que seja possível reconhecer e valorar o significado das situações concretas;

- Formar as disposições necessárias para a auto-regulação, que permitam dirigir por si mesmo a própria conduta e construir formas comportamentais voluntária e reflexivamente decididas;

- Adquirir a sensibilidade necessária para perceber os próprios sentimentos e emoções morais, para aceitá-los criticamente e usá-los enquanto componentes de procedimentos da consciência moral;

- Fomentar as competências dialógicas que predispõem ao acordo, ao entendimento e à autodireção, assim como à tolerância e à participação democrática;

- Reconhecer e assimilar aqueles valores morais que podemos entender como universalmente desejáveis;

- Conhecer toda aquela informação que tenha relevância moral ou possa tornar-se formativa pela sua clara explicitação de valores;

- Construir uma identidade moral complexa, aberta e crítica, que delimite um espaço de diferenciação e criatividade pessoal no âmbito dos valores. Tal construção supõe pelo menos um trabalho de elaboração autobiográfica, de diálogo democrático e de ação comprometida;

- Reconhecer e valorizar o pertencer às comunidades habituais de convivência, integrar-se participativamente nelas e refletir criticamente sobre suas formas de vida e tradições valorativas.

Adaptado de Puig (1998)

Por fim, propomos então que a educação moral e suas finalidades, apresentadas por Puig (1998) no quadro acima sejam parte integrante do âmbito do Esporte competitivo, a fim de humanizá-lo e creditar seu potencial como instrumento de formação integral do ser humano.

Esperamos, com este estudo, que tenhamos contribuído para uma compreensão mais ampla do Esporte competitivo e de suas múltiplas potencialidades, bem como para deixar

clara a importância do papel do técnico desportivo como educador, agente no processo da educação moral dentro do Esporte.

Referências

BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARBANTI, Valdir José. **Dicionário da educação física e do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto: "matéria" de ensino**. Lisboa: Caminho, 1987.

_____. **Desporto, saúde, vida: em defesa do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BOCKRATH, Franz; FRANKE, Elk. Is there any value in sports?: about the ethical significance of sport activities. **International Review For The Sociology Of Sport**, v. 30, n. 3/4, p.283-308, 1995.

BOMPA, Tudor O. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. São Paulo: Phorte, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? **Questões de Sociologia**, Rio de Janeiro, p.136-150, 1983.

COMITÊ INTERNACIONAL PARA O "FAIR PLAY". Manifesto sobre o "fair play". **Boletim FIEP**, Brasília, v. 51, n. 3-4, p.69-78, jun./set. 1981.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Papirus, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário aurélio eletrônico: século XXI**. Nova Fronteira, 1999. CD-ROM.

FISCHER, Norman. Competitive sport's imitation of war: imagining the completeness of virtue. **Journal Of The Philosophy Of Sports**, v. 39, p.16-37, 2002.

FOULQUIÊ, Paul. **Dicionário da língua pedagógica**. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí: Unijuí, 2003.

LEGRAND, Gerard. **Dicionário de Filosofia**. Paris: Edições 70, 1983.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e os pedagogos: para quê?**. São Paulo: Cortez, 2002.

LLAMAS, Guillermo Ruiz; SUÁREZ, Dolores Cabrera. Los valores en el deporte. **Educación**, Madrid, n. 335, p.9-19, 2004. Disponível em: <http://www.revistaeducacion.mec.es/re335/re335_03.pdf>. Acesso em: 12 set. 2007.

MATVEEV, Leev Pavlovitch. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. Guarulhos: Phorte, 1997.

MONTAGNER, Paulo Cesar. **Esporte de competição x educação?: o caso do basquetebol**. 1993. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1993.

_____. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. 1999. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do Esporte e os jogos coletivos. ROSE JUNIOR, Dante de et al. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, p. 67-76, 2002.

PUIG, Josep Maria. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Ética e valores:** métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

ROSE JUNIOR, Dante de. A criança, o jovem e a competição esportiva: Considerações gerais.
ROSE JUNIOR, Dante de et al. **Esporte e atividade física na infância e adolescência:** uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 67-76.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói:** o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. O imaginário da derrota no Esporte contemporâneo. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.86-91, jan./abr. 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2007.

RUBIO, Katia; CARVALHO, Adriano L.. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 3, n. 5, p.350-357, set. 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232005000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2007.

SANMARTÍN, Melchor Gutiérrez. El valor del deporte en la educación integral del ser humano. **Revista de Educación**, Madrid, n. 335, p.105-126, set./dez. 2004.

SANTANA, Wilton Carlos de. **A pedagogia do Esporte e a moralidade infantil.** 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se ensina e o futebol que se aprende.** 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. **O futebol e os jogos/brincadeira de bola com os pés:** todos semelhantes, todos diferentes. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHAFF, Adam. **História e Verdade.** Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

SEURIN, Pierre. A competição desportiva e a educação do adolescente. **Artus**, Rio de Janeiro, n. 12/14, p.44-47, 1984.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VANZAN, Julio. ¿Competición o cooperación? **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, n. 26, out. 2000. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd26/compet.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2007.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da psicologia do Esporte e do exercício.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

REPORTAGENS DO CASO 1 – JESSE OWENS E LUTZ LONG

1.1 Owens Pierced a Myth⁵

Larry Schwartz
ESPN.com

For most athletes, Jesse Owens' performance one spring afternoon in 1935 would be the accomplishment of a lifetime. In 45 minutes, he established three world records and tied another.

But that was merely an appetizer for Owens. In one week in the summer of 1936, on the sacred soil of the Fatherland, the master athlete humiliated the master race.

Owens' story is one of a high-profile sports star making a statement that transcended athletics, spilling over into the world of global politics. Berlin, on the verge of World War II, was bristling with Nazism, red-and-black swastikas flying everywhere. Brown-shirted Storm Troopers goose-stepped while Adolf Hitler postured, harangued, threatened. A montage of evil was played over the chillingly familiar Nazi anthem: "Deutschland Uber Alles."

This was the background for the 1936 Olympics. When Owens finished competing, the African-American son of a sharecropper and the grandson of slaves had single-handedly crushed Hitler's myth of Aryan supremacy.

He gave four virtuoso performances, winning gold medals in the 100- and 200- meter dashes, the long jump and on America's 4x100 relay team. Score it: Owens 4, Hitler 0.

A remarkably even-keeled and magnanimous human being, Owens never rubbed it in. Just as sure as he knew fascism was evil, he also knew his country had a ways to go too in improving life for African-Americans.

"When I came back to my native country, after all the stories about Hitler, I couldn't ride in the front of the bus," Owens said. "I had to go to the back door. I couldn't live where I wanted. I wasn't invited to shake hands with Hitler, but I wasn't invited to the White House to shake hands with the President, either."

Owens wasn't complaining. That wasn't his style. He believed it was his job "to try to make things better."

Born James Cleveland Owens on Sept. 12, 1913, in Oakville, Ala., he was often ill as a child, suffering from both chronic bronchial congestion and several bouts of pneumonia. Inadequate housing, food and clothing didn't help his health.

By the age of seven he was expected to pick 100 pounds of cotton a day. At nine his family moved to Cleveland. When a teacher asked his name, he answered, "J.C.," which is what he was called. The teacher misunderstood his Southern drawl and the name was Jesse from then on.

As a teenager he set or tied national high school records in the 100- and 220-yard dashes and the long jump (called the broad jump then). At Ohio State, he was not a good student but he was easily the swiftest on the track.

⁵ Disponível em: <http://espn.go.com/sportscentury/features/00016393.html>
Acesso em: 19/09/2007

Two weeks before the 1935 Big Ten Championships, Owens was involved in some playful hi-jinks with his roommates. But the prank backfired and he slipped on water during his getaway, severely injuring his tailbone.

On May 25 in Ann Arbor, Mich., Owens couldn't even bend over to touch his knees. But as the sophomore settled in for his first race, he said the pain "miraculously disappeared."

3:15 -- The "Buckeye Bullet" ran the 100-yard dash in 9.4 seconds to tie the world record.

3:25 -- In his only long jump, he leaped 26-8 1/4, a world record that would last 25 years.

3:34 -- His 20.3 seconds bettered the world record in the 220-yard dash.

4:00 -- With his 22.6 seconds in the 220-yard low hurdles, he became the first person to break 23 seconds in the event.

Some credit Owens with setting five world records, saying he also beat the marks for the shorter 200 meters and 200-meter low hurdles.

In his junior year at Ohio State, Owens competed in 42 events and won them all, including four in the Big Ten Championships, four in the NCAA Championships, two in the AAU Championships and three at the Olympic Trials.

In Germany, the Nazis portrayed African-Americans as inferior and ridiculed the United States for relying on "black auxiliaries." One German official even complained that the Americans were letting "non-humans, like Owens and other Negro athletes," compete.

But the German people felt otherwise. Crowds of 110,000 cheered him in Berlin's glittering Olympic Stadium and his autograph or picture was sought as he walked the streets.

On Aug. 3, the 5-foot-10, 165-pound Owens won his first final, taking the 100 meters in 10.3, edging out Ralph Metcalfe, also an African-American.

The next day, Owens was almost out of the long jump shortly after qualifying began. He fouled on his first two jumps, though he was stunned when officials counted a practice run down the runway and into the pit as an attempt.

With one jump remaining, Lutz Long, a tall, blue-eyed, blond German long jumper who was his stiffest competition, introduced himself. He suggested that Owens make a mark several inches before the takeoff board and jump from there to play it safe. Owens took the advice, and qualified.

In the finals that afternoon, Long's fifth jump matched Owens' 25-10. But Owens leaped 26-3³/₄ on his next attempt and won the gold medal with a final jump of 26-5¹/₂. The first to congratulate the Olympic record holder was Long, who looked like the model Nazi but wasn't.

"It took a lot of courage for him to befriend me in front of Hitler," Owens said. "You can melt down all the medals and cups I have and they wouldn't be a plating on the 24-karat friendship I felt for Lutz Long at that moment. Hitler must have gone crazy watching us embrace. The sad part of the story is I never saw Long again. He was killed in World War II." Owens, though, would continue to correspond with Long's family.

In the 200-meter dash on August 5, Owens won in an Olympic record of 20.7 seconds, beating out Mack Robinson, the older brother of Jackie Robinson.

That was supposed to be the end of Owens' Olympic participation. But from out of the blue, Owens and Metcalfe replaced Marty Glickman and Sam Stoller, the only Jews on the U.S. track team, on the 4x100-meter relay.

The rumor was that the Nazi hierarchy had asked U.S. officials not to humiliate Germany further by using two Jews to add to the gold medals the African-Americans already had won. Glickman blamed U.S. Olympic Committee president Avery Brundage for acquiescing to the Nazis.

On August 9, the 4x100 relay team, with Owens running leadoff, won by 15 yards and its world-record time of 39.8 seconds would last 20 years. Upon Owens' return to New York and a ticker-tape parade, he had to ride the freight elevator to a reception in his honor at the Waldorf-Astoria. He was treated as a kind of curiosity. When endorsements didn't come his way, he made money by, among other activities, running against horses and dogs.

"People said it was degrading for an Olympic champion to run against a horse, but what was I supposed to do?" Owens said. "I had four gold medals, but you can't eat four gold medals."

Not until the fifties did he achieve financial security, becoming a public speaker for corporations and opening a public-relations firm.

In a 1950 Associated Press poll, he was voted the greatest track and field star for the first half of century, outpolling Jim Thorpe by almost three to one.

In 1976, President Ford presented Owens with the Medal of Freedom, the highest honor the U.S. can bestow upon a civilian.

Owens, a-pack-a-day smoker for 35 years, died of lung cancer at age 66 on March 31, 1980 in Tucson, Ariz.

Four years later, a street in Berlin was renamed in his honor.

A decade after his death, President Bush posthumously awarded Owens the Congressional Medal of Honor. Bush called his victories in Berlin "an unrivaled athletic triumph, but more than that, a triumph for all humanity."

1.2 Gods, Games, and Glory: The Mythopoetics of Sports⁶

Phil Cousineau

Quest Magazine

“In the beginning,” writes Rudolph Brasch in *How Did Sports Begin?* “[sport] was a religious cult and a preparation for life. Its roots were in man’s desire to gain victory over foes seen and unseen, to influence the forces of nature, and to promote fertility among his crops and cattle.”

Once these primary needs were met, Brasch continues, the exhilaration of early sporting activities was carried on in the form of free play or games. What began as essential training for hunting or warfare became mere diversion or amusement, though in its own unique way sport is just as essential to our well-being as the original need to feed or protect ourselves.

“In our time millions of people,” Brasch writes, “whether spectators or participants, amateurs or professionals, are carried away by the sport they love from the cares of their daily toil, their anxieties and frustrations, to a world of relaxation and emulation, excitement and thrill.” Thus sports are not an avoidance of life but an embrace of it in all its complexities, a conscious transformation of the battle of life into the game of life.

The ancient Greeks described competition as the fruit of a pivotal moment in prehistory. The biographer Plutarch chronicled the situation this way: “In the ruthless times before athletics, it appears that at that time there were men who, for deftness of hand, speed of legs, and strength of muscles, transcended normal human nature and were tireless. They never used their physical capacities to do good or to help others, but reveled in their own brutal arrogance and enjoyed exploiting their strength to commit savage, ferocious deeds, conquering, ill-treating, and murdering whosoever fell into their hands.”

“It is Theseus and Herakles,” writes Roberto Calasso, citing Plutarch, “who first used force to a different end than that of merely crushing their opponents. They become ‘athletes on behalf of men.’ And, rather than strength itself, what they care about is the art of applying it: ‘Theseus invented the art of wrestling, and later teaching of the sport took the basic moves from him. Before Theseus, it was merely a question of height and brute force.’”

The Western world since the fall of the Roman Empire has been marked by a Manichaeian suspicion of the physical. The ideal education has been intellectual and spiritual, with only begrudging attention given to the balance of mind, body, and soul that the ancient Greeks sought. It was not until the work of eighteenth- and nineteenth-century philosopher-poets like Friedrich von Schiller and Greek scholar Thomas Arnold of Rugby that play and games once again earned their rightful place in the well-rounded education. Schiller wrote incisively about art, beauty, freedom, and spirit—the thread that ties them together being the beauty born in play. For Schiller, play is the link between the inner world of reverie and the outer world of concrete things. Arnold was the first educator in modern times to advocate games as an indispensable part of school life. Coubertin made the pilgrimage to the Rugby school, in England, and later on in life praised Arnold for creating the ideal athletic atmosphere for young students.

“Nobility of spirit is the grace—or ability—to play,” writes Joseph Campbell in *The Masks of God*, “whether in heaven or on earth. And this, I take it, this *noblesse oblige*, which has always been the quality of aristocracy, was precisely the virtue (*arete*) of the Greek poets, artists, and philosophers, for whom the gods were true as poetry is true.”

Play is noble, spirited, graceful, and virtuous: it is through play’s “as if” leap of faith that we enter another world and *real-ize* ecstatic possibilities for ourselves we wouldn’t discover otherwise. The nature of that other world is at once

⁶ Disponível em:

<http://www.theosophical.org/publications/questmagazine/julyaug04/cousineau/index.php>

Acesso em: 20/09/2007

nostalgic, as suggested by all the references to “home” in sports, and idealistic, as revealed in the innocent longing for sheer *fun*, which inexplicably has the power to renew our spirits, even to “recreate” us. The mythopoetics of sports declare that we can best comprehend the world through awe and wonder, a viewpoint possible only with a play-full attitude towards life.

“Young men are testosterone machines,” Joseph Campbell once told me emphatically. “You have to challenge all the energy or they’ll burn your cities down. I don’t know what I would have done without athletics when I was a young man. It gave me discipline for a lifetime. I still swim forty-four laps a day, meditating on a different tarot card during each lap.”

Campbell paused, as if perusing a mental scrapbook of articles from his illustrious track career. Then he smiled and added, “I still think of my running career every time I lecture.” His lectures were “the equivalent of a half-mile race, and boy, I’ll tell you, they’re both tough. Life’s tough. Running taught me how to pace myself in everything I’ve done in my life. It takes real guts to make your way through this world. The discipline you learn in sports can give you that.”

Why does so much emotion surface when we recall the races of our youth? Why do we love the struggle? Is it pathological, as some psychologists insist, or do great athletes know something the rest of us have forgotten—or rejected?

“Whenever their lives were set aflame,” writes Roberto Calasso, “through desire or suffering, or even reflection, the Homeric heroes knew that a god was at work.”

THE ROOTS OF OUR AGONY AND ECSTASY

Leave it to a poet—the ancient Greek Pindar—to say, “The word outlives the deed.” Though literature tends to outlive the people who write it, if we look close enough we can still see the deeds living inside the histories of the words. So, also the often inexplicably powerful response we feel in the heat of competition, whether as athletes or spectators, is at least partially expressed in the compacted meaning of the words we use to describe the athletic experience.

Consider the marvels of the puzzle-box of words used in the wide world of *sports*—a word that derives from the Latin *des-porto*, meaning “carry away.” Of course, getting “carried away” is the thing our parents and teachers said we shouldn’t do. Despite their warnings, most of us indeed play or watch sports to get carried away as often as possible from the workaday life. We love to lose ourselves, at least temporarily, and it is this sense of “transport,” a product of physical exertion, that rejuvenates athletes.

Strictly speaking, an athlete is someone who competes for a prize in public games. Our word *athlete* comes from the Greek *athlon*, meaning a prize won in a game. The English word game derives from a wonderful old Danish word *gammen*, which refers to mirth or merriment. The prize can also be won in a contest, which in Greek was *agon*, the root of our word *agony*. To train or compete is agony; yet only agony leads to ecstasy. Today many athletes boast “No pain, no gain”—and believe they invented the idea. But as early as the fourth century B.C.E., at least one spectator in the gymnasium was so in awe of the athletes’ ability to endure that he wrote, “In their pain is their fame.”

The game is worth the pain because the ecstasy is worth the agony. If you go deep enough into agony you find the real meaning of ecstasy, from the Greek *exstasis*, which denotes “being beside yourself”—what we now call being “in the zone,” “in the bubble,” or “in the flow.” The real contest is a test of our spirit, and if played seriously it leads us to a place beyond our ordinary selves. The ecstatic side of sports is above and beyond the advertised prize of the contest; it offers the athlete a momentary experience of the rapturous and dramatic.

The Greeks were acutely aware of these connections. Their word for “actor” was *agonistes*, which was also the word for “competitor.” To them, athlete and actor were kindred spirits. Each played in a drama in which occurred an unfolding of fate or destiny, a symbolic life and death. There’s good reason why sports are called a past-time—they

are supposed to take us outside and beyond ourselves, lift us up so we transcend everyday life.

“It’s that shudder out of time,” writes adventurer-poet Diane Ackerman in *Deep Play*, “the central moment in so many sports, that one often feels, and perhaps becomes addicted to, while doing something dangerous . . . the fear of leaning into nothingness.”

Risking everything by training hard for years, then exposing themselves to possible defeat, even humiliation, yet achieving some form of distinction is *still* what separates the Olympic athlete from all others. This is the mysterious source of joy for them—and often for us.

TO STRIVE, TO SEEK, AND NOT TO YIELD

As the Irish are fond of saying, memory is a merciful editor. Swiss psychologist C. G. Jung went so far as to say that every attempt at turning memory into narrative is mythological. Such is the case with one of my favorite stories from ancient times, the tale of Glaucus of Carystus, in Euboea, the Olympic boxing victor in 520 B. C. E.

The legend has it that young Glaucus was the son of a farmer. One day while Glaucus was working in the field, the plowshare came loose from the plow. Not having any tools nearby, Glaucus knocked it back into its socket with his stonehard bare fist, a colossal feat his father happened to notice.

Encouraged by his father, Glaucus went to Olympia and won his first few bouts—but also lost a few teeth and a lot of blood. By the last match he was exhausted and seriously wounded. It is said that the spectators and his trainer expected him at any point to lift his forefinger in the traditional gesture of surrender. But at the moment of truth—when the goddess of victory, Nike, or the god of sacred time, Kairos, were known to appear Glaucus’s father (or, in one account, his trainer) suddenly bellowed, “My boy, remember the plowshare!”

Glaucus seized the moment and dug down deep within himself for one last surge of strength and courage. He rose up and walloped his rival on the head as hard as he had hit the plowshare—and the contest was over.

What are we to make out of such a tale?

As with many Olympic stories, both ancient and modern, the tale of Glaucus is instructive on many levels. It has survived the exigencies of time not because it glamorizes brutality but because it mythologizes—makes a sacred story out of—the otherwise ineffable way human beings discover their secret strength in a moment of truth.

Strength, however, isn’t always corporeal; sometimes it is spiritual, as echoed in the words of Mohandas Gandhi: “Strength does not come from physical strength. It comes from an indomitable will.”

The story of Jesse Owens in the 1936 Berlin Games has become enshrined as one of our modern sports myths, an inspirational story close to my own heart.

The 1936 Berlin Olympics were part of Hitler’s grandiose plan to prove to the world the superiority of the “Aryan” people. But Jesse Owens and a handful of other foreign athletes upstaged his plans. Owens won the hearts of his teammates but also the affection of the German crowd by winning gold medals in the 100-meter dash, the 200-meter dash, the 400-meter relay, and the long jump. This feat made him the first American in the annals of Olympic history to win four golds in one Olympiad. That’s the overstory. The understory, the stuff of myth, is how he won the gold in the long jump—which, as he later said, made the other victories possible.

Because he was the world-record holder at 26 feet, 8¼ inches (which he had set in Ann Arbor), Owens was heavily favored to win. But, as sportswriter Ron Fimrite reports, “Under the baleful gaze of Adolf Hitler, he fouled on the first two jumps [and] had one chance remaining to qualify for the finals.”

Owens said later, “I fought, I fought harder . . . but one cell at a time, panic crept into my body, taking me over.”

Owens was agonizing over what to do with his last jump when he was approached by one of his rivals, Germany's Lutz Long. Although he was the very epitome of the pure Aryan youth—a tall, blond, and blue-eyed athlete—Long was completely unsympathetic with the vainglorious theories of Nazi superiority. While the German officials watched, Long blithely befriended Owens.

“What’s eating you?” he asked his African-American opponent. “You should be able to qualify with your eyes closed.” Knowing that the qualifying distance was only 23 feet, 5½ inches, Long deftly recommended that Owens simply mark a spot a few inches *before* the wooden takeoff board and jump from there. Long even offered to mark the spot with his towel. Owens smiled and thanked him and easily qualified on his next jump. Later that day, after five jumps and at 25 feet, 10 inches, Owens was tied, ironically, with Long, who was staging the greatest performance of his own career. On his final jump, inspired by his new friend’s gesture of brotherhood, Owens leapt 26 feet, 5½ inches—surpassing Long and shattering the Olympic record.

The first to congratulate him was Long, who lifted Owens’s arm high in the sky. “I had gone farther than Lutz,” Owens wrote in his autobiography. “I had set a new Olympic record. I had jumped farther than any man on earth. Lutz didn’t let go of my arm. He lifted it up—as he had lifted me in a different way a few days before—and led me away from the pit and toward the crowd. ‘Jazze Owens!’ he shouted. ‘Jazze Owens!’ Some people in the crowd responded, ‘Jazze Owens!’ They were cheering me. But only I knew who they were really cheering. I lifted Lutz Long’s arm.

“‘Lutz Long!’ I yelled at the top of my lungs. ‘Lutz Long! Lutz Long!’”

Years later, Owens said, “In a more important way . . . he was the winner. He had done his best—and without him I never could have done my best. Lutz truly showed the spirit of the Olympics . . . You can melt down all the medals and cups I have and they would be plating on the 24-carat friendship I felt for Long at that moment.”

Owens was filmed on the victory stand, grinning underneath the olive leaf crown and showing a flash of true Olympic spirit as he said simply, “Thanks for the grand competition.”

After the Olympics Owens quickly turned professional because, as he said at the time, “I had four gold medals, but you can’t eat four gold medals.” He spent the last years of life on the inspirational lecture circuit, a lifework that proved more rewarding than his world records, which have long since been broken.

“Grown men stop me on the street, and say, ‘Mr. Owens, I heard you talk fifteen years ago in Minneapolis. I’ll never forget that speech.’ And I think to myself, that man probably has children of his own now. And maybe, maybe, he remembers a specific point I made. Maybe he is passing that point on to his own son just as I said it. And then I think—that’s immortality. You are *immortal* if your ideas are being passed from a father to a son to his son and on and on and on.”

Phil Cousineau is an award-winning documentary filmmaker and the author of seventeen books. This is an excerpt from his latest book, *The Olympic Odyssey: Rekindling the True Spirit of the Great Games* (Quest Books 2003).

1.3 Great Olympians: Jesse Owens⁷

BBC.co.uk

We all have dreams. In order to make dreams come into reality, it takes an awful lot of determination, dedication, self-discipline and effort.- Jesse Owens.

Jesse Owens was perhaps *the* most gifted pre-World War Two Olympic athlete. Although he only competed in one Olympic Games, he is considered by the American National Collegiate Athletic Association to be the third most influential student-athlete of all time¹, despite a meteoric career that was over before he was 23 years old. Of course, without the intervention of World War Two, Owens could potentially have gone on to dominate Olympic events for a further decade. Incredibly, though, he wouldn't even have been considered despite scoring a moral victory over Nazi Germany at the 1936 Games. This is the sad story of a great athlete, sidelined by his own country for dubious - and some would say racist - reasons.

On Your Marks...

Owens was born on 12 September, 1913 in Oakland, a small town in Alabama, USA. The seventh of eleven children, James Cleveland Owens was known by the family as JC for the first nine years of his life, but when the family moved to Cleveland, Ohio, that soon changed. His teacher at his new school misheard him pronounce his name, and from then on JC was known to all as Jesse.

The prosperity the family had hoped to find in Cleveland didn't materialise, and life was tough for Owens's family. Even before his teens, Owens was helping to make ends meet, taking on a succession of after-school jobs. When the students of his school were timed in a sixty-yard sprint, the athletics coach Charlie Riley spotted his impressive time and invited him onto the track team. Owens was unable to train after school due to his work, but the committed Riley, convinced he had a star on his hands, trained the young man before school instead of afterwards. Riley was a huge influence on Owens, who later said:

Every morning, just like in Alabama, I got up with the sun, ate my breakfast even before my mother and sisters and brothers, and went to school, winter, spring, and fall alike to run and jump and bend my body this way and that for Mr Charles Riley.

By the time he was 20, Owens was beginning to make an impact at a national level. He went to the National High School Championship in 1933, where he equalled the world record for the 100 yards (9.4 seconds) and won the long jump.

Get Set...

Owens was offered places from universities across America because of his athletic potential. At first he refused; he had been married to Ruth at the age of eighteen, and decided his family needed financial stability first. Once his father had finally found a job, Owens accepted a place at Ohio State University but was not awarded a scholarship and continued to work part-time. His training continued under the watchful eyes of Larry Snyder, who fine-tuned his

⁷ Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/dna/h2g2/A18075387>
Acesso em: 20/09/2007

techniques and helped him to perform better in front of large crowds. The 'Buckeye² Bullet', as he became known, competed in his first NCAA Championships in 1935 in a national meeting organised by the Big Ten - an athletics confederation run by America's top universities - in Ann Arbor, Michigan.

After falling down some stairs, Owens had been carrying a back injury for the week leading up to the event. Snyder thought it best for Owens to sit the event out, but Owens was desperate to compete. The coach eventually agreed that he would be allowed to run the 100 yards. Incredibly, Owens not only won the event but once again equalled the world record, timing 9.4 seconds once more. Not quite able to believe what he was seeing, Snyder allowed Owens to compete in other events. First, Owens placed a handkerchief at the world record distance for the long jump, and proceeded to clear it by six inches. Then he raced the 220-yard dash, and broke another world record, finishing in 20.3 seconds. And, as an encore, he won the 220-yard hurdles, and became the first man to run it in less than 23 seconds.

Despite being injured, Owens had competed in four events, broken three world records and equalled another. Perhaps most sensationally of all, it had only taken him three-quarters of an hour. His performance was rated by *Observer Sports Monthly* as third in the Ten Greatest Athletics Performances of All-Time, and in 1982 the Big Ten named their new Athlete of the Year award in his honour.

All was not rosy at Ohio State University, though. America was struggling to desegregate, and along with other African-Americans, Owens, the grandson of a slave, was forced to live off-campus. When travelling with the team, he usually had to eat and sleep apart from the rest of the team, in 'black-only' hotels and restaurants. Occasionally a 'white' hotel would allow black athletes to stay, but only if they agreed to use a different entrance and use the stairs rather than the lift. In the context of the events that would shape his later career, however, these were minor inconveniences.

Go!

After another successful year as a student-athlete, the 22-year-old Owens boarded the *SS Manhattan* to take part in the 1936 Olympics. On the boat, he was accommodated in third class along with the few other black athletes, but seemed fairly used to segregation by now. He even won the honour of 'Best Dressed Man' on the boat! The Nazis hoped to use the Berlin Games to show that the Aryans were the superior physical race, so there was a very strong political influence on the Games. On arrival in Germany, Owens was greeted by a troupe of 'Hitler Youth', who gave him the Nazi salute. Newspapers printed pictures of him next to an ape, and attributed his prowess to 'animal qualities'. He seemed entirely unaffected by it all; indeed, he wrote in his pocket diary (titled 'Travels Abroad' in gold print on the cover) that 'I like the Germans very much. They are friendly and keen to show a positive side to their country'.

I wanted no part of politics. And I wasn't in Berlin to compete against any one athlete. The purpose of the Olympics, anyway, was to do your best. As I'd learned long ago from Charles Riley, the only victory that counts is the one over yourself.

His performances were certainly unaffected. On 3 August he began his gold medal pursuit at Berlin's Olympic Stadium, in front of 110,000 people, including Hitler himself. The *Manchester Guardian* reported that 'it need hardly be said that Jesse Owens won the 100 metres', although his world record time was not allowed, apparently due to it being wind-assisted. The following day, according to legend, he was about to go out of the long jump at the qualifying stage before German competitor Carl Ludwig 'Lutz' Long advised him to jump from a little further back. Owens did so, and qualified for the final. It was very close. With one jump to go, Lutz was exactly level with Owens with a jump of 25 feet 9 inches, and three other men within an inch of him.

I decided I wasn't going to come down. I was going to fly. I was going to stay up in the air forever.

Owens settled the contest with a mammoth leap, which took him eight inches clear of the field, and Owens and Long

returned to the changing rooms arm-in-arm. Owens later said:

It took a lot of courage for him to befriend me in front of Hitler... You can melt down all the medals and cups I have and they wouldn't be a plating on the twenty-four kilates³ friendship that I felt for Lutz Long at that moment.

He added the 200 metres - with a winning margin of eight metres - and the 4x100-metre relay events to his tally of gold medals. Interestingly, the feat was repeated in 1984, when another American, Carl Lewis, won the same events in Los Angeles. Owens broke the world record in all the events except the 100 metres, records which would not be surpassed for over 20 years.

Owens was adored by ordinary Germans, who often stopped him to shake his hand and ask for autographs in the street and spectators gave him a rapturous welcome in the stadium. He didn't shake the hand of Hitler, though, as the Führer had apparently left the arena early; there is a story that this was because of Owens. Hitler, having given personal congratulations to two German winners and a Finn, left as the national anthem began to commemorate American Cornelius Johnson's win. The authorities claimed it was because of a lack of time, although many believe that it was because one of the first day winners was Johnson, an African-American. Either way, Owens was not involved. His performance at the Games was, however, named (again by the *Observer* newspaper) as one of the ten boldest political gestures.

Covered in glory, Owens returned to the USA.

Gone

Quite rightly, Owens was fêted with a ticker-tape parade in New York, followed by a reception at a smart hotel. Things hadn't changed, though; he still had to enter the hotel by a side entrance and had to use the freight lift to get to the party held in his honour. Ironically, in Germany there had been no limitations on where he could and could not stay and eat, but in America there was still segregation. He was struck by the controversy over Hitler not shaking the hands of black athletes:

When I came back to my native country, after all the stories about Hitler, I couldn't ride in the front of the bus. I had to go to the back door. I couldn't live where I wanted. I wasn't invited to shake hands with Hitler, but I wasn't invited to the White House to shake hands with the President, either.

Things got worse. To support his family, Owens started looking for sponsorship, like many American athletes were at the time, and reportedly, film companies and publishers were interested in his story. Some prejudiced elements in the athletics establishment evidently saw this as an excuse to get rid of him, and on returning from a race in London later in the year he was banned for life for 'professionalism'. Apart from the case of Jim Thorpe, who was stripped of his 1912 medals when found to have received payment for minor league baseball appearances, this was a charge never levelled at any white athlete⁴. Owens's career was over, less than a month before his 23rd birthday.

On Boxing Day, 1936 he raced again, this time against a horse in Havana, Cuba. Over the next four years he would race an assortment of dogs, horses, trains and buses, an ignominious end to a career that had barely begun. He toured America, racing anyone from the fastest kid in town to boxer Joe Louis. It is impossible to imagine the same fate befalling a white American athlete⁵ - especially a world record holder in three disciplines who, just four months earlier, had captured the spirit of an Olympic Games.

Through exhibition races across America, Owens did enough to make a living; his trick was to ensure he raced a thoroughbred horse that would be startled by the starting pistol. He developed a skill for public speaking, and eventually began a public relations company, also for a while working as a jazz DJ in Chicago. He also, unsurprisingly, became a prominent civil rights campaigner.

His achievements were belatedly recognised when he was awarded the Presidential Medal of Freedom in 1976 and, after his death from lung cancer in 1980, the Congressional Gold Medal in 1990. In 1983, he was posthumously awarded a place in the US Olympic Hall of Fame. He has also appeared on stamps in America and Ireland. His family still operate the Jesse Owens Foundation, which supports young American students.

¹ Behind Jackie Robinson and Arthur Ashe.

² Ohio is known as the Buckeye State.

³ Or carat, a measure of the quality of gold.

⁴ Interestingly, Thorpe's mother was a Native American.

⁵ In 1999, disgraced Canadian sprinter Ben Johnson, after being banned for drug-taking, raced two horses and a stock car. He came third, behind the two horses.

ANEXO 2 REPORTAGENS DO CASO 2 – VANDERLEI CORDEIRO

2.1 Vanderlei Cordeiro de Lima⁸

Coletânea de notícias por Percorrere.net
29/08/2004

Vanderlei Cordeiro de Lima reviveu neste domingo, a lenda do soldado Feidípedes, que em 490 a.C. saiu correndo da cidade de Maratona até Atenas para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas.

E o brasileiro marcou duplamente sua participação na maratona dos Jogos de Atenas: ele garantiu a medalha de bronze e ainda demonstrou todo o seu espírito olímpico ao completar o percurso, mesmo tendo sido atacado por um pedestre quando liderava a disputa na altura do 36º quilômetro.

"Foi uma superação para mim. Não esperava e por isso não tive reação. Quem já correu sabe o que é ter um ritmo, parar e ser obrigado a retomá-lo. Isso me atrapalhou bastante. Mas, independentemente do que aconteceu, foi importante para mim e para o meu país esta medalha.

Não sei se venceria, mas o final seria diferente. Contudo, prevaleceu o espírito olímpico, de garra e determinação. Pude demonstrar isso através dos Jogos Olímpicos. Assim como ocorreu com o Feidípedes, para mim também foi uma luta chegar até o final", comentou o maratonista de 35 anos, ex-bóia-fria em Cruzeiro D'Oeste, no Paraná.

O fair play demonstrado por Vanderlei Cordeiro durante a maratona recebeu o reconhecimento do Comitê Olímpico Internacional, que o premiará com a medalha Barão Pierre de Coubertin. O brasileiro será o segundo a receber tal honraria. O velejador austríaco Hubert Raudaschl, que em Seul-88 abandonou a disputa de sua prova para salvar uma pessoa que havia caído no mar, até então era o único agraciado. "Fico honrado com esta medalha. Mas o importante é o momento que estou vivendo agora. Estou feliz por ter subido ao pódio. A maior felicidade minha é poder compartilhar isso", disse.

Centro das atenções da imprensa internacional, Vanderlei teve que comentar várias vezes o ataque que sofreu na prova. Em todas as respostas fez questão de isentar a todos de culpa. "Nem eu nem o pessoal da segurança esperava por isso. A pessoa partiu para cima de mim, me abraçou, me jogou na calçada e só depois a segurança me livrou. Não culpo a organização pelo ocorrido. Foi um fato isolado dentro dos Jogos Olímpicos. Acho que poderia acontecer em qualquer outro lugar", explicou.

O maratonista brasileiro, ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo-03 e Winnipeg-99, destacou a importância das experiências anteriores nos Jogos Olímpicos - 47º lugar em Atlanta-96 e 75º em Sydney-2000. "Em Atlanta sofri com bolhas no pé e duas semanas antes do início de Sydney tive uma contusão no tornozelo quando treinava no México. Mas essas experiências me ajudaram aqui em Atenas para que eu conquistasse uma medalha. Em Pequim estarei muito mais experiente e por isso mais confiante em outro bom resultado", garantiu o atleta, que tem o tempo de 2h08min31s como melhor marca na carreira, obtida em Tóquio, em 1998.

fonte: COB.

⁸ Disponível em: <http://www.percorrere.net/olimp.htm>
Acesso em: 20/09/2007

COMUNICADO OFICIAL DA CBAAt

29/08/04 - É com profunda indignação que a Confederação Brasileira de Atletismo - CBAAt acompanhou a agressão covarde sofrida pelo atleta Vanderlei Cordeiro de Lima, na prova da Maratona, nos Jogos Olímpicos de Atenas.

O atleta, que liderou isolado a prova por mais de 20 km, deveria ter recebido acompanhamento e proteção de segurança motorizada, fato primário em eventos desta natureza.

É inadmissível que na prova mais nobre dos Jogos Olímpicos esses cuidados não tenham sido tomados, o que infelizmente compromete o resultado do evento.

O Comitê Olímpico Brasileiro - COB, com a assistência da CBAAt, apresentou recurso logo após a chegada dos primeiros atletas, o que não foi aceito pelo Júri de Apelação.

O COB estará, nos próximos dias, apelando ao Tribunal Esportivo Internacional - CAS para a revisão do resultado.

O Comitê Olímpico Internacional - COI, ao dar a Medalha Pierre de Coubertin ao atleta, reconhece de antemão os prejuízos que ele sofreu em decorrência de ato tão lamentável.

A CBAAt, independente do recurso que será apresentado ao CAS, mandará cunhar uma medalha em ouro a ser entregue ao atleta, em reconhecimento à vitória que certamente obteria em condições normais.

ROBERTO GESTA DE MELO

Presidente da CBAAt

29/08/04 - A Federação Internacional de Atletismo - IAAF manteve o resultado da maratona masculina, na qual o fundista brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima foi agredido por um pedestre quando liderava a prova na altura do quilômetro 32. A decisão foi tomada pelo júri de apelação da entidade, que não aceitou o protesto impetrado pelo Comitê Olímpico Brasileiro logo após o término da maratona. No protesto, o COB pleiteava que a medalha de ouro fosse entregue também ao corredor brasileiro.

De acordo com o presidente do júri de apelação, Amadeo Francis, a IAAF manteve o resultado pois o regulamento da entidade não prevê alteração de resultado de provas por este motivo. Ele lamentou o ocorrido ao presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman.

Por sua vez, o COB já avisou à IAAF que o Brasil vai entrar com um recurso na Corte Arbitral do Esporte, com sede na Suíça, a fim de rever o resultado final da prova.

Impossibilitado de intervir nas questões técnicas das Federações Internacionais, o Comitê Olímpico Internacional vai conceder a Vanderlei Cordeiro a medalha Barão Pierre de Coubertin, pelo *fairplay* do atleta brasileiro por ter completado a prova. Em Seul-88 o COI concedeu a mesma honra a um velejador, que abandonou a prova para salvar uma pessoa que havia caído no mar.

fonte: UOL Esporte.

29/08/04 - Absurdo !!! Um manifestante irlandês roubou a cena e ajudou a afastar a medalha de ouro do brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima na maratona, a tradicional prova que encerrou a 28ª edição dos Jogos da Era Moderna, neste domingo.

Veterano de outras duas Olimpíadas, o fundista de 33 anos tinha vantagem de quase um minuto sobre o segundo colocado por volta dos 32 km dos 42,195 km, quando Cornelius Horan, fantasiado com trajes típicos de seu país - saia, boina e meia comprida verdes e laranjas-, invadiu o trajeto, agarrou e tirou o maratonista da pista.

O irlandês foi rapidamente detido pelos policiais, mas o paranaense demorou cerca de 20 segundos para se livrar dele e retornou abalado para a rua. O manifestante foi o mesmo que invadiu a pista de Silverstone, no final do GP da Inglaterra de F-1 de 2003.

Alguns quilômetros depois, Vanderlei foi superado pelo italiano Stefano Baldini e pelo norte-americano Mebrahtom Keflezighi e terminou em terceiro lugar, com o tempo de 2h12min11s -a 1min16s do vencedor e 42s do segundo.

O maratonista brasileiro começou a surpreender antes de 10 km, em que saltou do 35º lugar para a primeira posição. Depois, rompeu os 15 km na 16ª colocação, permanecendo porém no pelotão da frente. A partir daí, assumiu a liderança até o incidente.

Nas Olimpíadas de Sydney, Vanderlei não conseguiu cumprir seu objetivo de chegar entre os dez primeiros. Depois de um treinamento intenso na altitude da Cidade do México, o maratonista se contundiu e correu a prova olímpica no sacrifício.

Ex-jogador de futebol, como diversos atletas brasileiros, o jovem de Cruzeiro D'Oeste foi criado na pequenina Tapira, ambas no Paraná. Depois de um período em Maringá, o corredor foi para São Paulo, para integrar a então poderosa equipe da Funilense. Em 1998, conseguiu seu melhor tempo (2h08min31s), na maratona de Tóquio.

Além do bicampeonato no Pan-Americano, Vanderlei guarda em sua memória duas vitórias importantes: da maratona internacional de São Paulo-02 e de Hamburgo-04.

fonte: UOL Esporte.

2.2 Atleta Italiano Irrita Vanderlei Cordeiro de Lima⁹

Mariana Lajolo

Folha de S.Paulo

02/09/2004 - 00h12

Vanderlei entrou no estádio fazendo aviãozinho, feliz da vida. Após a prova, disse que não guardava rancor do homem tresloucado que prejudicou sua prova. Mas, no pódio, irritou-se.

O motivo foi o comportamento do atleta que ostentava a medalha de ouro. "Ele [o italiano Stefano Baldini] nem falou comigo. Depois, disse que seria campeão de qualquer jeito", reclamou.

"Ele foi muito infeliz. Mas isso só valorizou a minha medalha. Daqui há 20, 30, 40, 50 anos, quando pensarem na maratona de Atenas, todos lembrarão do brasileiro que foi impedido de vencer, e não do campeão."

Quando falou da "falta de espírito olímpico" do italiano, Vanderlei citou Emanuel como contraponto. Nesta quarta-feira, na TV, o jogador de vôlei de praia ofereceu simbolicamente sua medalha de ouro ao maratonista.

⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u80650.shtml>
Acesso em: 21/09/2007

2.3 Emanuel Surpreende e Oferece Seu Ouro Para Vanderlei¹⁰

Agência Folha – São Paulo
Edição nº 11009 02/09/2004

O jogador de vôlei de praia Emanuel, que conquistou o ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas ao lado do seu companheiro Ricardo, surpreendeu ao oferecer ontem a sua medalha para o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima, que foi prejudicado por um ex-padre irlandês durante o percurso da prova e acabou ficando com o bronze.

Durante uma visita ao programa de Ana Maria Braga, “Mais Você”, da TV Globo, Emanuel retirou a medalha de ouro do bolso e homenageou o maratonista.

“Essa é uma homenagem de todo o povo brasileiro, que sabe que ele [Vanderlei] merecia ter ficado com o ouro. O espírito olímpico estava com ele. Fico muito emocionado, pois sei como é difícil para um atleta chegar a uma Olimpíada. Quero muito que ele seja um vitorioso”, disse Emanuel, após colocar a medalha no pescoço de Vanderlei.

Vanderlei agradeceu, mas depois devolveu a medalha a Emanuel. O maratonista aproveitou para dizer que não sente raiva do ex-padre irlandês Cornelius Horan.

“Não guardo mágoas. Estava muito concentrado naquele momento [na maratona] e não tive tempo de pensar ou reagir. Pensei que ele iria passar direto”, disse o atleta.

“Foi um momento de superação. Estava muito determinado. Claro que não voltei com as mesmas condições físicas e psicológicas, mas o mais importante para mim era conseguir chegar ao pódio. Para quem acompanhou minha preparação final para a Olimpíada, sabia que eu estava preparado. Era um sonho que eu consegui realizar” completou o maratonista.

¹⁰ Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=192379&edicao=11009&anterior=1>
Acesso em: 21/09/2007

2.4 Maratonista Brasileiro Diz Que Alegria É Maior Que a Raiva de Irlandês¹¹

Folha de São Paulo, em Atenas
30/08/2004 - 10h20

Apesar do incidente em que foi agarrado pelo ex-padre irlandês Cornelius Horan, 57, quando estava na liderança da maratona nos Jogos Olímpicos de Atenas, no domingo, Vanderlei Cordeiro de Lima estava exultante após a prova.

Derrubado, o brasileiro perdeu segundos preciosos e toda a concentração na corrida --acabou ultrapassado por dois competidores e ficou com o bronze--, mas disse que o sentimento de felicidade era maior que o de ódio.

Sorriso aberto, bandeira brasileira nas costas, foi mais festejado e mais entrevistado do que o vencedor da prova.

Após a cerimônia de premiação, coroa de folhas de oliveira na cabeça, bronze no peito e buquê de flores nas mãos, chegou a brincar quando questionado sobre o irlandês: "Vou mandar essas flores pra ele".

Pergunta - Você venceria a prova se não fosse a invasão?

Vanderlei Cordeiro de Lima - Não sei se venceria. Mas com certeza o final seria diferente. A partir daquele momento, eu comecei a ter problemas. Principalmente para voltar ao ritmo de competição. Atrapalhou muito. Quem corre sabe como é difícil parar e retomar o ritmo.

Pergunta - Você culpa a segurança pelo que aconteceu?

Lima - Não culpo a organização, não. Foi um fato isolado, que poderia acontecer em qualquer lugar. Ele me atrapalhou, mas prevaleceu minha garra.

Pergunta - O COB já avisou que vai recorrer do resultado...

Lima - Independentemente do que acontecer, o importante é esse momento. Não estou aqui por acaso, treinei muito para chegar a isso. A imprensa brasileira não acreditava em mim, mas entrei para a história. Estou feliz com o bronze, mas um ouro seria muito bem-vindo.

Pergunta - O que poderia ser feito para evitar algo assim?

Lima - É complicado isolar o público. E é difícil colocar um policial a cada metro. O charme da maratona é o público, o povo.

Pergunta - Você não está com raiva do que aconteceu?

Lima - Minha felicidade é maior que o meu ódio.

¹¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u80536.shtml>
Acesso em: 21/09/2007

2.5 Agosto Dourado¹²

Rui Guilherme

Delreinoicias.com.br - Canal: colunistas

30/08/2004 - 08:45 h

O balanço das Olimpíadas de Atenas para o Brasil foi muito bom. Em números de medalhas, me refiro a de ouro, foi a melhor da história do Brasil em Jogos Olímpicos. Afinal, são quatro medalhas de ouro. Sei que em Sídney, na Austrália, aonde o total de medalhas foi maior: 12, sendo seis de prata e seis de bronze.

A qualidade de agora foi melhor, são quatro medalhas de ouro, três de prata e três de bronze. Das de ouro, no vôlei masculino, a conquista não podia ter sido melhor. Foi em cima da Itália que tem sido freguês em vários esportes dentre eles o futebol e o voleibol.

No vôlei, a equipe de Bernardinho derrotou os italianos por três sets a um (parciais de 25/15, 24/26, 25/20 e 25/22). O vôlei é bicampeão olímpico. Para não esquecer, Brasil e Itália já decidiram três edições da Liga Mundial: competição que os italianos têm oito títulos, e os brasileiros, quatro. Em 1995, no Rio, os italianos levaram a melhor. Em 2001, em Katowice, na Polônia, o Brasil deu o troco e, este ano, fez a festa na casa dos italianos, em Roma, ganhando o título por 3 a 1 (27/25, 25/19, 25/27 e 25/17). Na primeira fase dos Jogos, as duas equipes protagonizaram uma partida eletrizante, vencida pelo Brasil por 3 a 2 (25/21, 15/25, 25/16, 21/25 e 33/31), com um tie-break que foi um teste para cardíacos, em que os brasileiros só conseguiram fechar no 13º match point que tiveram, enquanto os italianos desperdiçaram sete oportunidades de fechar o jogo.

A campanha do vôlei masculino brasileiro em Atenas

15/08 - Brasil 3 x 1 Austrália (23-25, 25-19, 25-12, 25-21)

17/08 - Brasil 3 x 2 Itália (25-20, 15-25, 25-16, 21-25, 33-31)

19/08 - Brasil 3 x 1 Holanda (22-25, 26-24, 21-25, 19-25)

21/08 - Brasil 3 x 0 Rússia (25-19, 25-13, 25-23)

23/08 - Brasil 1 x 3 EUA (25-22, 25-23, 18-25, 25-22)

25/08 - Brasil 3 x 0 Polônia (25-23, 27-25, 25-18)

27/08 - Brasil 3 x 0 EUA (25-16, 25-17, 25-23)

29/08 - Brasil 3 x 1 Itália (25-15, 24-26, 25-20 e 25-22)

Não sendo diferente, também, no vôlei de praia com Ricardo/Emanuel. Ouro merecido.

No iatismo, Classe Laser, Ouro também para o “Senhor dos Mares”, Robert Scheidt e na Classe Star com Torben Grael e Marcelo Ferreira.

Bonito fez também a Seleção Brasileira no futebol feminino sob o comando de Renê Simões. Foi ótimo para mostrar a todos que vale a pena investir nesta modalidade que nos EUA já é uma realidade.

No hipismo dessa vez Baloubet na refugou como em 2000. Pelo contrário deu mostras que é um excelente animal e a prata para Rodrigo Pessoa foi muito bom. No vôlei de praia Adriana Behar/Shelda disputaram com muita garra e a medalha de prata é também muito importante para o Brasil.

O bronze, no judô, também tem que ser destacado com Leandro Guilherme e Flávio Canto.

No domingo, no encerramento dos Jogos Olímpicos, mais uma medalha e de bronze. O brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima foi nitidamente prejudicado por aquele debiloide (um ex- padre irlandês) que invadiu a pista e o segurou. Imaginem se fosse aqui no Brasil... O que diria a mídia internacional ? Que sirva de alerta para aqueles que vão cuidar do Pan 2007 aqui no Rio de Janeiro. Parabéns Vanderlei pelo bronze. E não podemos deixar de dar os vivas a

¹² Disponível em: <http://www.delreinoicias.com.br/abrenoticia.php?codnot=196>

Acesso em: 20/09/2007

todos os atletas que colocaram o nome do país no mais alto do podium no exterior.

Cada vez mais se consolida a opinião que é no esporte que o Brasil tem o nome respeitado seja aqui ou lá fora.

OBS.: Antes de encerrar, deixo aqui o meu profundo voto de repugnar o aumento que os vereadores de São João del Rei fizeram no apagar das Lutes. Vergonha ! Vergonha nacional. É por isso que este país tem uma carga tributária de fazer inveja a muitos. Vergonha mesmo...

2.6 Vanderlei Cordeiro de Lima Teve Ótima Reação, Dizem Especialistas¹³

Folha de S.Paulo
30/08/2004 - 01h10

Vanderlei Cordeiro de Lima pagou um alto preço em seu desempenho para retomar o ritmo. Ante o incidente, os especialistas consultados pela **Folha de S.Paulo** avaliam como ótima a reação do maratonista.

Com a queda brusca, o atleta se sujeitou a alterações em funções como o débito cardíaco (fluxo de sangue bombeado pelo coração a cada minuto) e o consumo de oxigênio, além de um desequilíbrio hormonal, causado pelo susto.

Reencontrar o equilíbrio demanda tempo. "Para se recuperar do ônus fisiológico e retomar o ritmo dessas funções, o organismo precisaria de dois a três minutos", afirma Turíbio Leite de Barros, fisiologista do São Paulo.

Para Aduino Domingues, técnico do fundista Marílson dos Santos, a parada traz ainda um outro ônus. "Quando você pára, todas as sensações de dor e cansaço vêm de uma vez", declara.

Já a descarga hormonal --principalmente de adrenalina, que prepara o organismo para se defender-- é incompatível com o estado do atleta após todo o esforço de uma competição desse tipo.

"Numa situação normal, a pessoa fica com mais força, mas no fim da maratona você não tem mais força, está no limite", diz Jorge Agostinis, preparador físico da maratonista Márcia Narloch.

A última perda seria psicológica. Tanto Agostinis quanto o médico da equipe Pé de Vento Henrique Viana crêem que a maior parte dos atletas desistiria.

"Aquilo era para sentar na calçada e chorar", disse Agostinis. "Ele retomou muito próximo do ritmo anterior, isso valorizou a medalha de bronze", disse Viana, que acompanha em sua equipe o maratonista Frank Caldeira, último vencedor da modalidade em São Paulo e na Pampulha.

Alguns acham exagero dizer que Lima venceria não fosse o incidente, que lhe tomou oito segundos. Para Viana e Domingues, sua expressão de cansaço contrastava com a de Stefano Baldini, "mais inteiro", na visão de ambos.

"Ele ia acabar ficando com o bronze mesmo. A tática dele foi perfeita, mas ao fim da prova seus adversários pareciam em melhor estado que ele", afirmou Viana, que lembra que a diferença de Lima para Baldini havia caído de 47 segundos para 26 segundos antes mesmo da invasão do irlandês.

Agostini discorda. "Ele [Lima] não estava morto, tanto que conseguiu voltar no mesmo ritmo. O Baldini poderia até tirar a vantagem, mas eles iam entrar juntos, e ia ter briga no final. Para mim, ele é ouro", afirma o preparador.

¹³ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u80530.shtml>
Acesso em: 20/09/2007

2.7 Após Olimpíada, Vanderlei Cordeiro de Lima Quer Folga Para Pescar¹⁴

Mariana Lajolo

Folha de S.Paulo

02/09/2004 - 00h10

Vanderlei Cordeiro de Lima começou nesta quarta-feira a ter dimensão da frase que ouviu de um desconhecido em sua chegada ao Brasil: "Disseram que eu sou a pessoa mais conhecida do mundo".

O maratonista não foi recebido por milhares de pessoas como os campeões do vôlei, mas já sente o efeito do novo status alcançado após a medalha de bronze e o incidente com o ex-padre irlandês.

"Não caiu a ficha ainda. Continuo como se nada tivesse acontecido, como se eu só tivesse ganhado o bronze", afirmou ele. "Só quero ir pescar e rever a família. Estou com saudade."

A pescaria será breve. No domingo, Vanderlei já tem um compromisso, será comentarista da transmissão da meia-maratona do Rio. Este foi um dos inúmeros convites que choveram para o atleta desde que ele cruzou a linha de chegada em Atenas.

Vanderlei foi chamado para estrear comerciais e dar dezenas de entrevistas, inclusive fora do país. Uma proposta do Chile, por exemplo, inclui cachê de US\$ 700, passagem aérea de primeira classe e hotel cinco estrelas. Até a TV japonesa quer falar com o atleta.

"Em Atenas, quando saí para passear, nem conseguia andar na rua. Todo mundo pedia autógrafo, queria tirar foto. Eu tenho muito orgulho da minha glória, mas continuarei mantendo minha humildade. Do jeito que está, para mim já está bom", afirmou o maratonista, que recebeu prêmio de R\$ 200 mil de um de seus patrocinadores. O valor só seria pago para quem ganhasse o ouro.

A CBAAt (Confederação Brasileira de Atletismo) e a Nike também darão a premiação máxima ao atleta. A BM&F, seu outro patrocinador, ainda não havia definido o valor.

Vanderlei disse estar ciente de que, se não tivesse sido atacado por Cornelius Horan, talvez não tivesse metade do reconhecimento que está recebendo agora.

Quando soube que o ex-padre irlandês havia dito a **Folha de S.Paulo** que "Deus dará a Vanderlei o que eu tirei dele", o maratonista não se conteve e chorou copiosamente.

"Nunca pensei em dinheiro. É muito difícil chegar até onde eu cheguei sem apoio. Herói não se faz de uma hora para outra", afirmou, ainda emocionado.

Durante a entrevista que concedeu nesta quarta em São Paulo, o ex-bóia-fria de Cruzeiro D'Oeste (PR) estava à vontade. O atleta aproveitou para brincar com uma das famílias mais ricas do país.

Sentado entre o deputado Aloízio Mercadante (PT) e Abílio Diniz e seu filho João Paulo, do grupo Pão de Açúcar, o maratonista fez uma série de piadas.

Quando questionado sobre seus projetos futuros, o atleta parou por um instante, pensativo, e disparou: "Eu queria pedir permissão para participar da maratona de revezamento, no dia 26, na equipe do seu Abílio. Se ele me quiser, é claro", afirmou.

Todos riram. Diniz disse que o pedido deveria ser feito por ele, para Vanderlei nunca deixar seu time. João Paulo emendou lembrando que o medalhista em Atenas já havia disputado a prova.

¹⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u80648.shtml>
Acesso em: 20/09/2007

"Eu lembro. No ano passado passei tão rápido que nem vi o João Paulo", brincou, desdenhando do desempenho do companheiro de equipe e patrocinador.

Após o revezamento em São Paulo, Vanderlei quer se concentrar na preparação para o Mundial do ano que vem.

"Acho que posso brigar por uma medalha. Mas sem padre dessa vez", brincou.

ANEXO 3 REPORTAGENS DO CASO 3 – BARRICHELLO E SCHUMACHER

3.1 Barrichello Afirma Que Ferrari Quebrou Acordo na Áustria¹⁵

Folha de S. Paulo
20/06/2002 - 21h54

Rubens Barrichello parece não ter superado ainda a ordem da Ferrari dada no GP da Áustria para que ele abraisse passagem para o alemão Michael Schumacher.

Segundo o brasileiro, Jean Todt, diretor esportivo da Ferrari, teria quebrado o acordo de não sacrificar nenhuma de suas vitórias em prol de seu companheiro de equipe. A declaração foi publicada na revista inglesa "Autosport".

"Ele disse: "Rubens, falamos sobre isso mais tarde. Faça, por favor, o que é melhor para os interesses da equipe". "Não podia dizer: "Vocês falaram que eu poderia vencer quando estivesse em primeiro". Não dá para argumentar a 250 km/h", disse o brasileiro.

Segundo o ferrarista, seu acordo com Todt foi firmado após o GP da Áustria de 2001. Naquela corrida, ele também teve de dar passagem ao carro de Schumacher.

Barrichello disse que ficou muito irritado com sua situação em 2001: "É difícil bater Michael. E quando a gente consegue tem que se submeter a essas regras".

Depois de muito reclamar no ano passado, no início desta temporada, o brasileiro chegou a afirmar que não iria mais "chorar".

A FIA (Federação Internacional de Automobilismo) deve divulgar no dia 26 decisão sobre a punição à ação da Ferrari na Áustria.

Nesta sexta-feira acontecem os primeiros treinos para o GP da Europa, nona etapa do Mundial de F-1.

¹⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u43199.shtml>
Acesso em: 22/09/2007

3.2 Ferrari, Rubinho e Schumacher Levam Multa de US\$ 1 mi¹⁶

BBCBRASIL.com

26/06/2002 - 12h19

O Conselho Mundial de Automobilismo da FIA (Federação Internacional de Automobilismo) decidiu multar a equipe Ferrari e os pilotos Rubens Barrichello e Michael Schumacher no total de US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 2,83 milhões) por causa do jogo de equipe no Grande Prêmio da Áustria, há seis semanas.

A FIA declarou que não poderia tirar os pontos da Ferrari ou dos pilotos porque a ultrapassagem de Schumacher sobre Barrichello nos últimos metros do GP da Áustria, atendendo uma ordem da equipe, não feria o regulamento.

A Federação, no entanto considerou deplorável a maneira como as ordens da equipe foram executadas".

Metade da multa deverá ser paga de imediato, enquanto a outra metade só será paga em caso de reincidência.

Protocolo

Em nota a FIA informou que "é dever de cada equipe assegurar que seus pilotos observem os procedimentos do pódio e que, de maneira nenhuma, causem constrangimento às autoridades dos países que recebem os grandes prêmios".

Depois da bandeirada final, Schumacher colocou Barrichello no topo do pódio – o que foi considerado pela FIA como quebra de protocolo – e disse que na verdade o brasileiro é quem tinha sido o vencedor da corrida.

Após o incidente, o presidente da FIA, Max Mosley, enviou uma carta com um pedido de desculpas ao chanceler austríaco, Wolfgang Schüssel, que fez a entrega dos troféus no pódio.

Antes da audiência de hoje em Paris, a Ferrari era acusada de ferir a honra da Fórmula 1 como esporte e corria o risco de ser punida com uma corrida de suspensão, ou perder os pontos obtidos no GP da Áustria.

Humano

“Somos todos humanos, aprendemos com o que aconteceu na Áustria e nossos julgamentos serão diferentes daqui para frente”, declarou o diretor técnico da Ferrari, Ross Brawn, responsável pela estratégia de equipe durante as corridas.

“Se Michael (Schumacher) tivesse tido a mesma falta de sorte da qual Juan Pablo Montoya (piloto da Williams) foi vítima nas últimas corridas, Montoya poderia estar liderando o campeonato. Por isso, vocês devem entender o que fazemos e o que nos leva a tomar determinadas decisões”, acrescentou Brawn.

O diretor esportivo da Ferrari, o francês Jean Todt, declarou que a vitória de Rubinho no último domingo – quando conquistou o Grande Prêmio da Europa, em Nürburgring, na Alemanha, com Schumacher em segundo – não teve qualquer relação com a audiência desta quarta-feira.

Na ocasião, Barrichello e Schumacher cruzaram a linha de chegada quase emparelhados, mas a equipe, desta vez, não impediu a vitória do brasileiro.

Estratégia

¹⁶ Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020626_ferraria2mt.shtml
Acesso em: 22/09/2007

Depois da corrida, Brawn revelou que deu ordem para que os pilotos não trocassem de posição nas últimas voltas da prova.

O diretor técnico da Ferrari disse que só havia liberado a disputa por posição entre seus pilotos até a segunda parada para reabastecimento e troca de pneus.

Depois da segunda parada, os pilotos receberam ordens de não mais lutarem entre si pelo primeiro lugar.

Brawn disse ainda que a posição de Schumacher no campeonato – com 76 pontos, 46 à frente do segundo colocado Ralf Schumacher, da Williams – influenciou a decisão.

“A vida é um processo constante de aprendizagem e aprendemos na Áustria que tínhamos que agir de modo diferente”, explicou Brawn.



3.3 FORMULA ONE: Barrichello Ushers Schumacher To Victory¹⁷

Brad Spurgeon

Iht.com

13/05/2002

SPIELBERG, Austria: A race that stretched belief with its death-defying accidents, wheel-to-wheel racing and fire-breathing engines concluded in a way that also defied credibility as the world's greatest Formula One driver pocketed victory in the Austrian Grand Prix on Sunday only because his teammate braked in the final straight to let him win.

Spectators booed and gave the thumbs down sign as Michael Schumacher drove across the finish line a tenth of a second ahead of Rubens Barrichello, to take his 58th, and least spectacular, career victory.

It happened on the only track in the series where the German driver had never won and on a weekend when Barrichello had signed a two-year extension to his contract with the Ferrari team. And it was the team that ordered him to surrender victory Sunday. The Brazilian said he had no qualms about the result. Schumacher was not so sure.

"I take no joy from this victory," he said. "I enjoyed the race, but not the last 100 meters."

He refused to stand on the highest step of the podium, forcing a reluctant Barrichello to take that honor. When Wolfgang Schuessel, Austria's chancellor, gave him the winner's trophy, Schumacher handed it to Barrichello.

When they entered the post-race news conference the drivers were received with loud boos again. Barrichello immediately defended his team's decision and was applauded for his words.

"It was a team decision and I have to respect it," he said. "I did as I was told even if I would have preferred not to have been asked to move over. Today's event has not affected my determination. I feel I am going through a good time in my life and driving better than ever. I feel my time is coming and there is no point in complaining or arguing."

Schumacher has now won five out of six races so far this season, and he leads the championship over Juan Pablo Montoya, who finished third Sunday, by 27 points. With Ferrari dominating the beginning of a season, and Schumacher already so far ahead in the standings, not even Montoya understood Ferrari's decision.

"Michael doesn't really have any challenge in the championship," said the Colombian. "He was running more than 20 points ahead of me and they're maybe a second a lap faster than us. So what are they so nervous about? I feel sorry for Rubens."

Schumacher said he understood his team's reasoning. "The team wants to win the championship and they have invested, with the sponsors, so much money in it that if we fail for maybe a point in the end then we would look stupid."

Sponsors also like Formula One to put on a good, honest show, and aside from the controversial finish, this one had all the ingredients of a crowd pleaser.

Barrichello, who started in pole position, took the lead from the start with Schumacher, who had started third, right behind him. That is how they stayed, never more than a few seconds apart, until the last few meters of the race.

"Rubens just outpaced me today," said Schumacher.

Jacques Villeneuve, the former world champion at the BAR team, gave an equally impressive performance in very different circumstances. The Canadian driver started from 17th place and fought his way up the pack until by lap 52 he was third. But after Villeneuve made his pit stop on lap 53 he dropped back to ninth place and then dropped out of the race on the last lap with a technical problem. "I'd forgotten what racing is like and today was a little

¹⁷ Disponível em: http://www.iht.com/articles/2002/05/13/prix_ed3_.php?page=2
Acesso em: 22/09/2007

reminder," he said.

The race was not free of dangerous incidents. As Villeneuve's teammate Olivier Panis sped down the straight in front on lap 23, the Honda's engine burst into flames. The Frenchman lost control of his car and came to a stop near the middle of the track. With cars speeding past him at over 300 kilometers per hour (185 miles per hour), he climbed out and ran across the track to the pit lane.

The safety car neutralized the race to allow officials to remove Panis's car. The competition resumed on lap 28, with all the cars in a line behind the safety car. As the field reached turn 2, Nick Heidfeld lost control of his Sauber and the car slid backward along the grass on the inside of the track before slicing a corner and careering back across the track.

The Sauber just missed the nose of Montoya's Williams. But it plowed into the side of the Jordan-Honda of Takuma Sato, a Japanese rookie driver. Both cars splintered apart, bounding off the track in a massive cloud of debris and dust.

Heidfeld got out of his car immediately, but track doctors spent 10 minutes helping Sato out of his car. The rear of the Sauber had broken through the side of the Jordan.

The accident was frighteningly similar to one in the American CART series last September in Germany in which Alex Zanardi, an Italian driver, lost both of his legs and was almost killed.

"Judging by the accident that he's had, Dr. Watkins thinks that it's the nearest thing to a miracle that he's alive," said Eddie Jordan, the team owner, referring to Sid Watkins, the race doctor.

Sato, 25, was flown to Graz's University Hospital for observation. The initial diagnosis was "soft-tissue damage to the right thigh," according to a team statement after the race.

The race was neutralized behind the safety car again for almost 20 minutes. It restarted on lap 37, when Michael Schumacher fell to third behind his younger brother, Ralf, while Montoya held fourth. The elder Schumacher regained the second place when his brother made a pit stop on lap 47. Montoya took third place from his teammate by virtue of a faster pit stop in the closing laps.

Sato's teammate, Giancarlo Fisichella, finished fifth, scoring the first points of the year for Jordan. David Coulthard in a McLaren-Mercedes was sixth.

3.4 Marmelada ou Não?¹⁸

Veja Online
Maio de 2002

No domingo, dia 10 de maio, o Brasil assistiu a um triste episódio na história da Fórmula 1: o piloto brasileiro Rubens Barrichello foi obrigado, seguindo ordens da Ferrari, a deixar o alemão Michael Schumacher ultrapassá-lo e ganhar o GP da Áustria. Os leitores de VEJA nem esperaram a revista falar no assunto e mandaram centenas de opiniões à redação. Confira algumas:

Curva Trágica

“A reta de chegada do GP da Áustria passou a ser mais trágica que a curva Tamburello do GP de Ímola, disputado em 1994.”

Ventura Raphael Martello Filho, por e-mail

Luto oficial

“Em coma desde a decisão da Copa de 1998, faleceu, no último domingo, milésimos de segundos antes da bandeirada de chegada do GP da Áustria, vítima de ‘cifrão aguda’, a senhora Paixão da Torcida.”

Reinaldo Tolentino De Souza - Itajaí, SC

Vermelho de raiva!

“A Ferrari sempre explorou a cor vermelha para caracterizar uma cor vencedora. Daqui para a frente, esse mesmo vermelho será, para nós brasileiros, o vermelho de raiva! Rubinho, troca de turma!”

Edson Lobo - São Paulo, SP

Circo

“Agora eu entendo o que é ‘Circo da Fórmula 1’.”

Anderson Ribeiro - Contagem, MG

Mais Seriedade

“Estamos carentes de exemplos morais. Nem é preciso dizer que Senna ou o próprio Schumacher não se sujeitariam a tal patetice. Precisamos urgente de uma dose de seriedade e caratismo.”

Antonio Monteiro - São Paulo, SP

Inversão de valores

“Passei vários anos de minha vida profissional deixando alguém ganhar uma corrida que estava no papo, obedecendo a sábia orientação superior. Se não me arrependi, ganhando uns 7 mil reais por mês, certamente não me arrependeria ganhando o tanto que o Rubinho ganha. Eu e o Rubinho, portanto, na qualidade de campeões virtuais, estamos de parabéns e somos co-responsáveis pela inversão de valores que vemos todos os dias. Meu Deus, que vergonha!”

Luiz Felipe Martins Sertã - Riviera de São Lourenço, SP

Interesse de equipe

“Nos esportes mais evoluídos prevalece o interesse do time. A assistência àquele que faz o gol valem tanto quanto o próprio gol. Grande fim de semana, Rubens! Você fez tudo certo. Parabéns!”

Marcelo Cabeda - Porto Alegre, RS

Pobre Rubinho!

“O ‘piloto’ Rubens Barrichello vendeu sua alma, seu espírito esportivo (se é que o tinha) e o orgulho competitivo de um país já representado com muita dignidade por Fittipaldi, Piquet, Senna, dentre outros. Rubinho, eu sei que mãe compreende e perdoa quase tudo, mas as mães do Brasil mereciam um almoço com mais dignidade, sem o sabor amargo e indigesto do vil metal. Apesar de tanto dinheiro, pobre Rubinho....”

Hélio Araújo - Goiânia, GO

¹⁸ Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/palavra_leitor/rubinho.html
Acesso em: 22/09/2007

Mau exemplo

“Estou indignado como brasileiro, como desportista, como pai, como professor, como cidadão. O que vamos dizer aos nossos filhos diante desse belo exemplo que a equipe Ferrari nos proporcionou? Me senti um palhaço diante da televisão, assistindo a esse espetáculo de desonestidade e de desrespeito. Estou enojado. Estou indignado. Não contem mais com a minha audiência.”

Ronaldo Elie Yallouz - Petrópolis, RJ

Sem encanto

“Dinheiro é o novo combustível. Não existe mais o prazer da superação. A Fórmula 1 está perdendo, cada vez mais, o seu encanto.”

Renato Santos - São Paulo, SP

Cadê o orgulho?

“Como brasileira, estou me sentindo envergonhada com a postura de Barrichello. O que a TV Globo denominou de coragem e maturidade, podemos chamar de uma atitude coerente a ser adotada por quem está na pista não para defender o seu país, mais para abonar a sua conta bancária. Onde está o orgulho de mostrar sua competência, a garra de elevar o seu país a mais alta posição? É lamentável a decadência de um esportista que recebeu de toda uma nação a incumbência de nos trazer alegrias e orgulho como o Senna fazia. Mais do que uma vítima da Ferrari ou do Schumacher, Barrichello é um produto de suas escolhas equivocadas e medíocres. É realmente triste vermos o poder econômico derrotando qualquer ideal e princípio ético.”

Tereza Cristina Leite - Brasília, DF

Senna, o grande campeão

“Por tudo isso, Senna será o maior vitorioso desse esporte, para sempre, sem contestações de qualquer ordem.”

Ricardo Alberto Marcotti - Porto Alegre, RS

Desapontamento

“Belo presente que a Ferrari, logo a Ferrari, deu para as mães, principalmente as brasileiras, que assistiram à corrida, acreditando ver vencer o melhor na pista. Como torcedor da Ferrari desde as épocas memoráveis de Piquet e Senna, não posso deixar de externar meu (aliás de muitos, com certeza) profundo desapontamento com a equipe italiana, num total desrespeito com seus pilotos e, principalmente, com o público que assiste, torce e acompanha o circo da maior categoria do automobilismo.”

Carlos Eli Chiarelli - Vila Velha, ES

O verdadeiro vencedor

“Parabéns, Rubinho. Você deu um show na corrida e, principalmente, como homem. Você mostrou para todos os integrantes da Ferrari o verdadeiro significado da palavra ética. Coisa que, parece que alguns membros desta equipe, parecem desconhecer. Em minha opinião, Michael Schumacher só se tocou da estupidez que fez ao cruzar a linha de chegada, após receber as vaias merecidas da torcida, além do olhar de reprovação de seu irmão.”

Sebastião S. Silveira Filho - Belo Horizonte, MG

Contra o espírito esportivo

“A decisão tomada pela Ferrari no GP da Áustria de Fórmula 1 foi a maior vergonha da história do automobilismo. A ordem dada a Barrichello para dar passagem a Schumacher é totalmente contra o espírito esportivo, que deve nortear todas as competições. Com essa medida, foi enormemente comprometida a imagem e o prestígio da categoria e, principalmente, da equipe Ferrari. A Federação Internacional de Automobilismo precisa tomar alguma providência para que fatos lamentáveis como esse não voltem a acontecer. Mas, apesar de tudo o que foi visto, temos um motivo para comemorar: Rubinho provou, mais uma vez, para aqueles que ainda não acreditam, que é, sem dúvida, um grande piloto e que está crescendo cada vez mais na Fórmula 1.”

Ricardo Couto e Silva - Natal, RN

Sabotagem

“Vocês ainda pensam que o pobre do Rubinho pode acreditar em uma vitória enquanto Michael Schumacher estiver na pista? Acredito que a questão não seja pessoal, nem deles terem acatado a decisão da Ferrari, mas sim da própria equipe ter optado por essa legítima sabotagem. Sabotagem, sim! Contra os espectadores e os esportistas. Essa

manobra põe em xeque a credibilidade da Fórmula 1 e da Ferrari, principalmente por ter sido executada no início do campeonato. Pensem que a imprensa mundial se revoltou com o fato. O ‘... tudo vem de situação, de vez em quando é bão misturar o brasileiro com alemão...’ desta vez só gerou indignação! E fez relembrar a Copa do Mundo de 1998, quando o título era praticamente nosso. Quando poderemos cantar uma vitória certa e digna? Espero que em outubro deste ano o vencedor seja realmente o melhor! Depois, não adianta chorar, porque eleições não tem todo domingo.”

Patrícia Bordin - Marau, RS

“Empregadinho” da Ferrari

“Eu acompanho F1 desde 1980 e já presenciei momentos memoráveis de Piquet e Senna. O Barrichello conseguiu envergonhar a todos que assistem à F1 e a tradição do Brasil na F1. O salário dele deve ser muito bom, mas a única coisa que ele vai conseguir dessa forma, além de nos envergonhar, é entrar para a história da F1 como o ‘empregadinho’ da Ferrari, provando mais uma vez que não é digno de ocupar o lugar mais alto do pódio. Já que é para não poder ganhar, que ele vá para outra equipe e, pelo menos, não nos envergonhe mais!”

Luís Mauro C. Vasconcelos - Goiânia, GO

Dinheiro é a regra

“É lógico que não é a primeira vez que acontece e claro que, se não houvesse manifestação do público, a Ferrari, Schumacher e Rubinho iriam fingir que nada havia acontecido, já que os três iriam ganhar com o fato. A vergonha das vaias foi pouco. Sorte deles que não haviam tomates no circuito. E é triste que certos setores da imprensa fiquem colocando Rubinho Barrichello como vítima. Vítima não. Rubinho não passa de um vendido, que não tem amor à sua carreira, nem respeito pelo espírito esportivo e tampouco por um povo apaixonado por esporte, como o brasileiro. São os cifrões que vêm ditando as regras do esporte mundial.”

André Guimarães - Salvador, BA

Saudades do Senna

“O Brasil já é um país tão explorado e ainda temos que ver esportistas que o representam fazer esta palhaçada. Enquanto Rubinho estiver representando o Brasil na F1 eu me recuso a assistir as corridas. Que saudades do Senna...”

Nadja Machado Volpato - Pato Branco, PR

Burro de carga

“A Ferrari trocou o Cavalinho Rampante por um Burrinho de carga de mina de ouro! Infelizmente, um brasileiro foi seu condutor.”

Ricardo Ronzi Taveira - Vinhedo, SP

Mancha eterna

“A polêmica sobre o vencedor do grande prêmio da Áustria é um pouco mais delicada do que se imagina. Deve-se salientar que a Ferrari é uma empresa. O chefe de equipe tem que ser campeão, como um chefe de produção tem que produzir. Foi o que determinou a corrida para o alemão. Porém, o departamento de Marketing foi relegado ao segundo plano. A bandeira da Ferrari agora ficou com uma mancha difícil de ser apagada. Até os torcedores da escuderia mais famosa do mundo reprovaram a atitude. Aí é que entra o dono da empresa. Uma decisão dessas não pode ficar apenas no chefe de produção. Tem que ser alguém que pense mais além.”

Carlos A. Manfrim Canno - Bragança Paulista, SP

Vergonha

“Enzo e Dino Ferrari devem estar vermelhos de vergonha.”

Cícero Figueiredo Ribeiro - Remanso, BA

ANEXO 4 REPORTAGENS DO CASO 4 – DRIBLE DO KERLON

4.1 Apoiado Pela Diretoria, Kerlon Promete Manter 'Drible Da Foca'¹⁹

Estadão.com.br
17/09/2007 - 20:04

Agredido por rival no clássico mineiro, atacante do Cruzeiro diz que não pretende menosprezar ninguém
BELO HORIZONTE - O meia Kerlon, do Cruzeiro, afirmou nesta segunda-feira que não vai deixar de executar o "drible da foca", lance em que mantém a posse de bola com cabeçadas e que neste domingo, na vitória de sua equipe por 4 a 3 no clássico contra o Atlético Mineiro, resultou na expulsão do lateral-direito Coelho.

"É a minha jogada. Não é a primeira vez que faço, não foi ontem [*domingo*] que comecei a fazer. Foi um momento que encontrei para fazer e, sempre que tiver, farei de novo", avisou o jogador, segundo o site do Cruzeiro. "De maneira nenhuma quero menosprezar alguém. Quem conhece sabe que é uma jogada sempre rumo ao gol e em que posso cavar uma falta."

Kerlon ficou conhecido no Sul-Americano sub-17 de 2005, quando terminou como campeão e artilheiro da competição e executou o lance em várias partidas da seleção brasileira - e acabou agredido pelos rivais em mais de uma ocasião, inclusive no jogo decisivo, contra o Uruguai. Neste domingo, disputou apenas sua terceira partida no Brasileirão, depois de se recuperar de uma cirurgia no joelho direito.

A diretoria do Cruzeiro saiu em defesa de seu atleta e prometeu protestar se a súmula do árbitro Evandro Rogério Roman sobre o clássico não tiver, além da agressão de Coelho, as ameaças feitas por jogadores do Atlético-MG depois do lance. "Queremos que o Kerlon se sinta à vontade para fazer a sua principal jogada. Se não houver um relato das ameaças e intimidações, o Cruzeiro vai acionar o STJD, a CBF e a Comissão de Arbitragem", avisou o gerente de futebol do clube, Valdir Barbosa.

¹⁹ Disponível em: http://www.estadao.com.br/esportes/not_esp53480,0.htm
Acesso em: 24/09/2007

4.2 Celso Roth Critica o Drible de Kerlon²⁰

Globoesporte.globo.com

22/09/2007 - 09h34m - Atualizado em 22/09/2007 - 11h34m

Técnico diz que jogada do meia cruzeirense só é válida se jogador estiver buscando o gol

A jogada do meia Kerlon continua causando polêmica, agora no Vasco.

O polêmico drible da foca de Kerlon, do Cruzeiro, adversário deste domingo, em São Januário, pela 27ª rodada do Campeonato Brasileiro, preocupa o técnico do Vasco, Celso Roth. Segundo o treinador, quem defende a jogada não entende nada de futebol.

- O pessoal que diz que tem de deixar o Kerlon praticar a jogada livremente não é o que vive do futebol. Ficam só analisando e sua vida não depende do que ocorre no campo - afirma Celso Roth.

Depois, o treinador fez questão de dizer que não acha uma simples provocação o fato de Kerlon tentar levar a bola com a cabeça. Segundo ele, o recurso é válido, desde que ele consiga produzir algo efetivo.

- Se ele fizer a jogada para buscar o gol, não há problema algum. Mas se for em outra situação, fica mais complicado - avalia Roth.

Certo é que Kerlon não terá vida fácil em São Januário. Desde que a polêmica tomou contra do Brasil, alguns jogadores vascaínos já deram declarações afirmando que acham o estilo um desrespeito aos companheiros de profissão.

²⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Vasco/0,,MUL108598-4283,00-CELSO+ROTH+CRITICA+O+DRIBLE+DE+KERLON.html>

Acesso em: 24/09/2007

4.3 Coelho Admite Entrada "Forte" em Kerlon, Mas Nega Agressão²¹

Luiza Oliveira

Uol.com.br

18/09/2007 - 20h35

Apontado como vilão do clássico em que o Cruzeiro venceu o Atlético-MG, por 4 a 3, domingo passado, no Mineirão, o lateral-direito Coelho considerou justa sua expulsão, mas negou que tenha agredido o meia Kerlon, que lhe aplicou o chamado drible da foca. O jogador atleticano lamentou ainda que esteja sendo tratado, por uma parte da imprensa, como "bandido e criminoso".

"Fui expulso justamente pelo árbitro (*Evandro Rogério Roman*). Está correto. A expulsão foi merecida. Fui fazer a falta para parar a jogada, que já estava perto da área. Foi forte, foi brusca, mas parte da imprensa está falando que o Coelho é um bandido, um criminoso. Muito pelo contrário, não sou um jogador violento", afirmou Coelho.

Coelho garante que não vai pedir desculpas a Kerlon, porque não o agrediu. "Ele tem habilidade, é a maneira que ele diz que tem de ir para cima e está dentro da lei, mas não tive a intenção de agredi-lo, que fique bem claro. Não cuspi, não bati em ninguém, nem pontapé", salientou.

O lateral-direito atleticano considera exagerada a repercussão da jogada, que além de sua expulsão, provocou um início de conflito entre alguns jogadores dos dois clubes. "Vi gente falar que eu tenho de ser preso, que sou um imbecil, um idiota. Todo mundo erra e eu errei. Imagina você escutar, ler e ouvir na TV com a sua filha e sua mulher. E minha filha pensando que meu pai é um criminoso por um lance faltoso", afirmou.

Coelho pediu às pessoas que se coloquem no seu lugar nas condições em que usou a força para parar Kerlon. "Se coloque no meu lugar, no calor do jogo, aos 40 minutos do segundo tempo, num tremendo clássico e com a nossa situação na tabela. Fiquei nervoso e o que passou para todos foi um tipo de provocação, mas a jogada é dele, não tenho nada com isso", disse.

O lateral-direito atleticano citou outros dois jogadores habilidosos e que, segundo ele, jogam com a bola no pé. "O Ronaldinho Gaúcho joga com a bola no pé, o Robinho, em 2002, aquilo sim é uma arte. Não estou falando que do Kerlon não é, mas foi a minha maneira de parar a jogada", comentou o jogador.

Em relação ao seu julgamento pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), Coelho disse que deixará a parte jurídica "nas mãos das pessoas certas para resolver".

²¹ Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/09/18/ult59u131040.jhtm>
Acesso em: 24/09/2007

4.4 Dorival Descarta Proibir Kerlon de Usar "Drible da Foca"²²

Terra.com.br
17/09/2007 – 14h40

O técnico do Cruzeiro, Dorival Júnior, afirmou, nesta segunda-feira, que não vai proibir o meia-atacante Kerlon de utilizar durante os jogos da equipe o "drible da foca".

O jogador se envolveu em uma polêmica no último domingo, no clássico contra o Atlético-MG, pelo Campeonato Brasileiro, quando executou o drible no fim do segundo tempo e sofreu uma falta violenta do lateral-direito Coelho, que foi expulso.

No "drible da foca", o meia-atacante Kerlon levanta a bola e controla ela com a cabeça, passando pelos adversários. "Kerlon usou de sua individualidade. Ele fez uma jogada aguda, em direção ao gol. Não vou pedir, de maneira nenhuma (para ele não fazer mais isso). É uma condição que ele tem. Já mostrou isso em outros momentos. Não vai perder isso nunca", comentou o técnico cruzeirense, em entrevista ao canal *SporTV*.

Dorival Júnior ainda lembrou-se de um famoso incidente para isentar Kerlon de qualquer culpa no lance do drible: as embaixadinhas do atacante Edílson em 1999, então no Corinthians, no clássico contra o Palmeiras, válido pela decisão do Campeonato Paulista.

"Acho que o Kerlon usou de uma qualidade que ele tem. Não foi provocativo, igual aconteceu com o Edílson. Se queremos ver espetáculo, isso é espetáculo. Ele não fez nada que desmerecesse o Atlético-MG. Ele faz isso em treinos também", acrescentou.

Caso seja interpretado que Coelho agrediu Kerlon no lance da falta, o atleticano pode ser punido por até 540 dias, de acordo com o procurador do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), Paulo Schmitt.

²² Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI1914652-EI8817,00.html>
Acesso em: 24/09/2007

4.5 Dunga Pede a Kerlon Que Faça Drible da Foca nas Derrotas²³

Silvio Barsetti

Estadão

20/09/2007 – 18h25

Para o técnico da seleção brasileira, esta é a única forma de acabar com a marca de provocação do lance

Dunga diz ser a favor da arte no futebol

RIO - Principal técnico do País por ser o comandante da seleção brasileira, Dunga falou sobre o polêmico lance envolvendo o atacante Kerlon, do Cruzeiro, e seu drible da foca no clássico do último domingo contra o Atlético Mineiro, no Estádio do Mineirão. Ele disse não ser contra, mas tenta dar um conselho ao jovem atacante, de 17 anos, para evitar mais problemas.

"Jamais vou me opor a jogadas técnicas e dribles. Só queria que fizesse quando estiver perdendo, para não soar como provocação. Cada um tem uma característica e essa é a forma dele. A única forma de pará-lo é no ombro a ombro", opina. Sobre a confusão com Coelho, que corre o risco de ser suspenso por 540 dias, ele é direto. "Faz parte do futebol, aconteceu."

Dunga não foi "vítima" do atacante cruzeirense porque parou de jogar antes de Kerlon se tornar profissional. Mas, nos tempos de jogador, como volante que era, sempre esteve sujeito a este tipo de problema. De lances, um famoso e mais recente foi o chapéu que tomou de Ronaldinho, então revelação e ainda no Grêmio, em seu último ano no Internacional. Em relação a confusões, Dunga sempre ficou marcado mais pelos problemas por discussões, até com companheiros.

²³ Disponível em: http://www.estadao.com.br/esportes/not_esp55056,0.htm
Acesso em: 24/09/2007

4.6 Empresário de Kerlon Ataca e Chama Emerson Leão de "Burro"²⁴

Folha Online
20/09/2007 - 14h54

O procurador do cruzeirense Kerlon, Mino Raiola, criticou o treinador Leão, do Atlético-MG, por causa das declarações, ao final do clássico mineiro no domingo. Na ocasião, o técnico disse que Kerlon estava se arriscando ao realizar o "drible da foca".

"Eu temo, num futuro, ele ficar fora muitos anos se um dia tomar um chute veloz e grave no rosto, para depois nunca mais jogar futebol. Torço para que isso não aconteça nunca. Mas ele está dentro do regulamento", disse Leão, após a partida.

Indignado, Mino Raiola defendeu o jogador e manifestou o interesse em entrar com uma ação judicial contra Leão. "Esse tipo de declaração estimula uma reação contra o jogador, que está só mostrando a sua arte para o público. Ele não faz isso para humilhar. Quem tem um pouco de inteligência percebe. Temos de proteger as jóias do futebol. Esse Leão é um burro, que nunca ganhou nada", declarou.

O alvo das críticas era mesmo Leão, que conquistou, por exemplo, como treinador, títulos como o Brasileiro-2002, pelo Santos, e o Paulista-2005, pelo São Paulo. Para o empresário, a falta de Coelho foi normal, mas a declaração do treinador foi "inadmissível".

²⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u330050.shtml>
Acesso em: 24/09/2007

4.7 Joel Santana Desaprova "Drible da Foca" de Kerlon²⁵

Terra.com.br
20/09/2007 – 17h08

Depois do zagueiro Luiz Alberto, do Fluminense, nesta quinta-feira foi a vez do técnico do Flamengo, Joel Santana, desaprovar a atitude do cruzeirense Kerlon, que durante o clássico do último domingo contra o Atlético-MG, realizou o que ficou conhecido como o "drible da foca".

Para o treinador, o atacante fez a jogada em um momento inadequado, quando seu time estava ganhando, e irritou os adversários, principalmente o lateral Coelho, que acabou expulso após falta dura no cruzeirense.

"Os dois jogadores erraram. Contra o Flamengo, o nosso time vencia por 3 a 1 e o Kerlon entrou. Ele não fez o drible. Naquele momento do jogo contra o Atlético-MG, ele estava errado de fazer aquilo", disse Joel.

"Se toda vez que o time dele estiver ganhando, ele colocar a bola na cabeça, será complicado. Ele não fez quando o time dele estava perdendo", completou o treinador.

Joel já havia sido julgado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva após ser flagrado por câmeras de televisão, na partida contra o Santos, na Vila Belmiro.

Na ocasião, o flamenguista mandava seus jogadores darem "porrada", caso os santistas comecem a abusar de jogadas de efeito.

"É o tipo de lance que incita a torcida. É bonito e legal para quem está ganhando. Nenhum jogador gosta de ver aquele tipo de lance quando está perdendo. Quem disser o contrário, está mentindo", afirmou o técnico.

²⁵ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI1925291-EI8817,00.html>
Acesso em: 24/09/2007

4.8 Zagueiro Luiz Alberto Defende Coelho e Diz que "Arregaçaria" Kerlon²⁶

Folha Online
19/09/2007 - 12h55

O zagueiro Luiz Alberto, ex-Santos, atualmente no Fluminense, defendeu o lateral-direito Coelho, do Atlético-MG, e disse que "arregaçaria" o cruzeirense Kerlon se este fizesse a jogada da foca em sua frente.

Coelho recebeu cartão vermelho do árbitro paranaense Evandro Rogério Roman, no clássico do último domingo, após uma entrada violenta no jogador Cruzeiro, quando este conduzia a bola com a cabeça em direção à grande área.

"Sei que o que eu vou falar pode me comprometer, inclusive com o STJD. Posso ser até punido. Mas vocês [jornalistas] podem publicar aí. Se eu estivesse no lugar do Coelho eu arregaçaria o Kerlon. Aquilo desrespeita os jogadores que estão do outro lado que também são profissionais", disse o jogador do Fluminense.

Na opinião de Luiz Alberto, se o Atlético-MG estivesse vencendo o clássico mineiro, Kerlon não teria feito a jogada. Perguntado sobre como tirar a bola do cruzeirense, o zagueiro disse que não saberia responder, mas assegurou que o cruzeirense não teria vida fácil.

"Eu teria que tirar a bola de alguma forma. Ele não iria passar por mim. Nem que eu tivesse que dar golpes de capoeira, pegasse cabeça, bola, tudo", afirmou.

²⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u329692.shtml>
Acesso em: 24/09/2007

4.9 Luiz Alberto se Arrepende do Termo "Arregaçar"²⁷

Terra.com.br
20/09/2007 – 14h13

O zagueiro Luiz Alberto, do Fluminense, se mostrou arrependido do tom usado nas declarações desta quarta-feira, quando afirmou que "arregaçaria" o meia-atacante Kerlon, caso o cruzeirense repetisse em sua frente o que ficou conhecido como "drible da foca".

Apesar de reconhecer que exagerou na afirmação, o jogador manteve a opinião, dizendo que considera que a atitude de Kerlon foi um desrespeito e que não aceitaria tal jogada se estivesse em campo como adversário. "Afirmo a verdade. É o que eu penso. Gostaria de retirar o termo arregaçar. Queria dizer (que daria) uma chegada mais dura", disse o zagueiro, em entrevista à *Rádio Brasil*.

"Eu não aceito (essa atitude). Sou profissional e isso que ele faz é tentar humilhar o adversário. Ele não precisa daquilo", disse o zagueiro.

O jogador, que agradeceu o fato de Fluminense e Cruzeiro não se enfrentarem mais nesse Campeonato Brasileiro, para não reacender a polêmica, justificou que jogadores mais talentosos e conhecidos que Kerlon não tiveram a mesma postura em campo.

"Se Maradona e Pelé faziam o simples, o feijão com arroz, como um projeto de jogador faz isso?", disse Luiz Alberto, referindo-se ao jovem jogador em tom provocativo.

No clássico do último domingo, entre Cruzeiro e Atlético-MG, o lateral-direito atleticano Coelho foi expulso no final da partida após entrada dura em Kerlon, no momento em que o jovem atacante aplicava o drible com seguidos toques de cabeça.

²⁷ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI1924674-EI8817,00.html>
Acesso em: 27/09/2007

ANEXO 5 REPORTAGENS DO CASO 5 – RICARDINHO E BERNARDINHO

5.1 Bernardinho Assume Responsabilidade Por Corte de Ricardinho do Pan²⁸

Uol.com.br
22/07/2007 - 00h41

O técnico da seleção brasileira de vôlei masculino, Bernardinho, disse que a decisão de cortar o levantador Ricardinho dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro partiu do treinador, por causa do "desgaste" da relação entre os dois.

Bernadinho afirmou também que a decisão foi tomada ainda na fase final da Liga Mundial, em Katowice, na Polônia.

"Depois de 40 dias longe da família é normal que a relação fique desgastada. Ele está estressado e este é um ano de pré-olímpico, então decidi poupá-lo", afirmou o treinador, após o treino da noite deste sábado no Maracanãzinho.

Com o corte de Ricardinho, o ponta Giba será o capitão da seleção no Pan. Marcelinho deve ser o levantador titular do Brasil na competição, e Bruninho, filho de Bernardinho, será a opção de banco.

Ricardino foi eleito o melhor jogador da Liga Mundial de vôlei desse ano, quando o Brasil conquistou seu sétimo título.

²⁸ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2007/07/22/ult1777u70063.jhtm>
Acesso em: 24/09/2007

5.2 Bernardinho Defende Corte de Ricardinho e Diz Que Grupo o Apóia²⁹

O Globo Online
14/08/2007 às 23h11m

RIO - O técnico Bernardinho se mostrou muito tranquilo nesta terça-feira ao responder as críticas do levantador Ricardinho, que se disse traído pelo corte da seleção brasileira de vôlei antes dos Jogos Pan-Americanos. Mesmo sem entrar em detalhes sobre o motivo da decisão, o treinador destacou que se mantém convicto de que fez a opção correta e que, se tivesse tomado uma atitude injusta, todo o grupo iria se rebelar e se colocar a favor do colega cortado.

- A minha posição é clara, com aval e o respeito dos jogadores, que entenderam que isso deveria acontecer. Não quero alimentar nada disso. Tenho a convicção de que fiz a coisa certa. Se eu tivesse feito uma coisa errada e injusta, o grupo não teria aceito. Jamais pensei em humilhar alguém, ainda mais uma pessoa tão importante como ele - disse Bernardinho, que não cogitou a possibilidade de convocar novamente o agora desafeto.

Ricardinho também critica os companheiros

Mais cedo, durante entrevista coletiva concedida em Maringá (PR), durante o lançamento do seu livro, 'Levantando a Vida', Ricardinho atacou os seus ex-colegas da seleção brasileira de vôlei, que segundo ele quebraram o pacto de irem juntos até os Jogos Olímpicos de Pequim. O jogador reclamou com os companheiros por não terem interferido no comunicado de Bernardinho sobre o corte.

- A idéia do pacto foi criada com o Giba, em 2004, que se ganhássemos o ouro olímpico, nós iríamos até Pequim. Esse pacto foi quebrado assim que eles deixaram eu sair de dentro daquela sala. A gente poderia ter resolvido ali dentro com os jogadores e a comissão técnica. Segurado uma semana a mais para que isso tudo não estivesse acontecendo - disse Ricardinho.

Ao falar sobre Bruno Rezende, filho de Bernardinho que foi convocado após seu corte, Ricardinho caiu em contradição. Primeiro, disse que Bruninho não tem um talento nato. Depois, disse que o filho do técnico é um jogador de talento. Mas depois criticou o treinador.

- Ele não poderia ter exposto o filho dele dessa forma - disse Ricardinho, referindo-se às vaias que Bruninho sofreu durante alguns jogos do Pan.

O levantador disse que é possível chegar à reconciliação com o treinador para voltar a jogar na seleção, mas condicionou seu retorno a um pedido de desculpas do técnico.

- Acho que ele deve explicações não só a mim, mas para todos os brasileiros. Não ficou claro o motivo do meu corte - disse.

E as queixas sobre Bernardinho não pararam por aí.

- Fui humilhado. O que me decepciona é o ponto a que ele (Bernardinho) chegou, de dizer que não me suportava. Me cortou em dez minutos, me humilhou, disse que eu estava passando dos limites, que eu só reclamava - afirmou. O jogador negou que discussões sobre a premiação da Liga Mundial fossem a causa de seu afastamento, mas disse que um episódio envolvendo o prêmio do título do Pan-Americano pode ter sido um dos motivos do corte. Em votação, os atletas decidiram não dividir a premiação com a comissão técnica.

- Votando, cada um levantando o dedo. A maioria venceu - lembrou.

²⁹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2007/08/14/297272365.asp>
Acesso em: 24/09/2007

O levantador relata que Giba foi o responsável por levar a decisão à comissão, mas crê que Bernardinho pode ter achado que o movimento foi conduzido por Ricardinho, capitão da equipe. A biografia de Ricardinho, "Levantando a Vida", foi escrita pelo jornalista Luiz Carlos Ramos e lançada pela editora Dental Press. No último capítulo, o jogador conta sua versão do corte.

- Estava preocupado com o livro terminar com uma coisa feia, mas não queria dissociar algo alegre de uma das maiores decepções da carreira. Tinha de contar a versão verdadeira, sem ser negativo.

5.3 Bernardinho Desabafa e Diz que País Precisa de Exemplo³⁰

Allen Chahad e Celso Paiva

Terra.com.br

29/07/2007 - 00h17

Jogadores avisam Ricardinho que ele jogará Olimpíada de Pequim

O técnico da Seleção Brasileira masculina de vôlei, Bernardinho, desabafou após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, neste sábado. Muito questionado pelo corte do levantador Ricardinho pouco antes do torneio, ele disse que o País precisa de bons exemplos

"É a última vez que vou falar sobre esse assunto. Foi uma semana dura. Mais importante do que uma medalha, é importante manter os princípios. E no nosso País costuma-se chutar os princípios", disse o treinador, visivelmente emocionado.

Ricardinho se apresentou com atraso ao grupo que disputou o Pan. Ao chegar na capital fluminense, teve uma reunião com a comissão técnica e os jogadores. Acabou cortado, segundo Bernardinho, porque a relação do jogador com o grupo estava desgastada e precisava de um tempo.

O levantador ficou magoado e chegou a dizer que se sentia traído. Durante os Jogos, meios de comunicação divulgaram que o corte de Ricardinho estaria relacionado a um problema de divisão de prêmios em dinheiro após a conquista da Liga Mundial.

"Fui chamado de autoritário, mercenário... Disseram que cometi atos de nepotismo (por ter convocado o filho Bruno Rezende para a vaga de Ricardinho). Cabe apenas uma pergunta. Se tivesse tomado uma atitude incorreta, os 12 jogadores teriam aceitado? Essa equipe está dando um exemplo para o País. É um País que precisa disso", disse o treinador.

O capitão da equipe, Giba, fez questão de apertar a mão do treinador para demonstrar seu apoio. Em seguida, pediu a palavra. "O Bernardo tem o apoio do grupo. A decisão é dele. Ele é o treinador. Fizemos no pódio uma homenagem (ao Ricardinho) porque ele ajudou a formar essa família. Mas isso não muda nada a decisão tomada pelo treinador".

Reconciliação

Apesar de deixar claro que não se arrepende pelo corte de Ricardinho, Bernardinho avisou que a meta agora na Seleção é acertar os ponteiros. A expectativa é que o melhor jogador da Liga Mundial esteja presente nas próximas convocações da Seleção Brasileira.

"O próximo passo é o da reconciliação, do crescimento", resumiu o treinador, que, polêmica à parte, comemorou bastante a vitória diante da torcida, no Maracanãzinho. Na única grande competição no Brasil sob seu comando, a equipe havia perdido a final da Liga Mundial de 2002 para a Rússia, em Belo Horizonte.

³⁰ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/panamericano2007/interna/0,,OI1793498-EI8332,00.html>
Acesso em: 24/09/2007

5.4 Vôlei: Giba e Gustavo Apóiam Bernardinho no Episódio do Corte de Ricardinho³¹

Yahoo.com.br
16/08/2007 - 06h37

Os jogadores da seleção brasileira masculina de vôlei concederam entrevista coletiva nesta quinta-feira no Centro de Treinamento da CBV, em Saquarema (RJ), onde se preparam para a disputa do Sul-Americano em setembro, no Chile, classificatório para a Copa do Mundo, em novembro, no Japão, onde estarão em jogo três vagas para os Jogos Olímpicos de Pequim/2008. Giba e Gustavo apoiaram a decisão do técnico Bernardinho no episódio do corte do levantador Ricardinho, antes do Pan-Americano.

Os jogadores decidiram se manifestar após as declarações de Ricardinho na quarta-feira, em Maringá, onde lançou o seu livro. O levantador se disse magoado com o grupo, que não o teria apoiado, e com isso quebrado o pacto entre eles de irem a Pequim tentar nova medalha de ouro. Bernardinho está em Manaus com a seleção de novos, que disputa a Copa América, e mandou um vídeo falando sobre o episódio do corte.

O ponteiro Giba, que assumiu o posto de capitão depois do corte de Ricardinho, defendeu a decisão de Bernardinho: "Faz três noites que eu não durmo me questionando: Era a hora certa ou não era a hora certa? Eu, como o Bernardo, achei que a hora certa era essa". Apontado como um dos grandes amigos de Ricardinho na seleção, Giba acredita que as afirmações do levantador não correspondem realmente ao que ele pensa e, por isso, aposta que o pacto de manter o grupo até as Olimpíadas de Pequim está mantido. "Conhecendo o Ricardo do fundo do coração, acho que nada esteja quebrado para ele. Ele está com a cabeça quente, chateado, magoado. É aquele negócio: o animal acuado é o pior bicho que tem."

"Eu lamento que o lançamento do livro do Ricardo foi usado para trazer à tona mais uma vez o problema, sem nenhum fato novo, simplesmente tentando gerar um interesse ainda maior. Acho que ele está sendo mal orientado por pessoas que conhecem pouco o nosso trabalho, a nossa história", disse Bernardinho, acrescentando: "Também lamento muito o fato de ele, de certa forma, renegar esse grupo que está junto há sete anos, a chamada família, que tem os seus problemas, como tem umas série de qualidades e uma trajetória fantástica. Ele foi um dos construtores, um dos pilares desta família. É uma grande decepção, mas ele sabe os motivos da minha decisão".

Já o meio-de-rede Gustavo Endres sugeriu um encontro de todo o grupo para resolver o problema. "(Depois do corte) O Bernardo perguntou se era a hora certa e ninguém soube responder. Ninguém sabia se era para ser antes do Pan, antes da Liga, antes de Pequim... Estamos com uma dúvida muito grande, mas apoiamos a decisão do Bernardo, sentindo a falta do Ricardo. O que queremos é que isso se resolva de uma vez. Ou ele aqui conosco ou ele fora. Temos é que fazer uma reunião entre todos para que isso se resolva. Acho até que deve ser com ele junto".

³¹ Disponível em: <http://br.esportes.yahoo.com/16082007/38/esportes-volei-giba-gustavo-apoiam-bernardinho-no-episodio-corte-ricardinho.html>

Acesso em: 24/09/2007

5.5 Jogadores Admitem Que Corte de Ricardinho Dividiu o Grupo³²

Bruno Lousada

Estadão

16/082007 – 19h48

Em entrevista coletiva, time assume desconforto com declarações polêmicas do levantador contra Bernardinho

Depoimento gravado de Bernardinho é exibido durante a entrevista coletiva da seleção brasileira

RIO - O corte do levantador Ricardinho, pouco antes da disputa dos Jogos Pan-Americanos do Rio, em julho, dividiu a seleção mais vitoriosa da história do vôlei brasileiro. Quem revelou o problema foi o meio-de-rede Gustavo, um dos mais experientes do grupo, durante uma entrevista coletiva com todos os jogadores, nesta quinta-feira, no centro de treinamento da CBV em Saquarema (RJ).

"A gente não esperava que esse corte fosse tomar uma dimensão tão grande. Ficamos sentidos por ele (Ricardinho), mas apoiamos a decisão do técnico (Bernardinho). Porém, estamos muito divididos", admitiu Gustavo.

Num primeiro momento, somente o atacante Giba falaria sobre o caso Ricardinho na entrevista coletiva desta quinta-feira. Por determinação da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), ele faria apenas um rápido pronunciamento e não responderia a nenhuma pergunta em relação ao assunto. Mas os jornalistas presentes reclamaram do procedimento, que acabou sendo revisto.

Assim, André Heller, Dante, Serginho, Gustavo, Giba, Anderson, Marcelinho, André Nascimento e Rodrigão participaram da entrevista coletiva. Eles estão treinando em Saquarema para a disputa do Campeonato Sul-Americano, que acontecerá no começo de setembro, no Chile - enquanto isso, o técnico Bernardinho, com uma seleção renovada, participa da Copa América, em Manaus.

Giba e Gustavo falaram bastante durante a entrevista coletiva. E o levantador Marcelinho ainda deu algumas declarações sobre a responsabilidade de assumir o posto de Ricardinho na equipe. Os demais jogadores se calaram. "A família Bernardinho não acabou", garantiu Gustavo, num recado para Ricardinho, que disse o contrário durante uma entrevista na última terça-feira.

Amigo de Ricardinho, com que já falou várias vezes por telefone após o corte no Pan, Giba estava visivelmente nervoso durante a entrevista desta quinta-feira. Mas negou qualquer problema de premiação para explicar o afastamento do levantador. "Tudo em relação a dinheiro é discutido no início do ano, antes de qualquer competição", explicou.

Sobre o fato de o Ricardinho ter quebrado o pacto de seguir jogando com ele na seleção até a Olimpíada de Pequim, em 2008, Giba respondeu: "Não acredito nisso. Ele está chateado, de cabeça quente e vem sendo mal assessorado."

Giba, no entanto, demonstrou arrependimento por ter deixado Ricardinho sair da sala após a reunião com Bernardinho, na qual foi comunicado o corte do levantador. "Hoje, tomaríamos uma posição diferente", admitiu.

Ele também lembrou que Bernardinho chegou a questionar se tinha sido a hora certa para cortar Ricardinho - segundo Giba, o treinador ficou três noites sem dormir por conta do episódio. "Até hoje ninguém soube responder se foi o momento correto ou não para cortá-lo. A gente ainda está em dúvida sobre isso, mas apóia a decisão do técnico e sente falta do Ricardinho", avisou Gustavo.

Depoimento

³² Disponível em: http://www.estadao.com.br/esportes/not_esp36042,0.htm
Acesso em: 24/09/2007

Mesmo em Manaus, Bernardinho também participou da entrevista coletiva em Saquarema. Através de uma mensagem exibida num laptop, o treinador lamentou o fato de Ricardinho ter renegado a "família" que ele próprio ajudou a construir.

"Estou desiludido. Qualquer passo para a reconciliação será sempre bem vindo. Mas é difícil a aproximação de uma pessoa que diz que tudo foi planejado", disse Bernardinho.

Drama

De qualquer maneira, a seleção exige uma rápida definição sobre o caso. Seja pelo retorno de Ricardinho ou pelo seu corte definitivo. Os jogadores já dão sinais de que não agüentam mais o desgaste causado pelo episódio. E temem que isso atrapalhe o time nas próximas competições.

"A gente quer colocar um ponto final nisso aí", afirmou Giba. O grupo até sugeriu fazer uma reunião em breve, com a presença de Ricardinho e Bernardinho, para tentar resolver de vez o problema. E, quem sabe, acabar com a divisão na seleção.

5.6 Magoados com Ricardinho, Jogadores da Seleção Ficam do Lado de Bernardinho³³

O Globo Online
16/08/2007 às 17h28m

RIO - A declaração do levantador Ricardinho de que não acredita mais na "família Bernardinho" irritou os jogadores da seleção, que estão se preparando em Saquarema para o Sul-Americano de vôlei. Nesta quinta-feira, os atletas deram uma entrevista coletiva em que tentaram, mais uma vez, esclarecer o episódio do corte do levantador. O meio-de-rede Gustavo disse que o grupo ficou magoado com Ricardinho, e Giba, capitão da equipe e melhor amigo do levantador, saiu em defesa do técnico, no episódio Ricardinho x Bernardinho. De Manaus, onde comanda uma seleção de novos na Copa América, o treinador mandou um vídeo onde afirma que acha difícil uma reconciliação com Ricardinho.

- Fomos pegos de surpresa mas não temos como negar que há motivos para tudo o que aconteceu. Foi uma decisão tomada pela comissão técnica e comprovamos no Pan que estávamos do lado deles. Acho que o Ricardo está mal assessorado - disse.

Um dos mais abatidos durante o Pan pelo corte do levantador, Gustavo disse que a declaração de Ricardinho de que não acredita mais na "família Bernardinho" deixou o grupo magoado:

- É a opinião dele. Para nós nada acabou. A família continua. Acho que estamos magoados com as declarações dele. A conversa geral aqui é que ele falasse pelo menos uma palavra indicando que queria voltar a fazer parte desse grupo - disse.

O meio-de-rede, no entanto, revelou que a seleção ganhou a medalha de ouro no Pan com um grupo dividido.

- Nós ficamos muito divididos. Óbvio que jogamos nosso melhor no Pan porque tínhamos que jogar. Amanhã ou depois o Gustavo não está aqui, o Giba não está aqui ou outros não estão mais aqui e a seleção brasileira continua. Estávamos bastante divididos, surpresos - contou.

Bernardinho acha difícil a volta do levantador

No vídeo, o técnico Bernardinho diz que é a última vez que toca no assunto "Ricardinho". O treinador garante que as portas da seleção estão abertas, mas acha difícil a volta do levantador, após as declarações de que se sentiu humilhado e traído pela decisão de Bernardinho.

- Queria que fosse a última vez em que tocássemos nesse assunto. Lamento muito o fato de ele, de certa forma, renegar esse grupo que está junto há sete anos, a chamada família, que tem os seus problemas, como tem umas série de qualidades e uma trajetória fantástica. Lamento que ele tenha renegado isso tudo. Ele foi um dos construtores, um dos pilares desta família - disse Bernardinho.

Sem revelar os motivos do corte, Bernardinho diz que o levantador sabe o que o levou a tomar essa decisão.

- Ele sabe os motivos da minha decisão. Uma série de coisas que nos afastaram cada vez mais daqueles que eram nossos princípios, que são essenciais para o nosso trabalho. Uma conduta não condizente com aquilo que nós acreditamos que deve ser a nossa conduta dentro do nosso projeto - afirmou.

Bernardinho, no entanto, diz que está aberto à uma reaproximação com o jogador.

- Qualquer passo, qualquer sinal no sentido de uma reaproximação será sempre bem vindo. Mas é difícil você querer se reaproximar quando as pessoas te acusam de ter programado, planejado. Coisas que jamais aconteceram. Volto a

³³ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2007/08/16/297297231.asp>
Acesso em: 24/09/2007

dizer: Nós temos agora é que focar no trabalho - concluiu.

Para Giba, que fez o pacto com Ricardinho de jogar até as Olimpíadas de Pequim-2008, o levantador ainda vai voltar para a seleção.

- Conhecendo o Ricardo, acho que nada esteja quebrado, pois foi ele quem começou com isso. Ele que falou comigo antes da final de Atenas: "Vamos ganhar de novo. Vamos ganhar as Olimpíadas novamente, pois assim seremos o único time do mundo a ganhar duas Olimpíadas e dois mundiais consecutivos". E nisso a gente foi conversando e todos foram abraçando essa idéia. E estamos aqui hoje. Com 100% de aproveitamento, faltando um, faltando o outro, mas enfim, o grupo se mostrou mais do que nunca uma família - acredita.

Para finalizar, o técnico disse que espera continuar construindo e mantendo uma base sólida na seleção, a chamada "Família Bernardinho", criticada por Ricardinho.

- A minha vontade é construir algo ainda mais forte no futuro, acreditando num projeto coletivo e querendo dar a mão aos que estiveram sempre conosco nesses anos todos, mantendo a nossa crença de que nossos problemas sejam resolvidos internamente, para que daqui a 10 anos possamos nos reencontrar, celebrando as relações. Não só as conquistas que tivemos, mas as relações que nós construímos.

5.7 Ricardinho do Vôlei Fora do Pan-Americano³⁴

Melhor Jogador da Liga Mundial, Capitão Será Substituído por Bruninho, Filho do Técnico

Carol Oliveira

Globoesporte.com

21/07/2007 - 21h47 - Atualizado em 22/07/2007 - 02h48

O levantador Ricardinho, capitão da seleção brasileira de vôlei, está fora dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, como antecipou o GLOBOESPORTE.COM. A CBV e o técnico Bernardinho mencionaram cansaço e estresse do jogador como razões para o corte. Ricardinho, no entanto, em entrevista ao programa "Momento Pan", do SporTV, deu outra versão

Ele disse ter enfrentado problemas de relacionamento e que seu corte teria sido decidido enquanto a seleção ainda estava na Europa. O jogador, eleito o melhor da última Liga Mundial, será substituído por Bruno Rezende, o Bruninho, filho de Bernardinho e da ex-jogadora Vera Mossa.

CBV

Ricardinho: melhor do mundo fora do Pan

Ricardinho - que para o canal a cabo "ESPN" disse estar se sentindo traído, afirmando também não ter alegado cansaço, muito menos ter pedido dispensa - não escondeu a decepção com a decisão de Bernardinho, mas garantiu que tudo ficará para trás muito rapidamente.

- Tenho muito respeito pelo Bernardinho, é um cara que eu amo e com quem aprendi muito. Foi ele quem me ensinou, foi ele quem me cortou. Mas a decisão foi dele, por isso apenas ele pode responder, dizer por que fui cortado. Estou muito triste, sofrendo sozinho dentro de um quarto de hotel, enquanto espero aquilo que mais amo, a minha família. Mas vou encarar e matar no peito, porque sou profissional. Sou o Ricardinho, o Gênio Indomável.

A notícia do corte foi confirmada pelo presidente da CBV, Ary Graça, por volta das 23h15m (de Brasília) deste sábado. Mais tarde, Bernardinho, em entrevista coletiva após o treino da seleção no Maracanãzinho, confirmou que o corte já estava decidido, mas preferiu, por respeito ao atleta, esperar sua chegada ao Rio para lhe dar a notícia pessoalmente, o que foi feito em reunião neste sábado. A decisão, segundo o técnico, foi tomada pensando no bem do grupo, e as portas da seleção estão abertas para a volta do levantador no futuro (confira ao lado a íntegra da entrevista de Bernardinho).

- Conversei com ele e toda a equipe longamente. Disse o que pensava, e que ele (Ricardinho) precisava dar um tempo. Ele saiu magoado com a decisão, mas eu não podia jamais comunicar por telefone que ele não precisaria vir - explica.

O treinador alega que Ricardinho estava muito estressado após a Liga Mundial e precisava descansar.

- É uma perda grande, é um cara que faz a diferença, mas as decisões precisam ser pesadas. Foi realmente um estirão grande entre Canadá, Finlândia, Polônia e, depois da nossa volta caótica, o cansaço era grande. Ele, particularmente, ficou muito estressado e nós achamos por bem poupá-lo disso tudo.

A ausência de Ricardinho já vinha sendo notada nos treinos da seleção. Até agora, o técnico Bernardinho vinha culpando o caos aéreo pela ausência do levantador.

GLOBOESPORTE.COM

³⁴ Disponível em: <http://pan2007.globo.com/PAN/Noticias/0,,MUL74872-3882,00.html>
Acesso em: 24/09/2007

O levantador Bruninho é o substituto

Bruninho, filho do treinador, foi eleito o melhor levantador da Superliga 2006/07, mas a mudança não deixa de ser um baque para a equipe que acaba de conquistar o heptacampeonato da Liga Mundial de Vôlei. Ricardinho é considerado por muitos o melhor do mundo em sua posição e principal responsável pela velocidade do ataque brasileiro.

5.8 Ricardinho se Vê Fora da Seleção de Vôlei³⁵

GloboEsporte.com

14/08/2007 - 14h47

Cortado às vésperas da estréia da seleção no Pan-Americano, Ricardinho rompeu o silêncio que mantinha desde a decisão de Bernardinho. Magoado, o levantador, que lança nesta terça-feira a biografia "Levantando a vida, a história de um campeão chamado Ricardinho", revelou que só voltará à equipe verde-amarela se for procurado pelo treinador.

- Eu me vejo fora da seleção brasileira. Fui cortado e tenho que respeitar a decisão. Não tive conversa nenhuma. Se o patrão te mandar embora, você vai procurá-lo depois? Ele é o técnico. Então, ele é quem tem que pensar se eu vou ajudar ou não e me ligar. Ele diz que as portas estão abertas, mas fica parecendo slogan. Não tem cabimento eu ligar. Foi uma facada, um rasgo que se abriu - afirma, em entrevista ao jornal "O Dia".

Em tom amargo, Ricardinho disse ainda que a discussão pelo prêmio da Liga Mundial não foi o motivo do corte. Para o atleta, uma das causas foi a decisão de não dividir o dinheiro ganho após a conquista do ouro no Pan (R\$ 1,2 milhão), uma opção que, segundo ele, foi de todo o grupo. O levantador reconheceu que a relação com Bernardinho estava cada vez pior, mas, na sua opinião, isso não justifica a sua saída da equipe.

- Tivemos discussões por folga, premiação, mas nada que não tivéssemos passado nos últimos sete anos. É estranho. Ele diz que não seria tão burro em me cortar. Não vou dizer que é burrice, mas acho que ele pode errar. E errou.

Ressentido, Ricardinho não acredita mais na "família Bernardinho". Em entrevista exclusiva ao GLOBOESPORTE.COM, Giba revelou que tentaria trazer o amigo de volta, pois este já pensava em se despedir da seleção. Porém, a mágoa pelo corte é tanta que levantador, eleito o melhor do mundo após a conquista do heptacampeonato da Liga Mundial, garantiu: nem a homenagem feita por seus companheiros durante a festa no pódio pan-americano foi capaz de diminuir a sua desilusão. Na ocasião, a seleção levou uma faixa, na qual lembrava o pacto do grupo de seguir unido até as Olimpíadas de Pequim.

- Acredito que o pacto foi rompido quando eu saí daquela reunião no dia em que fui cortado - diz, em alusão à reunião em que Bernardinho anunciou sua decisão e surpreendeu a equipe faltando apenas dois dias para a estréia no Pan.

Apesar de assegurar que está pronto para dar adeus à seleção, Ricardinho não conseguiu esconder a decepção por ter ficado fora da convocação para o Sul-Americano, um sinal de que a polêmica com Bernardinho está longe do fim. Enquanto seus colegas treinam para a competição no CT de Saguarema, o levantador arruma as malas para voltar à Itália, onde se apresenta ao Modena na semana que vem.

- O meu ciclo praticamente se encerrou. A ferida está aberta e inflamada e não sei se vai cicatrizar. Hoje, digo que não tenho condições de encarar uma semana de treinos com a comissão técnica - conta o atleta.

³⁵ Disponível em:

http://gazetaonline.globo.com/esporteonline/volei/volei_materia.php?cd_matia=341780&cd_site=889

Acesso em: 24/09/2007

5.9 Em Nota, Bernardinho Pedre "Próximo Passo" a Ricardinho³⁶

03/10/2007 – 11:22

Terra.com.br

Em nota oficial divulgada nesta quarta-feira pela Confederação Brasileira de vôlei (CBV), o técnico Bernardinho disse que o próximo passo será o de Ricardinho, caso ele queira defender a equipe verde e amarela na Copa do Mundo do Japão, em novembro.

"A inscrição do levantador Ricardinho entre os 19 pré-relacionados para a Copa do Mundo indica que estamos dando um passo rumo ao entendimento", diz a nota.

"Jamais questionamos sua capacidade técnica e mantemos, sim, as portas abertas para o atleta na Seleção Brasileira. Agora, o próximo passo terá de ser dele: se fizer uma retratação ao grupo e mostrar-se disposto a seguir as regras e rotinas planejadas, ele será convocado. Caso contrário, se não houver uma movimentação do Ricardinho nesse sentido, ele não será convocado", completou o treinador.

Após a Liga Mundial, às vésperas do Pan-Americano deste ano, Bernardinho alegou desentendimentos com Ricardinho e afastou o levantador do grupo que disputou os Jogos do Rio de Janeiro. Depois disso, não houve reconciliação entre os dois e o jogador ficou de fora da Copa América e do Sul-Americano.

³⁶ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/interna/0,,OI1959774-EI2238.00.html>
Acesso em: 03/09/2007

ANEXO 6

REPORTAGENS DO CASO 6 – ZIDANE

6.1 Após a Copa, Zidane se Torna Um Herói Imigrante³⁷

Julio Godoy

Myglobal.org

17/07/2006

A posição do jogador Zinedine Zidane, de origem argelina, aumentou entre muitos imigrantes na França depois que derrubou o italiano Marco Materazzi com uma cabeçada na final da Copa do Mundo, em Berlim, no último dia 9.

Para os que justificam essa atitude diante de supostos insultos racistas do jogador italiano não importa, inclusive, o fato de a expulsão de Zidane ter custado á França o título mundial (segundo jornalistas esportivos).

Zidane, jogador do Real Madrid, também conhecido pelo apelido de Zizou, já era um herói imigrante desde que liderou a seleção francesa rumo à vitória no Mundial de 1998. Muitos jornalistas o consideram o melhor jogador do mundo dos últimos 15 anos. “Zizou é meu herói”, disse Jimmy, de 18 anos, morador em Saint Denis, uma área de Paris de predomínio imigrante. “Punir as ofensas dos medíocres sempre foi tarefa dos homens de honra”, afirmou. Fred, outro rapaz do mesmo bairro, disse que “a cabeçada de Zidane o coloca à frente de outras estrelas do futebol”.

Os dois jovens de origem árabe insistiram em dizer que os insultos devem ser castigados com violência. “É uma questão de honra”, disse Jimmy. “Ainda mais se o italiano o insultou com comentários racistas”. Zidane é filho de bereberes argelinos radicados na França em meados dos anos 60. Nasceu em 1972 em La Castellane, distrito pobre de maioria imigrante da cidade de Marselha, no Mediterrâneo, onde o desemprego passa dos 50%. Sua expulsão na final da Copa do Mundo significou para muitos torcedores um final desonroso para sua carreira. Ele mesmo havia anunciado que a final contra a Itália seria o último jogo de sua vida esportiva.

O momento mais controvertido para Zidane chegou aos 109 minutos, quando Materazzi pronunciou um insulto que o público não pôde ouvir. Depois, o jogador italiano afirmou que o astro francês havia sido “extremamente arrogante” com ele, e que apenas havia feito um comentário do tipo dos que “são repetidos muitas vezes durante um jogo de futebol”. Entrevistado pela televisão francesa, Zidane não contou o que disse Materazzi. Apenas afirmou que o italiano proferiu “palavras muito insultantes, que me ofenderam no mais íntimo de meu ser”. Porém não esclareceu se foram comentários racistas. “Teria preferido que me batesse no rosto”, acrescentou o jogador francês.

Jornalistas e jogadores da França criticaram Zidane. O jornal esportivo L'Equipe lhe escreveu uma carta aberta na qual perguntaram: “Como vamos explicar seu ato aos nossos filhos, que tanto o admiram?”. A reação de Zizou foi considerada pouco profissional pelo zagueiro Anther Yahia, que joga no clube Nice e que, apesar de ter nascido na França, defende a seleção da Argélia, país de seus pais. “Há centenas de insultos por jogo, e nossa responsabilidade como profissional é permanecer calmo, não reagir. De outro modo, você perde e sua equipe também”, afirmou.

Mas em uma carta ao jornal Libération, a leitora Marie Umurerwa, que se identificou como “uma mãe”, descreveu o gesto de Zidane como “uma reação humana que me leva a admirá-lo mais do que nunca”. Entretanto não são apenas os imigrantes que o defendem. O professor universitário e músico de jazz, Francis Marmande, disse que “a brutalidade de Zidane o torna mais comovedor”. A diretora de teatro Claire Lasne escreveu no Libération que a cabeçada de Zidane “colocou a dignidade de nosso povo e a sua própria mais acima de um prêmio que é oferecido aos que permanecem tranqüilos” diante dos insultos. “Longa vida a Zidane!”, afirmou.

Três músicos parisienses se apressaram em gravar uma canção que em determinado trecho diz: “Zidane o acertou,

³⁷ Disponível em: <http://www.mwglobal.org/ipsbrasil.net/nota.php?idnews=1961>
Acesso em: 25/09/2007

Zidane o atacou, e nós nos divertimos muito”. A ampla divulgação nas rádios acelerou o sucesso desta música. “Quando escrevemos ‘Zidane acertou’ queríamos apenas consolar, a nós e aos nossos amigos, pela derrota diante da Itália, e fazer as pessoas dançarem”, disse à IPS Sébastien Lipszyc, um dos autores. “Se agora ganhamos dinheiro com a música, muito melhor”. Outras pessoas lembram outros momentos de violência que marcaram a carreira de Zizou. O documentário “Zidane, um retrato do século 21” termina com sua expulsão em uma partida do campeonato espanhol, onde defendeu até este ano o Real Madri.

Guy Lacombe, diretor técnico da escola de futebol onde Zidane estudou em meados dos anos 80, contou que, nessa época, era comum mandar que o jogador limpasse os banheiros da instituição como castigo por suas explosões de violência. “Zidane passou muitas semanas limpando banheiros”, lembrou. A ira que se apoderou do astro francês na final da Copa do Mundo revelou mais do jovem Zidane para Ayoub Argoubi, um rapaz de 17 anos de La Castellane, terral natal de seu ídolo. “A cabeçada em Materazzi mostra que, apesar de tudo o que passou desde sua juventude, continua sendo um dos nossos”. (FIN/2006)

6.2 Blatter Diz Que Zidane Pode Perder Bola de Ouro³⁸

Tribunadecianorte.phx.com.br

Arquivo - Copa 2006

A cabeçada que Zinedine Zidane deu no zagueiro italiano Marco Materazzi pode lhe tirar o prêmio de Bola de Ouro da Copa do Mundo. Quem afirmou, nesta quarta-feira, foi o presidente da Fifa, Joseph Blatter. A entidade abriu investigação em torno do incidente ocorrido na final do Mundial

"Nosso comitê executivo tem o direito e o dever de intervir quando nota um comportamento contrário à ética do esporte", disse o suíço ao diário italiano La Repubblica. "Mas antes de tomar qualquer decisão, precisamos esperar o resultado deste processo."

O meia francês Zinedine Zidane pediu desculpas nesta quarta-feira pela sua agressão no zagueiro italiano Marco Materazzi na final da Copa do Mundo. Entretanto, o jogador declarou que "não se arrepende da cabeçada". "Não posso lamentar meu gesto porque isso mostraria que ele teve razão ao dizer tudo aquilo. Não posso dizer isso. Não basta punir somente a reação", justificou.

De acordo com Zidane, Materazzi teria dito "duas ou três palavras muito duras" com insultos a sua mãe e a sua irmã. O meia ressaltou que o zagueiro italiano é o principal culpado pelo episódio. "Se não há uma provocação, não pode haver uma reação. É necessário castigar o verdadeiro culpado e o culpado é ele, que provocou. Vocês acham que numa final de Copa do Mundo, quando faltam dez minutos para minha aposentadoria, eu faria um gesto desses porque me causa prazer?", enfatizou o meia.

O francês foi expulso no segundo tempo da prorrogação na final da Copa do Mundo. Na ocasião, a Itália venceu na decisão nos pênaltis e conquistou o tetracampeonato. Na terça-feira, Materazzi chamou o jogador de "arrogante" e admitiu ter agredido verbalmente o meia francês.

³⁸ Disponível em: <http://www.tribunadecianorte.phx.com.br/noticia/727>
Acesso em: 25/09/2007

6.3 Cabeçadas³⁹

Mário Negreiros

Jornaldenegócios.pt

11/07/2006

Na final eu estava pela França. Por duas razões: preferia que Portugal tivesse sido tirado da final pela campeã e não pela vice-campeã e, mais do que isso, admirador confesso de Zidane, queria que ele tivesse uma despedida em grande.

Mas grande foi a asneira e eu virei casaca. Fiquei pela Itália. Terminado o jogo, não fiquei nada satisfeito – nem com a vitória da Itália nem com a derrota de França, e menos ainda com a ausência de Zidane.

No momento em que escrevo ainda não há notícias credíveis sobre o que terá levado Zinedine Zidane a perder a cabeça – ou, mais precisamente, a fazer dela ponta de ariete. O máximo que consegui saber até agora foi que um primo argelino de Zidane disse à Associated Press que o capitão da selecção francesa teria sido chamado de «terrorista» pelo italiano Marco Materazzi.

Mas a AP não chegava a esclarecer como o primo tinha vindo a saber daquilo, se teria ouvido do próprio Zinedine ou se teria sido só mais um palpite, com a única e discutível vantagem de ser palpite de primo. É pouco. Mas, nos tempos que correm, é verosímil.

Os preconceitos sempre foram ótimos alimentos para agressões verbais. Essencialmente estúpidas (se os terroristas eram argelinos, os argelinos são terroristas, logo, Zidane é terrorista), as agressões forjadas no preconceito são sempre verbalmente irrespondíveis. Compreendo perfeitamente que se perca a cabeça diante de uma agressão forjada no preconceito. E, reconhecendo que Zidane sempre se marcou pela elegância em campo e por uma calma que chegava à beira da frieza, admito perfeitamente que o que o levou a agir como agiu tenha sido coisa diante da qual eu fosse capaz de atitude ainda mais estúpida.

Sem saber o que antecedeu a cabeçada de Zidane, dou-lhe o benefício da dúvida, ou melhor, da convicção profunda de que Materazzi terá colhido o que, deliberadamente, plantou, e de que na noite de domingo, muito mais terá doído o peito de Zidane do que o de Materazzi. E, se o condeno, muito mais do que pela cabeçada é por ter chegado a esboçar (pouco, reconheça-se) algum protesto contra a expulsão. O que havia a fazer, numa situação como aquela, era nem esperar pelo cartão vermelho, antecipar-se ao árbitro, pedir-lhe desculpas, e ao público e aos companheiros, e sair.

PS: É curiosa a coincidência de Zidane e Figo – os dois Senhores do futebol – terem usado, literalmente, a cabeça para agredir os seus adversários neste Mundial. Honra lhes seja feita pela frontalidade. Menos mal do que dar coices, como Rooney.

PPS: Vou comprar um capacete. É para encher de cabeçadas cada carro que vir no meu caminho, em cima do passeio. Não-de compreender-me.

³⁹ Disponível em:

http://www.jornaldenegocios.pt/default.asp?Session=&SqlPage=Content_Opiniao&CpContentId=279104

Acesso em: 25/09/2007

6.4 FIFA Suspende Zidane e Materazzi Por Cabeçada⁴⁰

Mark Ledsom

Anoticia-to.com.br

20/07/2006 – 17h35

ZURIQUE (Reuters) - O ex-capitão da seleção francesa, Zinedine Zidane, e o zagueiro italiano Marco Materazzi foram multados e suspensos pela Fifa, nesta quinta-feira, após a cabeçada que o francês deu no adversário no incidente que marcou a final da Copa do Mundo, no dia 9 de julho.

Zidane, que já se aposentou como jogador, foi multado em 7.500 francos suíços (aproximadamente 6 mil dólares) e suspenso por três partidas pelo Comitê Disciplinar da Fifa, devido ao cartão vermelho que recebeu por dar a cabeçada no peito de Materazzi.

Como ele não é mais um jogador profissional, concordou em realizar três dias de serviços comunitários para a Fifa no lugar da suspensão.

O zagueiro italiano, que admitiu ter insultado Zidane, provocando a cabeçada do francês, recebeu duas partidas de suspensão e foi multado em 5.000 francos suíços (aproximadamente 4 mil dólares).

A suspensão vale apenas para partidas oficiais de seleções, mesmo sendo uma punição simbólica, pois Zidane confirmou que não tem a intenção de reverter sua decisão de se aposentar.

A Fifa disse em comunicado: "Zinedine Zidane também concordou em fazer trabalho comunitário com crianças e jovens. Como Zidane agora se aposentou do futebol, o comitê considerou o compromisso de Zidane para fazer três dias de serviço comunitário com crianças e jovens como parte das atividades humanitárias da Fifa."

"Em suas declarações, ambos os jogadores salientaram que os comentários de Materazzi foram difamatórios, mas não de natureza racista", acrescentou.

"Durante as audiências, ambos os jogadores pediram desculpas à Fifa por seus comportamentos inadequados e expressaram arrependimento pelo incidente."

Zidane agrediu Materazzi com uma cabeçada no peito durante o segundo tempo da prorrogação na final de 9 de julho, vencida pela Itália nos pênaltis.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.anoticia-to.com.br/noticias.php?IdNoticia=937>
Acesso em: 25/09/2007

6.5 Papo Cabeça - Zidane e a Condição Humana⁴¹

Marcelo Aguiar

Revistaepoca.globo.com

Como a mordida do pugilista Mike Tyson, que quase arrancou a orelha do rival Evander Holyfield, a cabeçada desferida pelo notável jogador francês Zidane no zagueiro italiano Materazzi fascinou bilhões de espectadores pela carga assombrosa de surpresa. Não, aquilo não podia estar acontecendo. Não numa final de Copa do Mundo, não minutos antes de uma então previsível disputa de pênaltis em que Zidane teria papel decisivo. Não com um jogador experiente como ele. Mais que tudo, não no que seria o último jogo da carreira vitoriosa do supercraque de estilo vistoso e eficiente, um dos maiores jogadores de todos os tempos - o homem que entregou na Copa da Alemanha, com seu futebol artístico, aquilo que a Seleção Brasileira prometera.

Tudo ficou estranhamente pequeno e irrelevante comparado à cabeçada do craque

Tanto talento, tantas conquistas, tanta glória, e a imagem pela qual Zidane será lembrado pela posteridade é a da cabeçada espetacular no peito de um zagueiro tosco e artiloso que o provocou com a mais banal e infantil das técnicas: xingar a mãe e a irmã. A cena se tornou um clássico instantâneo não só do futebol, como também da psicologia. Zidane troca umas palavras com Materazzi perto da área italiana, dá uns passos rápidos em direção ao meio-campo e subitamente muda de idéia - e eis aí o instante fatal, decisivo, mais eletrizante até que a cabeçada em si. O que pensou Zidane, o maior jogador de uma Copa de futebol cinzento e medíocre, no momento em que fez a meia-volta em direção a Materazzi? A miséria humana se revelou, em sua plenitude, no gesto mesmerizante de Zidane: o primitivismo irremediável dos homens, a fragilidade patética da mente.

MISÉRIA HUMANA

Depois de trocar palavras com Materazzi, ele volta e dá a cabeçada: assim Zidane se despediu do futebol

A miséria humana marcou, também, atos secundários daquela cena épica: a delação histérica do goleiro italiano Buffon para conseguir do juiz, que nada vira, a expulsão de Zidane. E a simulação trêmula de dores de Materazzi no gramado do Estádio Olímpico de Berlim. Materazzi entrou para a história do futebol não pelo talento, mas pela astúcia e pela farsa. A festa dos jogadores italianos pelo título, a volta olímpica, a entrega das medalhas aos campeões: tudo isso ficou estranhamente pequeno e irrelevante se comparado à cabeçada com que o fabuloso Zidane se despediu do futebol.

⁴¹ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR74781-6001,00.html>
Acesso em: 25/09/2007

6.6 Zidane Pede Desculpas Por Cabeçada em Materazzi⁴²

BBC.co.uk

12/07/2006 - 19h23 GMT

O meia francês Zinedine Zidane pediu desculpas por ter desferido uma cabeçada em Marco Materazzi na final da Copa do Mundo, em Berlim, no domingo.

O jogador não revelou, no entanto, o que o italiano disse em campo. Ele confirmou apenas que era algo “muito pessoal” sobre sua mãe e sua irmã.

“Quero pedir perdão a todas as crianças que assistiram àquilo”, afirmou Zidane, em entrevista a um canal de televisão francês. “Não há desculpa para aquilo. Quero ser aberto e honesto sobre o assunto.”

Depois da cabeçada, no segundo tempo da prorrogação, Zidane foi expulso e a França acabou perdendo a Copa para a Itália, nos pênaltis.

As declarações de Zidane contradizem a versão de Materazzi, que admitiu ter insultado o francês, mas negou ter feito referência à mãe do craque.

“É o tipo de insulto que se ouve dúzias de vezes e que sai da boca para fora. Eu não chamei Zidane de terrorista e com certeza não mencionei sua mãe”, afirmou Materazzi ao jornal italiano *Gazzetta Dello Sport*.

⁴² Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2006/07/060712_zidane_daniel.shtml
Acesso em: 25/09/2007